

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Pós-Graduação em Filosofia

**DA DROMOLOGIA:
PAUL VIRILIO E A POÉTICA DO MOVIMENTO**

Maria Carolina dos Santos Rocha

Volume II

Porto Alegre
2001

ERRATA *

Volume II

Sumário		
Onde se lê	Linha	Leia-se
<i>Esthétique de la</i>	20	<i>Esthétique de la</i>

Apêndices		
<i>Esthétique</i>	4	<i>Esthétique</i>

Velocidade e Política			
Onde se lê	Página	Linha	Leia-se
dos temos	334	12	dos temas
devido a sua	348	14	devido à sua
que vem dos	348	28	que vêm dos
a República	349	9	à República
Grirondins	349	20	Girondins
do século	354	8	do século XX
a que vem	356	13	a que vêm
a revolução francesa	360	21	à revolução francesa
a Guerra Total	363	14	à Guerra Total
subjugando a lei	363	33	subjugado à lei
financeiro francês	364	6	financista francês
a Revolução Francesa	364	23	à Revolução Francesa
alada com vaso de guerra	365	29	alada em navio de guerra
a guerra do Tempo	366	4	à guerra do Tempo
a velocidade superior	369	2	à velocidade superior
construía-se	372	4	construíam-se
implica uma outra	372	26	implica numa outra
nos campo	375	14	nos campos
de mana	381	11	de maná
do petróleo (1914)	400	24	do petróleo (1974)
nos espaço	412	28	no espaço
sucede à invasão.	418	2	sucede a invasão

A Estética do Desaparecimento			
<i>Esthétique</i>	424	1	<i>Esthétique</i>
da primeiras	425	11	das primeiras
exploradas	425	12	explorados os movimentos
inicia	429	21	inicial
à da corografia	434	1	à corografia
a obra	436	16	à obra
Mandelbrodt	436	19	Mandelbrot
planetários	439	13	planetário
a intensidades	439	33	as intensidades
desincronização	440	10	dessincronização
adaptações atenuadas	440	28	adaptação atenuada
as cidades, a espada	441	6	nas cidades, na espada
isenção do imposto	442	1	à isenção do imposto
que possui o poder,	444	10	que possuir o poder,
nenhuma caso	446	20	nenhum caso
da a luz externa	449	22	da luz externa
que essas sensações	450	5	essas sensações
transcendentalistas	452	8	transcendentalistas
nos novos	452	9	dos novos
sua framentação	455	2	sua fragmentação
época fascista,	457	5	na época fascista,
a crise da representação	457	28	à crise da representação
desincronizam	459	20	dessincronizam
que seria	461	13	que teria
Consonância	461	25	Consonância
seu ritual	462	25	cria seu ritual
, uma entrada	463	31	, de uma entrada
suicidária	464	14	suicida
para-sensível	465	6	parasensível

<i>perpetuum</i>	466	25	<i>perpetuum</i>
Walt Disney	467	14	Walt Disney
essencialmente	469	11	essencialmente
transsexual	471	15	transexual
essa camuflagens	472	18	essas camuflagens
Essa a única	472	24	Essa era a única
à medida que	479	15	à medida em que
a máquina ela anda	482	9	a máquina anda
ciências exata	488	1	ciências exatas
e encontra-se em	491	28	e encontrar-se em

Espaço Crítico			
Onde se lê	Página	Linha	Leia-se
a qual	495	1	às quais
interfachadas	495	25	interfaces
origem uma	496	33	origem a uma
tanto uma quanto	498	27	tanto umas quanto
este último	502	15	esta última
mediação	508	23	mediação
acaso	509	26	ocaso
à substância	516	20	a substância
grifof	519	26	grifo
planeta estrito	522	2	planeta estreito

* Excetuando os casos nos quais o sentido possa ser prejudicado, nalaremos tão somente a primeira ocorrência do desvio ortográfico.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Pós-Graduação em Filosofia

**DA DROMOLOGIA:
PAUL VIRILIO E A POÉTICA DO MOVIMENTO**

Maria Carolina dos Santos Rocha

Orientador: Prof. Dr. Balthazar Barbosa Filho

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do Grau de Doutor em Filosofia.

Porto Alegre
2001

SUMÁRIO

Volume II

APÊNDICES.....	334
1 - <i>VITESSE ET POLITIQUE</i> - VELOCIDADE E POLÍTICA.....	336
I Parte	
1.1 - A revolução dromocrática (argumentos, temas e conceitos).....	336
1.1.1 - <i>Do direito à rua ao direito ao Estado</i>	336
1.1.2 - <i>Do direito à estrada ao direito ao Estado</i>	350
II Parte	
1.2 - O progresso dromológico (argumentos, temas e conceitos).....	359
1.2.1 - <i>Do direito ao espaço ao direito ao Estado</i>	359
1.2.2 - <i>A guerra prática</i>	368
III Parte	
1.3 - A sociedade dromocrática (argumentos, temas e conceitos).....	373
1.3.1 - <i>Corpos incapazes</i>	373
1.3.2 - <i>Assalto aos veículos metabólicos</i>	381
1.3.3 - <i>O fim do proletariado</i>	392
1.3.4 - <i>Uma segurança consumada</i>	405
1.4 - O Estado de emergência (argumentos, temas e conceitos).....	412
2 - <i>ESTHÉTIQUE DE LA DISPARITION</i> - ESTÉTICA DO DESAPARECIMENTO.....	424
2.1 - Argumentos.....	424
2.2 - Temas e conceitos.....	434
3 - O ESPAÇO CRÍTICO.....	494

APÊNDICES

1 - VITESSE ET POLITIQUE

VELOCIDADE E POLÍTICA

2 - ESTHÉTIQUE DE LA DISPARITION

ESTÉTICA DO DESAPARECIMENTO

3 - L'ESPACE CRITIQUE

O ESPAÇO CRÍTICO

APÊNDICES

Apresentamos, nestes **Apêndices**, três obras de Paul Virilio. São elas: *Velocidade e Política* (1997), *Estética do Desaparecimento* (1980) e *Espaço Crítico* (1984). Somente a primeira e a última receberam tradução para a língua portuguesa.

Por que escolher estes três títulos dentro de seu vasto repertório? Inicialmente porque pretendemos fazer uma abordagem cronológica que abrangesse os trabalhos que perfazem o período compreendido nos primeiros 20 anos de publicação de sua obra, e estes títulos completam, junto àqueles do primeiro volume, a lista que nos havíamos proposto examinar na nossa caminhada com Virilio. Fizemos isso por acreditarmos, com efeito, que neles se encontram o *hardcore*, essa espécie de núcleo central que, para nós, compõe a originalidade impactante de seu trabalho.

Na verdade, a diversidade e amplitude dos temas abordados por Virilio é, de certa forma, desconcertante para aquele que busca uma linha mestra na qual se possa 'especializar' ... A importância de cada um dos temas por ele tratados no decorrer de sua empreitada teórica mostra-nos, além da intensidade da sua busca pelos diferentes domínios do conhecimento, a riqueza e diversidade de um olhar que procura agenciar, de uma maneira um tanto insólita, a preocupação fundamentalmente política de um urbanista com aquela de um crítico implacável da cultura contemporânea.

Assim nos pareceu que a multiplicidade e importância das teses virilianas que se encontram nestes três livros não poderiam deixar de fazer parte de um trabalho que se propunha a essa análise cartográfica das articulações teóricas nodais na sua obra. Seguramente, para nós, as obras analisadas compõem as linhas mestras de suas reflexões ulteriores.

Por outro lado, embora já tenhamos no Brasil nove traduções de seus livros, que, neste momento, perfazem vinte e três títulos, Virilio continua um autor insuficientemente conhecido no nosso mundo intelectual e acadêmico.

Aquilo que diz respeito aos seus primeiros trabalhos como arquiteto e urbanista e que enfoca, por exemplo, a sua teoria urbanística da **função oblíqua** e que procura instaurar uma "cultura do corpo", é praticamente desconhecido. Podemos dar ainda outro exemplo de desconhecimento que é aquele que faz referência a seu enun-

ciado sobre a origem de um agenciamento entre política-cidade/polícia (*pólis/police*), como responsável pela articulação, primariamente, de um sistema viário, de um sistema de comunicações para fora e dentro da cidade, e que, ao tangenciar uma condutibilidade apoiada na velocidade das técnicas atuais, é suscetível de conduzir-nos a um novo tipo de totalitarismo no acompanhamento de um sistema tecnocrata intolerante. Eis uma nova faceta de um questionamento que surge a respeito de vias e horizontes, quer através da concretude da situação da tecnologia que nos confronta, quer através do desvio metafórico implementado e difundido no imaginário cultural e social.

Habitáculo, habitante e território entram aí numa conjunção incomum para constituir o tecido de uma geodésica, que traz nela as marcas de uma territorialidade mutante nos seus aspectos de positividade e de negatividade. O espaço mostra-se aí crítico, e novas medidas, novas dimensões, pedem novas vias de acesso. A *dromologia*, essa nova precipitação na qual se lança a corrida tecnológica na sua instigação ao movimento da própria sociedade, vai procurar indicar-nos as modificações que acompanham essa nova percepção criada na sua conjunção com a velocidade. Na apresentação dos Temas e Conceitos dos diferentes Apêndices, assinalamos pelo símbolo [T] a presença das teses mais significativas do autor, buscando propiciar o acompanhamento de uma compreensão dinâmica do arcabouço epistemológico das obras enfocadas.

Vejamos, pois, a seguir, argumentos e, salientemos temas e conceitos, apresentados por estas três obras neste agenciamento cartográfico, que procura evidenciar o movimento de homogeneização de uma desterritorialização que invade permanentemente este espaço de habitabilidade real e imaginária que é a Terra.

1 - VITESSE ET POLITIQUE

VELOCIDADE E POLÍTICA¹

I Parte

1.1 - A revolução dromocrática (argumentos, temas e conceitos)

1.1.1 - Do direito à rua ao direito ao Estado

Esta massa de indivíduos que a menor unidade militar apresenta ao olhar, unida numa viagem comum.

Clausewitz, 1806.

- Argumentos 1

A cidade é tão somente uma paragem sobre uma via sinóptica de uma trajetória, fronteira ou margem, onde se associam instrumentalmente o olhar e a velocidade de locomoção dos veículos e onde existe apenas a *circulação habitável*.

Vislumbrando-a sob este enfoque vemos mais claramente porque a errância revolucionária, que se estende ao longo de toda a história, faz nela seu nicho temporário e a revolução aí se manifesta como o *primeiro transporte coletivo*.

Com efeito, as revoluções dão-se como a circulação de uma presença paradoxal, onde a oposição das massas que constituem seu contingente deve ser pensada não, propriamente, entre o binômio cidade-campo, mas sim entre estação-circulação.

A massa dos militantes, consciente do caráter cinético de sua ação e da instantaneidade da sua presença mantém no fenômeno migratório da revolução, o aspecto antropológico fundamental da proletarização. Assim é que, como nos indica Virilio, tanto a utopia democrática da *ágora* antiga quanto a utopia socialista do século XIX foram *literalmente enterradas sob o vasto canteiro de obras da construção urbana* (p.22).

Na verdade a cidade nova com sua riqueza, suas organizações técnicas inéditas... seu conforto, seu saber e sua segurança, parecia um ponto fixo ideal onde vinha encerrar-se uma penosa viagem, um desembarcadouro final. E isso a tal ponto se deu, ao nível de uma análise clássica do fenômeno observado, que acabou-se por confundir urbano com urbanidade: tomou-se por um lugar de trocas sociais e culturais o que não passava de um entroncamento rodoviário ou ferroviário. Confundiu-se uma encruzilhada com a via para o socialismo (p.22).

Virilio, ao analisar os detalhes arquitetônicos do domicílio burguês, atenta para a visão panorâmica que aí se tinha daquilo que chegava e que partia, instaurando, de imediato, a possibilidade de comércio e da informação. A rua oferece o espetáculo da circulação e se torna uma nova espécie de litoral e o domicílio, um porto de transporte de onde se pode medir a importância do fluxo social, prever seus transbordamentos.

O autor reforça a hipótese de que, tanto as periferias pobres quanto o hospício, a caserna e a prisão, resolvem bem mais um problema de circulação do que o da exclusão e de que, com efeito, a interrupção do fluxo (do progresso), a brusca ausência de motricidade cria, inelutavelmente, uma corrupção quase orgânica das massas. É assim que a origem do subúrbio, ancorada a essa interrupção do fluxo que aí se efetiva, ilustra bem o processo de domesticação a que se vêem sujeitas as massas proletarizadas, necessárias à formação do plantel do qual tirará partido a burguesia. Esta última, bem menos do comércio e da indústria e bem mais do estabelecimento do domicílio fixo como valor da especulação fundiária enquanto venda e tráfico do imóvel, extrai daí, em definitivo, seu valor de proeminência, tanto monetário quanto social. De tal modo isso se verifica no decorrer da história do aparecimento do que se poderia talvez, denominar o próprio da instauração do poder burguês, que a fortaleza comunal – mesmo se continuando a ser um campo de armadilhas, assemelhando-se nisso à fortaleza da Idade Média –, estende esse campo não mais, simplesmente, ao adversário, mas ao inimigo social: o adversário mudou de natureza, e isso é crucial.

A arquitetura do castelo fortificado do colonizador feudal perde, assim, seu caráter rural e torna-se genuinamente militar. Diz Virilio: além da função militar, a muralha dessa praça forte assume uma função de classe; é a sua concepção poliorcética (a arte de fazer cercos militares) que a capacita a prolongar indefinidamente o enfrentamento social (p.25). A burguesia comunal cria assim um novo fenômeno: o da guerra prolongada e paciente que teria toda a aparência da inércia da paz, sem as efusões sangrentas da antiga guerra civil, das explosões sazonais e das movimentações violentas do campo de batalha camponês (p.25). Inicia-se dessa forma, com ela, a associação ambígua de riqueza e de produção da destruição e seria interessante lembrar aqui a circunscrição da figura do Condottieri, no Renascimento, para evidenciar como se consolidou historicamente a articulação entre o con-

trato financeiro e a técnica de manutenção de uma preparação permanente da guerra em torno da cidade.

Esse fenômeno criado pela burguesia comunal mostra com clareza em que medida o **poder burguês é militar, antes de ser econômico**, e, quando Vauban detecta *essas grandes máquinas imóveis, diferentemente fabricadas*, evidencia-se, no surgimento das praças fortes, a **permanência oculta do estado de sítio**.

Efetivamente, é a imobilidade das riquezas civis a responsável pelo estado de sítio sustentado, e a inferência daí segue que *muito tempo depois do desmantelamento da velha cidade comunal e até o século XX, quando subsistem as grandes fortificações, os militares continuam a se abastecer junto ao seu antigo empregador burguês, tornando-se lentamente compradores, e os interesses do empresário de guerra continuam mesclados no capitalismo em esquemas estratégicos permanentes*. Daí porque o triunfo político da revolução burguesa consiste em *estender, ao conjunto do território nacional, o estado de sítio da cidade-máquina comunal, imóvel no interior de seu talude logístico e de seus alojamentos domésticos* (p.28). Por outro lado, a burguesia enclausurada e perdendo a vontade própria, entra em decadência devido ao fracasso de sua técnica militar no âmbito dos conflitos terrestres. Surgindo a pólvora, não há mais, com efeito, lugares onde não se possa chegar...

A articulação hipotética de Virilio assenta-se, assim, sobre um argumento, sem dúvida, original a respeito do **poder político do Estado**. Com efeito, no plano mais material, o poder político do Estado é só *secundariamente, o poder organizado de uma classe para a opressão de outra*. Ele é, isso sim *polis, polícia, isto é, a serviço da manutenção do serviço viário*. E mais: *na medida em que, desde a aurora da revolução burguesa, o discurso político nada mais é do que a retomada mais ou menos consciente de uma série de bandeiras da velha poliorcética comunal, confundindo a ordem social com o controle da circulação (das pessoas, das mercadorias), e a revolução, o levante, com o engarrafamento, o estacionamento ilícito, o engavetamento, a colisão*. As diferentes peças do motor e do agenciamento vetorial da fortaleza continuam, na verdade, numa política dita de mudança e de progresso, a exercer esse controle primordial da massa pelos órgãos de defesa urbana. É, seguramente, por desconhecer este fluxograma, que todos os tipos de autoritarismo trazem para o primeiro plano o papel moderado dos exércitos e das polícias, com desrespeito à **ordem menosprezada da circulação política**.

Não deve ser por acaso, alerta Virilio que *às vésperas da revolução burguesa de 1789, ao corpo de engenheiros militares seria atribuída, providencialmente, uma tarefa nacional: encarregavam-se não só da construção/destruição das muralhas urbanas, mas também da expansão do talude logístico ao conjunto do território*.

No final do *Ancien Régime*, a classe militar se confunde com o pensamento da classe política burguesa, e Virilio transcreve as notas, de um oficial de marechalato em 1749 para confirmar essa simbiose: *A ordem pública reinará se cuidarmos de organizar o tempo e o espaço humano entre a cidade e o campo por meio de uma regulamentação severa do trânsito, se nos preocuparmos tanto com os horários quanto com os nivelamentos e a sinalização, se pela normalização do habitat toda a cidade se tornar transparente, isto é, familiar ao olhar policial.* Vemos então porque, se a revolução é movimento, o movimento não é, necessariamente, uma revolução. Passado o primeiro movimento, ou seja o primeiro transporte coletivo que é representado pela revolução, o socialismo esvazia-se de qualquer conteúdo – seja militar ou policial – e isso porque *o socialismo político, devido à sua natureza política – de pólis/polícia – normalmente fracassa quando cessa a aceleração da guerra civil rumo à colisão urbana.* E se a política é uma caixa de câmbio, a revolução é tão simplesmente o seu *over-drive*, ou seja, a complementação direcional da marcha de um veículo, uma vetorização diferenciada no seio de uma máquina-de-velocidade, a guerra, enquanto *continuação da política por outros meios*, seria uma perseguição policial em maior velocidade, em outros veículos. Salienta-se assim a importância e a eficácia profissional e/ou social dos desfiles realizados nas cidades, na medida em que eles são, na verdade *a melhor preparação possível dos trabalhadores para a luta pela tomada do poder.*

Compreendemos então que, quando o autor diz que a *Revolução Francesa é tão somente a organização racional de um rapto social*, ele quer com isso mostrar em que medida o movimento das massas, com efeito, prefigura uma nova organização dos fluxos de circulação e, mais ainda, salienta como a Revolução Francesa aparece como rapto social, que busca dissuadir a massa móvel das ruas. O levante em massa de 1793 é o *rapto das massas* e o próprio discurso que se difunde através da propaganda revolucionária afasta e dissuade a massa móvel na medida em que designa que o novo Estado revolucionário não está ali, na rua, e sim lá longe, na imensidão de uma campanha universal e intemporal.

Agora, nessa situação, o território que a burguesia passa a oferecer aos seus convocados constitui-se, mais precisamente, *nas estradas da Europa*, ou seja, todas as estradas francesas tornam-se, subitamente, nacionais (e Virilio lembra aqui o Direito Romano que já prognosticava *ubi pedes, ibi patria*: onde estão os pés está a pátria)! A revolução aparece, assim, como *um desvio do velho assalto social* e a mecânica da marcha do canto nacional (A Marselhesa) estimula a energia cinética das massas revolucionárias na ofensiva perpétua, num assalto permanente ao Tempo. Assim: *O homem no campo de batalha, aparentemente só tem salvação introduzindo-se de maneira suicida na própria trajetória da velocidade dos engenhos... os novos veículos balísticos tornam a fuga inútil; eles vão mais de-*

*pressa e mais longe que os soldados, eles os alcançam e os ultrapassam. E, atônitos, frente à aurora dessa Guerra Total que foi levada, decididamente, para fora da cidade, terminamos o artigo quando Virilio afirma que o *fronte, doravante, é apenas uma isóbara guerreira renovando os antigos ritos da fundação* (p.36).*

- **Temas e conceitos**

p.19

- A **massa** não é um povo, uma sociedade; ela é uma multidão de *passantes*.
- **Circulação** como presença paradoxal: eis o que se verifica nas revoluções.
- **Revolução**, produtora de velocidade.

O contingente revolucionário atinge sua forma ideal *na rua* onde ele *não mais é motor (máquina de assalto), mas produtor de velocidade*.

p.20

- **Rua/ocupação** por bandos revolucionários.
Conservar a rua é mais importante para os bandos revolucionários do que ocupar edifícios.
- Goebbels: conquista da rua é conquista do Estado.
Em 1931 (antes da tomada do poder pelos nacional-socialistas alemães) afirmava: *quem conquistar a rua conquistará o Estado*.
- Conglomerado da capital e **linguagem de massa**: surgimento paralelo.
O conglomerado informe da capital exigiu a invenção de uma nova linguagem de massa, primeira forma de expressão animada e galvanizante (dizia Goebbels).
- **Exército operário**, sua condução é aquela dos dromomanes.
- **Dromomanes**: desertores da época do Antigo Regime.

Em psiquiatria, diz-se da dromomania, que ela é uma mania deambulatória.

Assim como a rebelião recompõe a matilha original dos caçadores/das razias (incurções predatórias em território inimigo), assim, conduzir os soldados perdidos do exército operário é conduzir os dromomanes ao ataque.

p.21

- **Propaganda**, Goebbels (arauto do audio-visual na Alemanha) diz: *A propaganda deve ser feita diretamente pela palavra e pela imagem, não pelo escrito*.

– **Desaceleração.**

O tempo de leitura implica o de reflexão, uma desaceleração que destrói a eficiência dinâmica da massa...

– **Errância revolucionária:** é a organização do primeiro transporte coletivo e revolução.

[T]² Ao longo da história houve sempre esta errância que sugere a oposição entre estação/circulação.

– **Revolução Francesa/1789:** oposição estação/circulação.

A interpretação dos acontecimentos desde então não deveriam sugerir a clássica oposição cidade/campo, mas bem mais a oposição estação/circulação.

– **Cidade-campo:** Oposição.

– **Estação-circulação/Oposição.**

– **Cidades/Paragem/Traçados urbanos.**

A cidade não foi prioritariamente percebida como *habitat* humano penetrado por uma via de comunicação rápida (rio, estrada, litoral, via férrea). A cidade é apenas uma paragem, um ponto sobre a via sinótica de uma trajetória, antigo talude de fortificação militar, fronteira ou margem, *onde se associam instrumentalmente o olhar e a velocidade de locomoção dos veículos... existe apenas a circulação habitável.*

– **Cidade/circulação habitável.**

Esta noção aparece no seu arcabouço teórico, mais explicitamente em *Architecture Principe: O Potencialismo, fascículo 3.*

– **A massa supertreinada de militantes.**

Está consciente do caráter cinético de sua ação, da instantaneidade de sua presença.

– **Ação/Caráter cinético da massa militante.**

Armada com aparelhos audiovisuais, câmeras, gravadores.

p.22

– **Instantaneidade da presença:** propiciada pela aparelhagem técnica.

– **Fenômeno migratório:** eis o aspecto antropológico fundamental da revolução, da proletarização.

– **Utopia socialista século XIX/Utopia democrática da ágora antiga.**

Foram ambas *literalmente enterradas sob o vasto canteiro de obras da construção urbana.*

(Obs.: o autor pretende desvincular a idéia de utopia e de revolução da própria cidade como o centro de formação das idéias e, sobretudo, das ações. Percebemos aqui os embriões do artigo *Veicular*, nessa coletânea que fala do nomadismo e dos vagabundos urbanos, e onde Duvignaud diz *Le nomadisme est la génèse utopique de l'homme à venir*, p.39.

- **Urbano/Urbanidade:** confusão entre os dois.

[T] Não se pode continuar a confundi-los. *A cidade nova com suas riquezas, suas organizações técnicas inéditas, suas universidades, seus museus... parecia um ponto fixo ideal onde vinha encerrar-se uma penosa viagem, um desembarcadouro final da migração das massas e de suas esperanças depois de uma travessia perigosa.* Por isso se confunde urbano e urbanidade, que se tomou por um lugar de trocas sociais e culturais. Na verdade isso não passava de um entroncamento rodoviário ou ferroviário. *Confundiu-se uma encruzilhada com uma via para o socialismo.*

- **Urbanidade:** um entroncamento rodoviário ou ferroviário.

- **Domicílio burguês** na sua relação com comércio e informação.

Os detalhes arquitetônicos desse domicílio permitiam uma visão panorâmica do que chegava e partia.

- **Espetáculo da rua** é a circulação.

O movimento de progressão, de peregrinação que inundou a Idade Média.

p.23

- **Rua:** um novo litoral e domicílio: um porto de transporte.

De onde se pode medir a importância do fluxo social, prever seus transbordamentos.

- **Enclausuramento urbano:** circulação ou exclusão?

[T] Para Virilio na circulação está a chave da interpretação do enclausuramento urbano, na medida em que a *interrupção do fluxo (do progresso) cria inelutavelmente uma corrupção quase orgânica das massas.*

- **Massa,** corrupção orgânica da.

Ela se efetiva na interrupção do fluxo, na ausência de motricidade.

- **Interrupção do fluxo/origem** do subúrbio.

Daí viria a origem do subúrbio onde *as condições de exploração das massas proletarizadas ilustram a definição de domesticação de Geoffroy Saint-Hilaire: domesticar um animal é habitá-lo a viver e a se reproduzir nas habitações do homem ao seu lado.*

- **Exploração das massas:** situa-se na sua domesticação.

p.24

- **Alojamento,** direito ao.

Ele não seria o direito à cidade, mas às condições de domesticação necessárias ao plantel proletário, no galinheiro do castelo, nos subúrbios da praça forte, etc.

- **Alojamento provisório** impõe o afastamento da moradia.
Tal como o estábulo ou o cercado, o alojamento provisório das massas migrantes implica seu relativo afastamento da moradia dos homens, isto é, da cidade.
- **Domicílio fixo:** valor monetário e social da burguesia.
A burguesia tirará seu valor (monetário, social) menos do comércio e da indústria e mais da implantação da estratégia que estabelecia o domicílio fixo como valor (monetário, social) da especulação fundiária enquanto venda e tráfico do imóvel (do imobiliário).
- **Poder burguês:** instauração da implantação estratégica da especulação fundiária; sua relação com a revolução comunal.
- **Castelo fortificado:** perde caráter rural e torna-se militar.
- **Fortaleza antiga e fortaleza da Idade Média:** diferenças.
Esta última, graças à organização arquitetônica de seus espaços internos, *permite prolongar indefinidamente o combate.* Este recinto fortificado cria um campo artificial e faz desse campo um palco, onde a coação é exercida tanto ao nível físico quanto psicológico.
- **Vauban/construção de um universo topológico.**
A fortaleza da Idade Média evita a carnificina e evita o inimigo ao construir um universo topológico com um conjunto de mecanismos capaz de receber uma forma definida de energia (a massa móvel dos agressores, no caso), *transformá-la e, finalmente, restitui-la sob uma forma mais apropriada.*

p.25

- **Fortaleza comunal:** campo de armadilhas.
Organizada sob o mesmo princípio que a fortaleza da Idade Média, ela continua sendo um campo de armadilhas estendida ao adversário mas, agora, o inimigo é social. A muralha da fortaleza passa a assumir uma função de classe: *é a sua concepção poliorcética que a capacita a prolongar indefinidamente o enfrentamento social criando uma espécie de guerra prolongada e paciente, diversa das movimentações do campo de batalha camponês.*
(Poliorcética = adj. do grego *poliorkêtês*, *prenneur de villes*, o invasor das cidades. A arte de fazer cercos militares).
- **Burguesia comunal:** cria novo fenômeno.
Cria a inércia da paz, uma guerra prolongada e paciente.

- **Poder burguês** é militar antes de ser econômico.
Ele se relaciona mais precisamente à *permanência oculta do estado de sítio, ao surgimento das praças fortes, essas grandes máquinas imóveis diferentemente fabricadas*, dirá Vauban.
- **Decadência da burguesia**/fracasso da técnica militar [pólvora].
A burguesia, enclausurada e perdendo a vontade própria, entra em decadência devido ao fracasso de sua técnica militar (no âmbito dos conflitos terrestres) visto que, com o surgimento da pólvora, não há mais lugar inexpugnável.
- **Mercenários**, papel dos.
Clausewitz mostra como eles são os únicos capazes de fornecer um conselho técnico e de engenheiro/fabricante de engenhos, ao empresário militar das grandes cidades européias.

p.26

- **Engenheiros militares** destróem cidadela burguesa.
São os primeiros capazes de proteger ou destruir as seguranças privadas no interior da cidadela burguesa. Para Virilio, é desta conjuntura *não expressa de onde sairão as classes antropófagas, não somente a burguesia mas a classe militar permanente*.
- **Classes antropófagas**: engenheiros militares/empresários de guerra.
[T] Detentores do poder de construção e destruição daquilo que eles produzem. Esta classe é a *empresária da guerra e está na origem dos exércitos do Estado e, mais tarde, do complexo industrial-militar*.
- **Burguesia comunal**/produção da destruição.
Traz em si a mesma *associação ambígua de riqueza e de produção da destruição*, aliás, a mesma dos *condottieri*.
Condottieri - Obs.: Aquele que detém uma condotta, ou seja, um contrato militar para o levantamento e comando das tropas. É extremamente interessante a leitura deste verbete no *Dicionário do Renascimento Italiano*, R. Janeiro, Zahar ed. 1988, p.105-6.
- **Circulação/aglomeração urbana**.
Onde há o primeiro, surge o segundo. *As condições que facultaram o nascimento das grandes cidades são as mesmas que tornaram importantes os pontos estratégicos, diz Vauban, e, até o século XX quase sempre se decidiu transformar os centros mais populosos em grandes fortalezas*.

– **Militares e civis/Mistura.**

A Defesa Nacional continuou misturando, de maneira quase medieval, os militares aos civis, cujos recursos não deixavam o exército indiferente pois eram os próprios fundamentos do Capitalismo.

– **Riquezas civis** (sua imobilidade) permite estado de sítio sustentado.

É a imobilidade das riquezas dos civis que permite sustentar o estado-de-sítio.

– **Praça forte** é uma máquina imóvel e o engenheiro militar luta contra sua inércia.

p.27

– **Fortificação** não contém os exércitos, domina-os e até facilita seus movimentos.

A arte defensiva deve estar em contínua transformação: estacionar é morrer.

– **Fortaleza comunal/Cidade máquina/Praça forte.**

No século XVIII muitos engenheiros fazem a abstração das tropas, como se a fortaleza comunal pudesse funcionar sozinha, e os próprios militares aparecem como dependentes da concepção geral da praça forte.

– **Capitalismo/Empresários de guerra.**

Muito tempo depois do desmantelamento da velha cidade comunal e até o século XX, quando subsistem as grandes fortificações, os militares continuam a se abastecer junto a seu antigo empregador burguês, tornando-se lentamente compradores, e os interesses do empresário de guerra continuam mesclados ao capitalismo em esquemas estratégicos permanentes.

p.28

– **Revolução burguesa, triunfo político da.**

Consiste em estender, ao conjunto do território nacional, o estado de sítio da cidade-máquina-comunal, imóvel no interior do talude logístico e de seus alojamentos domésticos.

– **Estado, poder político do.**

Este só é pois, secundariamente, o poder organizado de uma classe para a opressão de outra.

– **Estado é pólis, é polícia: serviço de manutenção do sistema viário.**

[T] *Num plano mais material, ele é pólis, polícia, isto é, serviço de manutenção do sistema viário, na medida em que, desde a aurora da revolução burguesa, o discurso político nada mais é do que a retomada mais ou menos consciente de uma série de bandeiras da velha poliorcética comunal, confundindo a ordem social com o controle da circulação (das pessoas, das mercadorias), e a revolução, o levante, com o engarrafamento, o estacionamento ilícito, o engavetamento, a colisão.*

– **Estado é poliorcética comunal.**

Confunde a ordem social com o controle da circulação das pessoas e mercadorias.

- Volta à **poliorcética burguesa**: França, eleições municipais (1977).
Discurso da oposição volta ao esquema retrógrado da poliorcética burguesa, confundindo a aptidão para o movimento da massa, com a aptidão para o assalto.
- **Estado**: grande máquina imóvel/estado-máquina/planeta-máquina.
Essas mudanças são aquelas da política de progresso, de mudança mas, por trás delas está a *megalópole elétrica, da cidade que não pára, a silhueta escura da velha fortaleza lutando contra sua inércia e para quem parar, significa morrer.*
- **Fortaleza da poliorcética** lutando contra a inércia.

p.29

- **Defesa Urbana**, seu aparato são peças do motor da fortaleza.
Todo o aparato desenvolvido pela defesa urbana é um controle primordial da massa pelos órgãos da defesa urbana, assim como o aparato montado pela fortaleza.
- **Regimes autoritários** e o papel dos exércitos e polícia.
É próprio do autoritarismo, seja qual for sua ideologia, trazer para o primeiro plano o papel moderado dos exércitos e das polícias (atente-se também para a sua rivalidade), com *desrespeito à ordem menosprezada da circulação política.*
- **Totalitarismos**: controle estatal da circulação das massas.

[T] *Pode-se mesmo dizer que a ascensão do totalitarismo é perfeitamente equiparável ao desenvolvimento do controle estatal sobre a circulação das massas e, portanto, desde a origem.*

- **Corps de génie**: século XVII.
Esta subdivisão técnica das forças armadas francesa é encarregada das fortificações, organização do terreno e vias de comunicação, e substituirão os engenheiros. *Génie* seria a arte do ataque e da defesa dos postos, dos locais, etc.

p.30

- **Engenheiros militares** são os sacerdotes da civilização.
Assim os denomina Saint Simon, depois do declínio da figura do castrametador.
- **Castrametador**: Arte de assentar acampamentos/encarregado de ensinar a arte de delimitar os campos e cidades fortificadas com traçados geométricos. Não era uma arte especificamente militar e sim uma espécie de reino da geometria descritiva projetada sobre os locais e *sobre o conjunto da natureza.*

Na Insegurança do Território, Virílio já chamara nossa atenção, ao dizer: *a geometria é a base necessária para uma expansão calculada do poder do Estado no espaço e no tempo, portanto, o Estado possui em si, inversamente, uma figura suficiente, ideal, contanto que ela*

seja idealmente geométrica (...). Mas Fénelon, opondo-se à política de Estado de Luiz XIV, diz: *Desconfiem dos feitiços e dos atributos diabólicos da geometria!*

– **Classe Militar/Ancien Régime.**

A primeira não se aventurava nos Estados-Maiores do *Ancien Régime* a apresentar alguma unidade de pensamento ou uma grande criatividade estratégica. A única atividade militar que reivindica uma continuidade no plano das idéias é o *projeto logístico da fortaleza urbana*.

– **Fortaleza urbana, projeto logístico.**

É dessa carga logística equívoca que nasce o amálgama do planejamento dos combates e da organização do territórios, batizada de Defesa Nacional pela revolução burguesa.

– **Defesa Nacional, o que é na revolução burguesa?**

O amálgama do planejamento dos combates e da organização dos territórios.

– **Vauban/novo sistema militar onde as bases da guerra são geopolíticas e universais.**

Precursor do projeto logístico da fortaleza urbana, ele acredita que a geografia humana não pode ficar à mercê da sorte e sim de *técnicas de organização capazes de controlar espaços mais ou menos vastos, impérios mais ou menos duradouros. Este novo sistema militar englobava, além do antigo sistema viário, a previsão econômica, os problemas genéticos, alimentares, etc.*

Vitrúvio, Marcus Pollio - Obs.: Arquiteto romano do século I a.C. Atribui-se-lhe o Tratado *de Architectura*, dedicado a Otávio. É um precioso tratado no que diz respeito à arquitetura da época.

p.31

– **Pensamento militar de planificação funcional versus pensamento da classe política burguesa: confusão entre ambos.**

No final do *Ancien Régime* ambos se confundem. Na classe política burguesa se destaca seu gosto pela nomenclatura racional, sua incansável atividade de escriba totalitária (enciclopedista), fazendo-se essa osmose à porta das cidades, membrana permeável entre a estrada e a rua.

– **Estrada e rua: osmose entre pensamento militar e pensamento da classe política burguesa.**

O chefe da primeira municipalidade pariense era o patrão da Hanse [=os mercadores da água que traficavam com o uso dos rios]. A prefeitura controlava o porto de areia e a nave seria o emblema veicular dessa nauta-cidade.

– **Ordem pública/olhar policial.**

Em 1749 (séc. XVIII) Guillaute, um oficial do marechalato diz: *A ordem pública reinará se cuidarmos de organizar o tempo e o espaço humano entre cidade e campo por meio da regulamentação severa do trânsito... se pela normalização do habitat toda a cidade se tornar transparente, familiar ao olhar policial.*

– **Revolução, primeiro transporte coletivo.**

Passado, esgotado esse primeiro momento da revolução, ou seja, o de ser o primeiro transporte coletivo, observa o autor que o socialismo esvazia-se de qualquer conteúdo-militar (A Defesa Nacional) e policial (a segurança, a denúncia, os campos militares).

– **Socialismo:** esvaziado de conteúdo militar e policial.

[T] Passado o primeiro movimento, ou seja, o primeiro transporte coletivo que representa a revolução, o socialismo é esvaziado de qualquer conteúdo. Por que? Porque o socialismo político devido a sua natureza política (de *pólis*, *polícia*) normalmente fracassa quando cessa a aceleração da guerra civil rumo à colisão urbana, pois que guerra e a colisão urbana têm velocidades diferentes.

– **Revolução é movimento, mas movimento não é revolução.**

p.32

– **Política é uma caixa de câmbio/a Revolução é o *over-drive*.**

A revolução é apenas o *over-drive*, ou seja, a complementação direcional da marcha de um carro, um novo agenciamento de condução de uma marcha.

– **A Guerra é a continuação da política por outros meios.**

Ou, ainda, uma perseguição policial em maior velocidade, em outros veículos.

– **Desfile nas ruas:** eficácia social e profissional de tal performance.

O jornal *Pravda* já lembrava recentemente que *o desfile nas ruas é a melhor preparação possível dos trabalhadores para a luta pela tomada do poder.*

– **Rei (sua pessoa física)** significava a presença do Estado no lugar, o seu *estar-lá*.

Da mesma forma as massas proletárias que vem dos subúrbios, ao entrar em Paris e andar nas suas ruas são *formas concretas de diminuir uma distância social e política real e mensurável entre a massa e o poder constituído do Estado burguês.*

– **Movimentos de Massa (Ancien Régime)**

Prefigurava nova organização dos fluxos de circulação chamada Revolução Francesa.

– **Revolução Francesa.**

[T] É tão-somente a organização racional de um rapto social. Rapto porque afasta e dissuade a massa móvel e diz que o novo Estado não está ali, na rua, mas na imensidão de uma campanha universal e intemporal.

p.33

- **Propaganda revolucionária**, discurso de dissuasão da massa.

Ela afasta e dissuade a massa móvel ao dizer que o novo Estado revolucionário não está ali (na rua, na cidade) mas longe, na imensidão.

- **Direito Romano**: *Ubi pedes, ubi patria* (Onde estão os pés está a pátria).

Enquanto a República se atribui novas propriedades e bens imobiliários para si própria no local, a burguesia oferece a seus convocados, as estradas da Europa. Assim como dizia o Direito Romano, com a Revolução Francesa, *todas as estradas tornam-se nacionais*.

- **Sans-culotte**/Dromomanes.

(*Sans culotte* = sem calças. Nome pelo qual os aristocratas designavam, na Convenção, os revolucionários que tinham substituído as cuecas pelas calças).

Virilio procura mostrar como esses dromomanes precedem os levantes em massa de 1793, assim como as Seções de Assalto Hitlerianas precedem a mobilização alemã para a Guerra Total.

Obs.: 1793-94: La Terreur (O Terror) foi um período revolucionário que se abateu sobre a França após a queda dos Girondins (31 Maio/93) até a queda de Robespierre (27 Julho/94).

- **Revolução** é um desvio do velho assalto social.

p.34

- **Energia cinética** do canto revolucionário.

A Marselhesa era um canção de estrada cadenciando a mecânica da marcha.

- **Tropas de Assalto**/Tropas Rápidas.

A salvação está no assalto simplesmente porque os novos veículos balísticos tornam a fuga inútil; eles vão mais depressa e mais longe que os soldados, eles os alcançam e os ultrapassam.

- **Movimento e Guerra**: a aptidão para um é a aptidão para o outro.

No campo de batalha, o homem aparentemente só tem salvação introduzindo-se de maneira suicida na própria trajetória da velocidade dos engenhos.

p.35

– **Hegel.**

Exprime a inconsciente metáfora dinâmica ao escrever em 1807 sobre os revolucionários franceses.

– **Nacional-socialistas alemães/força motriz.**

Com a guerra relâmpago nacional-socialista, o antigo obsoleto muro-fronteira desaparecia, substituído ostensivamente pela via rápida. A nação alemã já não estava mais sob suas botas, símbolo do seu exército, mas sob as esteiras dos seus carros, na força motriz de seu fronte de aço.

p.36

– **Fronte, o:** uma linha (imaginária) isóbare que renova os ritos de fundação.

Doravante ele é apenas uma isóbare (linha imaginária que, em uma carta, une todos os pontos da superfície da terra de igual pressão atmosférica, esses pontos são considerados como se estivessem ao nível do mar) guerreira renovando os antigos ritos da fundação.

– **Guerra Total/Dromocrata.**

Para o dromocrata da Guerra Total, a cidade antes tão cobiçada não está mais na cidade. E Varsóvia, declarada arcaicamente cidade aberta, é destruída em setembro pelos ataques aéreos.

1.1.2 - Do direito à estrada ao direito ao Estado

- **Argumentos 2**

O autor procura mostrar como, ao esvaziar as ruas, terminam-se as revoltas. O objetivo político dentro de tal escopo é o de oferecer esporte e transportes para que o povo fuja à tentação da rua. Virilio relata como nos anos 30, nos USA, supera-se a crise econômica através do discurso político que articula a capacidade de transporte através de uma produção em série de automóveis (a Ford desde 1914 empenhava-se nisso). Essa capacidade de transporte através da produção efetiva é, na verdade, um *assalto social, uma revolução*. Por sua vez essa revolução transforma as necessidades do consumidor, ao mesmo tempo em que:

- a) remodela o território (por exemplo: construir cada vez mais estradas) e
- b) aprimora o grande corpo automotivo (carrocerias exageradamente grandes), mesmo se a dirigibilidade é precária e a potência do motor do carro também o é.

Procura-se aí, com efeito, limitar o poder de assalto extraordinário que a motorização das massas desenvolve. Sob o ângulo psicológico, as limitações quanto às interdições da embriaguez da velocidade e da embriaguez alcoólica acenam para a constituição, pelo Estado, de um novo porvir, de um novo futuro. Estabelece-se, assim, *o vínculo entre as proibições veiculares e a constituição de um novo Estado*. Na constituição desse novo Estado o autor mostra como o estímulo e incentivo ao estudo da mecânica automobilística (nos milhares de jovens motoristas) gera e conduz à capacitação da construção bélica. Mas, mais amplamente ainda, ele quer indicar que a *aptidão ao movimento que possui a massa inorgânica, constitui-se numa solução social que é explorada permanentemente*, e não só pelos países industrializados. Nesse contexto surge o exemplo em 1848 da revolução dos três 8 (= 8 horas trabalho/8 de sono/8 de lazer). Essa guerra do tempo acaba criando uma unidade entre todos os partidos e mesmo entre todos os movimentos revolucionários: dos moderados aos extremistas. A respeito da revolução das 8 horas, é curioso constatar como as férias acabam se transformando em férias remuneradas e estas, em viagens, ou seja, em movimento.

Mas, se 1789 pretendia ser um movimento que se revoltava contra a sujeição, a obrigação à imobilidade (reportando-nos com isso ao estatuto da servidão feudal: restrição à moradia/prisão arbitrária/), verifica-se que, paulatinamente, a liberdade de ir e vir transforma-se em coação à mobilidade, em obrigação ao movimento. Sob este ângulo, o levante de massa de 1793 é, pois, considerado pelo autor como *a primeira ditadura do movimento*, ditadura esta que, sutilmente, substitui a liberdade de movimento próprio aos primeiros dias da revolução. Efetivamente, para Virilio, a realidade do poder desse primeiro Estado *capitaliza o movimento* (além de capitalizar a violência que aparece num primeiro estágio da revolução). Dessa feita, a revolução vai oferecer às classes dominantes – burguesia industrial e militares – seu proletariado específico, exercendo as duas funções da base proletária mobilizada: 1) o proletariado industrial (ou exército operário): que permanece encerrado no vasto acampamento militar do ter-

ritório nacional; e 2) o proletariado militar do exército de massas que compõe a Nação e é atirado sobre o território viário.

E, enquanto a burguesia industrial *capitaliza os gestos produtivos do proletariado industrial*, a classe militar *capitaliza o ato destrutivo da massa móvel*, ou seja, a produção da destruição, que é realizada pelo poder de assalto do proletariado. A história mostra, aliás, que a degenerescência das burguesias enclausuradas é que conduz, fatalmente, à degradação das massas produtivas e à ascensão dos métodos de proletarização militar do Estado. Métodos estes que, historicamente chegam ao paroxismo e, encontram-se, tanto nos Estados marxistas que inicialmente aparecem como ditaduras da motricidade num totalitarismo programado, explorando todas as formas de movimento de massa, quanto em regimes como os do Camboja após a queda de Phnom Pehn, que acabam por transformar-se num vasto acampamento militar. *As ditaduras do proletariado nada mais são, pois, do que ditaduras do movimento* (do ato). Elas são perpassadas por um sincronismo numa velocidade específica que adapta, reeduca os corpos, pretendendo consertá-los. Nessa reeducação *o delinqüente ou dissidente ideológico não é mais considerado um adversário político... o dissidente é um corpo, sua dissidência um delito postural. Não há tanto um delito de opinião mas delito gestual: é a superação da confissão.*

Atenção especial é dada aqui à mudança de estatuto que se estabelece para a *confissão* desde a Idade Média até a época atual da informatização. Na Idade Média *o corpo é conhecedor da verdade e deve deixá-la escapar à revelia de sua vontade*. No séc. XIX a tortura é abolida porque se acredita que todo ato (vale dizer, todo movimento humano) deixa uma impressão material involuntária. Agora, é como se as provas falassem cientificamente, são elas que falam no lugar do suspeito, apresentando seus indícios materiais segundo um discurso-percurso coerente. A partir de provas materiais idênticas é possível extrair diversos discursos coerentes mutuamente excludentes, pela simples modificação da ordem das matérias.

Quando a confissão passa a se estabelecer através de testes, o relato do crime não é mais feito pelo autor. Este tipo de confissão relaciona-se ao ressurgimento de *zonas de marginalização nos sistemas urbanos*. A esse nível, levando-se em conta a presença da informática, as lacunas e os azares derivados da ordem das matérias podem, mesmo, vir a desaparecer, tornando o discurso muito próximo de uma acusação absolutamente

coerente, capaz mesmo de *dispensar a confissão do acusado*. Na verdade, esse *delito gestual* incide nessa reeducação dos corpos que são sincronizados dentro de uma velocidade específica e, podemos compreender em que medida *o socialismo pode, assim, reduzir-se a uma socialização da informação*.

Por outro lado, parece normal a Virilio que a revolução política resultasse de uma redistribuição do poder policial aos militantes e isso, na medida em que, desde o *Ancien Régime*, os agentes militares estão atrelados ao estabelecimento de uma transparência social, à observação das posturas e dos movimentos não adequados ao corpo social e a uma vigilância telúrica (projetando um futuro para o poder). Com efeito, a idéia política das **Nações em Marcha** de 1789 não nasce dos filósofos ou ideólogos, mas dos chefes militares, os capitalizadores do ato produtivo, os verdadeiros ditadores do movimento que ensejam o aparecimento nas massas do novo proletariado militar. Na metade do sec. XIX, com o triunfo da artilharia e a generalização da guerra de máquinas esse novo proletariado torna-se um projétil justificando a metáfora de Lenin ou de Mao quando dizem que o povo seria a força motriz da história ao conquistar novas fontes de energia. Os corpos, vetores dinâmicos e veículos da história mostram que esta última, assim como a ciência militar, diz respeito *a uma percepção persistente do cinetismo dos corpos*.

- **Temas e conceitos**

p.37

- **Regime nazista** esvazia ruas.

Ao oferecer esportes e transportes ao proletariado acabam-se as revoltas. Percebe-se isso no objetivo político de fabricação da Volkswagen: oferecer as estradas.

- **Revolução dos transportes** e corrida ao poder migrante da civilização americana: paralelos.

As grandes figuras do gangsterismo americano começam na rua: mendigos, estrangeiros.

p.38

- **Assalto dromocrático** feito às cidades e episódio técnico dos anos 20 nos USA.

É resultante de uma massa migrante vinda da Europa e Ásia. Gangsters italianos transformam-se, na última guerra, em bons cidadãos americanos.

- **Crise econômica, anos 30 (USA).**

Supera-se esta crise curando-se as massas americanas da tentação da rua. A essência do desvelamento do discurso político americano está na sua *capacidade de transporte* pela produção em série de automóveis (na Ford, desde 1914), o que, com efeito, se transforma num *assalto social*, numa revolução.

- **Revolução da produção** produz assalto social.

Transformação das necessidades do consumidor ao remodelar o território. No começo do século existiam apenas de 400 kms de estradas nos Estados Unidos.

- Carroceria exagerada (grande corpo automotivo) denota a permanência da revolução social e do **sistema viário político**.

Se isso significava, por um lado o progresso na *american way of life*, pelo outro lado sua dirigibilidade é precária e seu potente motor é contido. O que está em curso é o sistema viário político, que visa limitar o poder de assalto extraordinário que a motorização das massas desenvolve.

p.39

- **Proibição Veicular/novo Estado.**

A frustração imposta ao condutor quanto à embriaguez da alta velocidade e da embriaguez alcoólica é, igualmente, a constituição pelo Estado, de um novo porvir.

- Estudo da mecânica automobilística leva à capacidade de **construção bélica**.

De uma margem à outra, um discurso simétrico se desenvolve.

- **Movimento:** aptidão da massa inorgânica enquanto solução social.

A exploração permanente deste movimento não é exclusiva dos países industrializados. Virilio dá o exemplo da revolução dos três 8 (em 1848) – 8 horas de sono, de trabalho e de lazer – como uma espécie de guerra do tempo que cria uma unidade entre todos os partidos e entre todos os movimentos revolucionários, dos moderados aos extremistas.

p.40

- **Massas giróvagas** e sua disponibilidade para batalha política.

- **Discurso dromocrático/sua manipulação** pelos políticos da burguesia.

Quais seriam suas verdadeiras intenções revolucionárias?

- **Coação à imobilidade** transforma-se numa coação à mobilidade.

[T] *Os eventos de 1789 pretendiam ser uma revolta contra a sujeição, ou seja, a coação à imobilidade que era simbolizada pela antiga servidão feudal... revolta contra a restrição à moradia e à prisão arbitrária. O que ninguém imaginava era que essa liberdade de ir e vir poderia se transformar em coação à mobilidade.*

p.41

- **Ditadura do movimento:** levante de massa de 1793.

Este levante é considerado pelo autor como a primeira ditadura do movimento que, sutilmente, substitui a liberdade do movimento dos primeiros dias de revolução.

- **Capitalização do movimento:** poder primeiro do Estado.

A realidade do poder nesse primeiro Estado é a capitalização do movimento, e vai pois, além da capitalização da violência. Essa capitalização do movimento a tal ponto se dá que a Tomada da Bastilha aparece como um erro, na medida em que *o famoso símbolo do encarceramento era uma fortaleza já vazia e não havia mais ninguém para libertar.*

- **Revolução/Proletariados específicos.**

[T] A Revolução oferece às classes dominantes seu proletariado específico:

- a) proletariado militar do exército de massas: que compõe a Nação em marcha, e é atirado sobre o território viário;
- b) proletariado industrial (ou exército operário): que permanece encerrado no vasto acampamento militar do território nacional.

Estas são as duas funções da *base proletária mobilizada* (legisladas pela Convenção de 1793) que diz: *Os jovens irão à luta enquanto os homens casados, as mulheres e as crianças ficarão adstritos à fábrica, em suma, ao aprovisionamento logístico.*

- **Burguesia industrial.**

[T] Ela *capitaliza os gestos produtivos* do proletariado industrial.

- **Classe militar.**

[T] Ela *capitaliza o ato destrutivo* da massa móvel, a *produção da destruição* realizada pelo poder de assalto do proletariado.

- **Degenerescência das burguesias enclausuradas.**

[T] Ela *conduz, fatalmente, à degradação das massas produtivas e à ascensão dos métodos de proletarização militar no Estado.*

p.42

- **Movimento de proletarização militar,** o paroxismo do.

Os Estados marxistas, que aparecem, inicialmente como ditaduras da motricidade num totalitarismo programado e explorando todas as formas de movimento de massa, transformam-se, ulteriormente (ex. Camboja após queda de Phnom Penh), num vasto acampamento militar.

- Camboja: a antítese do esquema da **revolução burguesa**.

É o fim trágico do cerco da fortaleza comunal tomada enfim por seus assaltantes.

- **Mobilização proletária/Vietnã.**

...eis a singeleza de um poder que se limita à coação e ao adestramento dos corpos..

- Ditadura do proletariado é **ditadura do movimento**.

[T]Esta ditadura é tão somente a ditadura *do movimento (do ato) que revelam as grandes festas totalitárias, com suas imensas multidões cinéticas sempre tão enaltecidas nos países do Leste quanto na era do fascismo(...) sincronismo que integra indivíduos em formações geométricas....*

p.43

- **Campos de reeducação:** programação mecânica dos corpos.

É para onde são enviadas pessoas sem julgamento e que mostram perfeitamente a que vem: reeducar, ou seja, programar mecanicamente os corpos dos enfermos ou dos deficientes, pretendendo consertá-los. Aqui, o dissidente é um corpo, sua dissidência, um delito postural. Não há tanto delito de opinião mas delito gestual: é a superação da confissão.

- **Delito gestual.**

[T] Aquele que substitui o delito de opinião. Supera-se através dele o próprio ato da confissão.

- **Confissão e sua mudança de estatuto.**

[T] Virílio procura estabelecer a mudança do estatuto da própria confissão desde a Idade Média, fazendo alusão indireta à Inquisição, até a época informacional.

Na Idade Média a pergunta é feita sob tortura a um corpo conhecedor da verdade que deve deixá-la escapar à revelia de sua vontade. No séc. XIX a tortura é abolida porque se percebeu que todo ato (todo movimento humano) deixa um traço externo, alguma impressão material involuntária... Passa-se então a fazer falar cientificamente as provas. De certa forma, são as provas que confessam no lugar do suspeito.

Os anglo-saxões (com sua justiça colocada na forma teatral de um diálogo) viram que, *a partir de provas materiais idênticas, de mesmas matérias, era possível extrair diversos discursos coerentes, mutuamente excludentes, pela simples modificação da ordem das matérias.*

- **Estatuto da confissão:** Psicanálise.

Ela substitui a materialidade dos indícios exteriores pelas impressões interiores do delito.

- **Corpos sincronizados** dentro de uma velocidade julgada adequada.

Agora, na reeducação, os corpos são sincronizados, colocados na linha do partido, na velocidade de um povo inteiro em manobra (ref. a Mao, cuja revolução ter-se-ia reduzido, por assim dizer, a um **conjunto ginástico**).

p.44

- **O fluxo contínuo da confissão:** seu desenvolvimento.

A psicanálise, por exemplo, *substitui a materialidade dos indícios exteriores pelas impressões interiores do delito*. A confissão psiquiátrica é obtida à revelia do sujeito: são os indícios e os materiais incoerentes que serão reexaminados pelos mecanismos da ciência psicanalítica. Esse fluxo contínuo da confissão, não só não é um ato de vontade do sujeito, como tampouco diz respeito ao instante do delito e às circunstâncias conhecidas apenas pelo sujeito e sim *a um conjunto que vai do nascimento do acusado ao diagnóstico de um julgamento final*.

Quando, em outras circunstâncias, a *confissão é estabelecida através de testes*, torna-se, para Virilio evidente, que não se trata mais do relato do crime cometido pelo seu autor. A confissão é reportada à contemporaneidade na medida em que Virilio relaciona este último tipo de confissão ao *ressurgimento de zonas de marginalização nos sistemas urbanos*, bem como ao agenciamento da *criminostat* atualmente utilizada pela polícia. Poder-se-ia pensar, diz ele, que a esse nível as lacunas e os azares derivados da ordem das matérias poderiam desaparecer. E por que? Porque, com a **informática** o *discurso da acusação poderia tornar-se absolutamente coerente, ou pelo menos, próximo de uma coerência absoluta, representando, simultaneamente, em nome do sujeito e em nome do objeto. Com isso seria possível dispensar totalmente a confissão de um acusado, que estaria menos informado do seu próprio delito que o computador*. O acusado, não sendo mais o detentor da verdade, nada teria a confessar. Em grande medida o esquema do trabalho social na França já funciona assim.

- Socialismo reduz-se, assim, a uma **socialização da informação**.
- Redistribuição do poder policial aos militantes/**revolução política**.

[T] Para Virilio é normal que a primeira resultasse da segunda, ou seja, como acontece com os vários agentes do transporte militar atrelados, desde o *Ancien Régime*:

- ao estabelecimento da transparência social,
- à observação das posturas e movimentos não adequados ao corpo social,
- à vigilância telúrica, que é uma espécie de polícia ecológica que renova o controle urbano e parece ser uma solução de futuro para o poder...

– **Chefes Militares/Nações em Marcha.**

Essas Nações em marcha são, com efeito, as massas do novo proletariado militar que se tornam espécies de projéteis, na metade do séc. XIX, com o triunfo da artilharia e a generalização da guerra de máquinas (dá como exemplos: Castro, Pinochet, Brejnev).

- **Guerra de máquinas:** sua generalização na metade do século XIX.
- **Progresso logístico** do povo é a força motriz da história, sua metáfora política.
- São corpos que representam os **veículos da história**, seus vetores dinâmicos.
- **Ciência militar** = percepção persistente do cinematismo dos corpos desaparecidos.

II Parte

1.2 - O progresso dromológico (argumentos, temas e conceitos)

1.2.1 - Do direito ao espaço ao direito ao Estado

- Argumentos 3

Virilio começa mostrando caricaturalmente, no século XIX, a divisão entre Terra e Mar na formação de, por assim dizer, duas humanidades. O **direito ao mar** afirmar-se-ia como uma criação especificamente ocidental e associa a liberdade de movimento ao *dêmos/dáimon* (a divindade boa ou má que se une, pelo destino, ao homem, à cidade ou ao Estado).

É introduzido, então, o conceito naval de *fleet in being* concebido na Inglaterra que, com sucesso, garantiu-lhe, frente ao inimigo continental, a vitória, graças à sua inacessibilidade para o combate. Ela é a logística *realizando plenamente a estratégia como arte do movimento dos corpos não vistos*. Essa frota invisível e permanente no mar cria uma zona de insegurança global para o inimigo. Ela representa uma **estratégia indireta**, ou seja, não há derramamento de sangue. Saint Just diz mesmo que a idéia de felicidade surgida como idéia nova na Europa teria sido um modo de resistir à coação moral vinda do mar, à perda de sua substância. Para Virilio esta espécie de desespero prolongado é o que acaba preparando o terreno para uma *política passionnal do nazismo e para a domesticação fascista do povo alemão* (refere-se aqui ao bloqueio aliado que durou 2 anos e provocou um marasmo na população alemã).

Na época atual, a crise econômica-psicológica da Europa, criada à distância, seria o resultado da reviravolta geoestratégica americana. Essa estratégia indireta reproduz, nesse prolongamento indefinido das hostilidades, os efeitos da velha poliorcética comunal. Ela representa a **renovação do capitalismo** na medida em que procura dar uma resposta às exigências econômicas exorbitantes da classe militar continental e à sua pretensão de dominar os fluxos de circulação terrestre.

O **capitalismo tornando-se anfíbio** (na medida em que a burguesia começa a resistir à concepção de guerra territorial), parece natural que ele aplique a Guerra

Total sobre o mar e sobre as colônias ao passar da máquina móvel (o território), para a máquina imóvel (o oceano). Se concordarmos que assalto é diferente e faz-se conforme a época das invenções das máquinas de destruir, o próprio **liberalismo econômico** adapta-se a essa definição e **constituiu-se**, portanto, **num tipo de assalto**.

Esse novo tipo de **deslocamento** criado pela *fleet in being* faz surgir uma nova **idéia dromocrática** que não tem destino no espaço e no tempo pois que impõe a idéia de desaparecimento na distância e, não mais, nos riscos da conflagração. O direito ao mar que, na sua origem, é um direito mais afetivo e poético do que racional *não se subjugava à lei terrestre antiga*. O mar é livre e deveria impedir todas as coações sociais, religiosas, morais. Aos poucos, no entanto, ele se torna o direito ao crime e se transforma no império dos mares, onde se exerce o despotismo em nome dos monopólios comerciais. A **primeira nação industrial** do mundo moderno, assemelhada ao império espontâneo dos **carroceiros do mar**, *situada em toda e em nenhuma parte, obcecada pelas trocas comerciais, sujeita exclusivamente aos interesses econômicos, encarniçada no abocanhamento e na destruição dos corpos e bens dos adversários* **corresponde**, de acordo com Virilio, à **definição do proletário industrial** de Marx: sem pátria e devendo cortar o cordão umbilical que o liga à terra.

Com efeito, na França do século XVII, o proletário marítimo devido ao seu espantoso crescimento, vê-se associado à repressão judiciária e policial que faz um levantamento e registro da população litorânea. Diz então o autor que esse é um sistema de classes, e a *primeira proletarização militar buscada pelo Estado precede, de pouco, a revolução francesa*. É então ressaltado **o aspecto cronométrico do império dos mares** porque, se a *fleet in being* não se situa em nenhum lugar na terra ela precisa fazê-lo no tempo (não é por acaso que os ingleses, durante muito tempo, foram os melhores relojoeiros do mundo). A guerra popular, ou também chamada pelo autor de Guerra Total, e que teve a influência dos ingleses sobre os insulares (Córsega, com Luis XV) e sobre a nação de navegadores (Espanha), não se dá mais no território. Ela preconiza a dispersão dos corpos militares na própria sociedade e também se reporta aos excessos consagrados pela prática do mar. A velocidade como uma idéia pura e sem conteúdo emerge do mar e pertence à **estética do engenho e do transporte**. É, para Virilio, **o direito ao mar que cria o direito à estrada dos Estados Modernos, que se tornam Estados totalitários**.

O que se revela na mudança da natureza da riqueza não é a passagem da riqueza portátil para a riqueza como crédito e contrato comercial mas, a **mudança de velocidade na economia mundial, a passagem da unidade móvel à unidade horário, à**

guerra do Tempo. Efetiva-se então não uma revolução industrial mas uma revolução dromocrática. Não há democracia nem estratégia mas **dromologia**. A natureza da riqueza atende assim ao seu **poderio veicular**, ao máximo da sua eficiência dinâmica e não está aí para atender às trocas ou ao livre comércio ou mesmo à socialização. Quando o evolucionismo tecnológico ocidental sai do mar, a substância da riqueza começa a desmoronar e inicia-se a ruína das Nações. É pois a **velocidade que arruina o progresso**. Por outro lado, o progresso dromocrático cinde a humanidade em povos esperançosos e desesperançados. Os primeiros capitalizam a velocidade esperando que seu acesso os leve ao possível, ao projeto, à decisão. Os segundos estão imobilizados pela inferioridade de seus veículos técnicos.

Desaparece o saber-poder e aparece o poder-mover e, é sob este enfoque que é novamente trazida a temática da superação da confissão através da *Criminostat*, tratada no capítulo anterior, e que faz referência ao projeto francês de que todas as informações das brigadas territoriais da polícia confluem para o computador da Polícia Central, dispensando a confissão do acusado e socializando, totalitariamente, a informação. Essa nova ordem da velocidade – pura e sem conteúdo – atinge os exércitos e a **luta de classes é substituída pela disputa entre os corpos técnicos, segundo a sua eficácia dinâmica**: aviação contra marinha, exército de terra contra polícia/política (situação que, aliás está esboçada, há tempo, na própria América Latina, diz Virilio).

- **Temas e conceitos**

p.49

- **Terra e Mar**: duas posses, duas humanidades.

Caricatura do séc. XIX mostra Napoleão e Pitt partilhando-se os continentes: para o primeiro, o mar, para o segundo, os continentes. As Nações não seriam mais terrestres e as pátrias não seriam mais países.

- **Direito ao Mar**/direito ao espaço aéreo.

O primeiro parece ser uma criação especificamente ocidental, o outro seguirá depois.

- **Mar livre** = *dêmos* + liberdade (de movimento).

O mar livre seria a associação destes 2 elementos.

Obs.: *dêmos*, do grego *daimon* = divindade, gênio bom ou mau ligado ao destino de um homem, de uma cidade, de um Estado. *Dictionnaire Encyclopédique Petit Larousse*, Paris, Librairie Larousse, 1961, p.303.

p.50

- *Fleet in being*, Inglaterra.

Ao contrário do inimigo continental, que se esgota incessantemente nos limites espaço-temporais do campo de batalha, os ingleses extrairiam sua vitória da sua inacessibilidade para o combate. Virilio nos diz em (I.T., 76, p.28) que: *Desde o final do séc. XVII, a fleet in being, fórmula imaginada pelo almirante Herbert, marcou a passagem do estar ao estando no exercício da coação sobre o adversário. É o fim do aparelho naval e da guerra de perto; o número e o poder de fogo dos navios alinhados tornam-se secundários.*

- **Logística do Fleet in being.**

A *fleet in being* é a logística realizando plenamente a estratégia como arte do movimento dos corpos não vistos. *É a presença permanente de uma frota invisível no mar (...) criação de uma zona de insegurança global para o inimigo que nunca estará em condições de decidir com segurança, de querer, ou seja, de vencer.*

- **Napoleão:** um exército julga-se em termos mecânicos.

- **Violência** como propriedades desiguais dos corpos.

Como já havia compreendido Maurício da Saxônia, a violência pode reduzir-se apenas ao movimento.

p.51

- **Estratégia indireta.**

A *fleet in being* inflige um desespero prolongado sem derramamento de sangue.

- **Medo:** o mais cruel dos assassinos, pois impede de viver mas não mata.

- **Felicidade/nova idéia** na Europa (Saint Just).

Diz Louis de Saint-Just que a felicidade era, para os continentais *apenas um modo de resistir àquela coação moral vinda do mar, àquela perda de sua substância.*

Obs.: Homem político francês, membro do Comitê de Saúde Pública, 1767-1794. Ambicioso e dominador salientou-se durante sua missão nos exércitos do Reno. Foi executado por Roberpierre, a quem apoiava.

- **Bloqueio aliado (1914)/política** passional do nazismo.

Dois anos demorou o bloqueio aliado para produzir os primeiros efeitos indiretos do marasmo na população alemã. Para Virilio *foi este desespero prolongado que preparou o terreno para a política passional do nazismo e para a domesticação fascista do povo alemão.*

- **Desmoronamento** atual Europa Ocidental.

Também ele seria o resultado longínquo da *reviravolta geoestratégica americana criando, a distância, em nosso continente (Europa), uma nova crise econômica-psicológica.*

- **Estratégia indireta:** Poliorcética comunal: reprodução do modelo.

A estratégia indireta reproduz, num outro elemento, os efeitos da velha poliorcética comunal. Assim como antes, o estado de sítio, a estratégia indireta prolonga indefinidamente as hostilidades. Essa estratégia indireta representa a renovação do capitalismo na medida em que é uma resposta às exigências econômicas exorbitantes da classe militar continental, à sua pretensão de dominar os fluxos de circulação terrestre.

- **Liberalismo econômico/o assalto.**

Se assaltar é diferente conforme a época das invenções das máquinas de destruir, infere-se que o liberalismo econômico adapta-se a essa definição. O capitalismo tornando-se anfíbio, pois que a burguesia começa a resistir à concepção de guerra territorial, ele vai aplicar a Guerra Total sobre o mar e nas colônias, ao saltar da máquina móvel para a máquina imóvel.

- **Guerra Total** do capitalismo anfíbio.

- **Capitalismo** e o salto da máquina móvel para a imóvel.

O capitalismo salta da guerra territorial – a grande máquina móvel – para os oceanos – a máquina imóvel, *arrastando atrás de si um proletariado atrelado ao funcionamento do veículo marinho, proletariado de remadores.*

p.52

- **Dromocrática**, nova idéia/nova noção de deslocamento.

[T]A *fleet in being* cria uma nova idéia dromocrática. Inventa uma noção de deslocamento que não teria destino no espaço e no tempo pois que *impõe a idéia de desaparecimento na distância e não mais nos riscos da conflagração.*

- Moby Dick/narrativas antecipatórias do **cruzeiro nuclear.**

O submarino estratégico não precisa ir a lugar nenhum, ele fica no mar, invisível. A realização da viagem circular absoluta, que não comporta chegada ou partida, era prefigurada pelas rotas marítimas circulares ou triangulares do mercantilismo europeu.

- **Direito ao Mar/nova categoria do direito político.**

Na sua origem esse direito é mais afetivo e poético do que racional. Não se subjugando a lei terrestre antiga, o mar livre deveria compensar todas as coações sociais, religiosas, morais. Mas, rapidamente, ele se tornou também o direito ao crime e, em

pouco tempo o mar livre é substituído pelo império dos mares. Exerce-se, então o despotismo, em nome dos monopólios comerciais. O *dêmos* marítimo não quer subordinar-se às lei terrestres antigas.

p.53

– **Lafitte e Marx.**

O primeiro (1767-1844, financeiro francês. Papel ativo na revolução de 1830; formou o primeiro ministério da monarquia de Julho) financiou a publicação do manifesto de Marx. A visão de ambos se assemelha na visão de um *Estado internacional surgindo da sociedade como seu produto em determinado momento de sua evolução.*

– **Nação industrial** do mundo moderno, a primeira.

Ela não se situa em nenhuma parte, é obcecada pelas trocas comerciais, sujeita exclusivamente aos interesses econômicos, encarniçada no abocanhamento e na destruição de corpos e bens de seus adversários. Eis um estado da ditadura totalitária cuja população rompeu as amarras, abandonou a terra, eis o **primeiro povo que corresponde perfeitamente à definição do proletariado industrial de Marx.**

– Definição do **proletariado industrial** dada por Marx.

Os operários não têm pátria... é preciso cortar o cordão umbilical que liga o trabalhador à terra.

– **Industrialização da guerra marítima** (séc. XVII).

Devido à exigência de um pessoal cada vez mais numeroso para essa industrialização, é instaurado o levantamento e registro de toda população litorânea: é a isso que chamamos *sistema de classes*. É essa **primeira proletarização militar buscada pelo Estado que precede, de pouco, a Revolução Francesa.**

– França, séc. XVII: levantamento e registro da **população litorânea.**

p.54

– **Expansão da guerra/malditos da terra.**

Ela foi tão grande que a proletarização marítima viu-se associada à *repressão judiciária e policial*. No séc. XVII o proletariado marítimo já é literalmente um povo de condenados, de malditos da terra.

(A oposição de Marx e Engels aos proudhonianos junta-se à reflexão de Colbert deplorando a inépcia dos franceses para criar um império marítimo todo poderoso, bem como seu atraso no campo da colonização).

- **Projeto social** e planos de império dos mares.

Ref. a Marx.

p.55

- Aspecto cronométrico do **império dos mares**: mecânica planetária e relógios.
Esse império *movimenta sua violência na invisibilidade da proteção marítima*. A vitória (decisão) no mundo sem referências e sem acidentes do *fleet in being* exige, **se não nos situarmos em lugar nenhum sobre a terra, que nos situemos, ao menos, no Tempo, isto é, na mecânica planetária**. Por esta simples razão os ingleses permanecerão muito tempo como **os melhores relojoeiros do mundo**: o domínio do mar exige o domínio do tempo.
- **Guerra popular/Guerra Total**.
Ela nasceu por influência inglesa sobre os insulares (Córsega), sobre uma nação de navegadores (a Espanha), e contra o império francês.
A guerra popular não é mais no território. Ela preconiza a dispersão dos corpos militares na própria sociedade. Tal como a guerra marítima, a popular é uma guerra de encontros marcados de corpos dinâmicos. Ela também se reporta aos excessos consagrados pela prática do mar, à violência absoluta, ao desaparecimento da moral e das leis anteriores. A guerra popular é *total*.
- Vitalidade natural do elemento marinho/**vitalidade tecnológica**: transferência.
[T]Dá-se uma transferência entre ambos no momento da história em que *o corpo do transporte técnico vai sair do mar como o corpo vivo inacabado do evolucionismo, deixando seu meio original e tornando-se anfíbio*. É assim que **a idéia de velocidade – como idéia pura e sem conteúdo – emerge do mar**, como Afrodite...
- **Velocidade**: idéia pura e sem conteúdo que emerge do mar.
Como idéia pura e sem conteúdo ela pertence a **estética do engenho e do transporte**.
- Marinetti/**Futurismo**.
Quando ele diz que o universo enriqueceu-se de uma beleza nova, a beleza da velocidade, e contrapõe o carro de corrida(bólido rodoviário) à Vitória de Samotracia (mulher alada com vaso de guerra antigo), ele esquece que se trata da mesma estética: a do engenho do transporte.
- Direito ao mar cria o **direito à estrada** dos Estados Modernos.
O primeiro cria o direito ao segundo, e estes Estados Modernos tornam-se estados totalitários.

p.56

- **Natureza da riqueza** muda com a mudança da velocidade da economia mundial.

[T]O que revela a mudança da natureza da riqueza é *tão somente a mudança de velocidade na economia mundial, a passagem da unidade móvel à unidade horário, a guerra do Tempo*. (N. Angell teria dito que o que aconteceria seria a passagem da riqueza portátil para a riqueza como crédito e contrato comercial, mas Virilio acredita que se deve ampliar o processo).

- **Revolução dromocrática** e não revolução industrial.

[T]A *fleet in being* é a concentração da fabricação de engenhos rápidos. Isso faz da Inglaterra a primeira nação industrial, modelo para as outras. Na verdade a revolução é dromocrática. Da mesma forma não há mais democracia, não há mais estratégia mas sim *dromologia*.

- **Evolucionismo tecnológico** ocidental sai do Mar/Ruína das Nações.

[T]Quando este evolucionismo sai do mar, a **substância da riqueza começa a desmoronar**. Toma então corpo a **ruína das Nações e dos povos mais poderosos**. Esse sistema de ruína é de tal monta, que os Estados avançados precisam se associar para perseverar na produção dessas máquinas submetidas à lei exclusiva da velocidade.

- Velocidade como natureza do **progresso dromológico**.

É pois a própria natureza do **progresso dromológico**, ou seja, a **velocidade, que arruina o progresso**, assim como é a *permanência da guerra do Tempo que cria a Paz Total, a paz da inanição que vige nas ruínas de um sistema*.

- Guerra do tempo cria a **Paz Total**.

p.57

- Natureza da riqueza atende ao **poderio veicular**.

[T]Capitalizações e modos de produção saíram dos seus enclaves, **não para atender às trocas ou ao livre comércio e mesmo à socialização, mas para atender a seu poderio veicular, ao máximo de sua eficiência dinâmica**. E Virilio acrescenta: *eis aí a futilidade de uma riqueza desaparecida na essência do progresso dromológico*.

(Pensamos aqui à noção de dispêndio total em Bataille. Seria interessante focar a velocidade como esse dispêndio quase ontológico, na busca de um novo equilíbrio).

- **Sobrevivente-Sobre-vivo/ [Vif]**(em francês).

A palavra francês para **vivo [vif]** concentra, pelo menos, três significados: a) prontidão, b) velocidade (equiparada à violência, que vem de força viva, aresta viva, etc.), e c) vida.

- **Progresso dromocrático** cinde a humanidade em povos esperançosos e povos sem esperança.

Os primeiros capitalizam a velocidade esperando o acesso que a velocidade lhes dá ao possível, ao projeto, à decisão, ao infinito: **a velocidade é a esperança do Ocidente**. Na outra vertente, os povos desesperançados estão imobilizados, pela inferioridade de seus veículos técnicos, vivendo e subsistindo num mundo finito.

- Saber/poder é eliminado e **Poder/mover** aparece.

A lógica do saber poder é eliminada em detrimento do poder mover. Neste segundo o que interessa é o exame das tendências, dos fluxos. Para o autor, prova disso é que há 5 anos não se ensina mais Geografia na escola militar, na França, e a polícia experimenta atualmente o Criminostat.

- **Criminostat**.

Eis a superação da confissão: todas as informações das brigadas territoriais da polícia confluem para o computador central do comando da Polícia Nacional de Rosny-sous-Bois: Criminostat, a visualização de manchas estatísticas.

p.58

- **China/Shangai - 1932**.

Submissão aos ataques massivos por parte dos japoneses que queriam destruir totalmente os centros urbanos. Atualmente eles se inspiram na mobilização nacional-socialista alemã para elaborar seus planos de segurança.

- **Guerra do tempo**/porvir social das populações.

Essa guerra no tempo para esse porvir social tornou-se o *ir além da hora zero como derradeira esperança revolucionária*.

- **Luta de classe** é substituída por disputa entre corpos técnicos.

A unidade revolucionária (e dá o exemplo da China como o lugar onde exércitos e populações permaneceram biologicamente associados) é destruída pela **disputa entre os corpos técnicos dos exércitos segundo sua eficácia dinâmica**: aviação contra marinha; exército de terra contra polícia/política, (situação que está esboçada caricaturalmente, há tempo, na **América Latina**).

1.2.2 - A guerra prática

- Argumentos 4

A Guerra Total é ubiqüitária, ou seja, ela é onipresente. Efetivou-se primeiramente no mar mas pôde igualmente realizar-se na terra na medida em que esta obteve condições de **erguer infra estruturas duradouras para essa ubiqüidade**. A engenharia marítima inglesa reduziu a sua divisa a **estar em toda parte e, a** na reordenação do universo efetuada pela engenharia militar e pelo capitalismo liberal, *a terra comunicante fica como um único e mesmo talude protetor enquanto infra-estrutura de um campo de batalha futuro*. A paisagem-ateliê do mundo transforma-se, assim, em paisagem planificada. Explicitando o argumento, o autor mostra como, com a revolução geoestratégica do século XIX, a organização econômica e social começa a depender inteiramente da organização do espaço de atividade como lugar de transferência, e o fenômeno da guerra, ao se auto-alimentar, cria fontes a partir de seus próprios conflitos, multiplicando-os.

A França rural de 1914 é ainda muito fechada, os exércitos não podem ir e vir tão facilmente, motivo pelo qual seus adversários empreendem batalhas que chegam a durar um ano (Verdun). O país é cortado por uma linha de demarcação: a França civil e a França militar, e uma das tarefas para aqueles engajados na atividade logística passa ser a avaliação racional da obsolescência dos exércitos. Deve-se poder calcular aí os **danos produzidos pela nova guerra industrial** com a rapidez suficiente para compensar, em tempo hábil, o desaparecimento puro e simples dos dois partidos no campo de batalha. Eis pois como surge a **guerra de desgaste voluntária, ou guerra prática** que passa a ser – simultaneamente – a **primeira guerra de desaparecimento** e a **guerra de consumo**. Guerra do desaparecimento no local, dos homens, dos materiais, das cidades e das paisagens; guerra do consumo desenfreado de munições, material, mão-de-obra.

A **guerra prática** é pois a guerra cômoda que impede que a guerra se afunde nas suas próprias impossibilidades. É assim que se percebe como a **guerra do desgaste passa a equiparar-se à guerra do Tempo**. Privada de espaço, pois que desaparecem homens, materiais, cidades, ela se alastra pelo Tempo humano. Perde-se o movimento para a fortaleza nacional (Pátria) e isso leva-a à morte. Revoltas e motins de soldados substituem o estacionamento das massas nas cidades e transformam-se, desse modo, em guerra civil pura e simplesmente. É assim que Virilio explica como as guer-

ras nacionais na França foram perdendo o prestígio revolucionário porque não conseguiam mais avançar, não alcançavam mais a velocidade superior do Assalto, não venciam mais a corrida contra a morte nem contra a máquina.

Uma das soluções encontradas para essa espécie de estacionamento, para essa impossibilidade de avançar das tropas, foi a criação, por parte do Capitão Poix, dos **veículos blindados** (1916), que, constatava-se, eram capazes de *percorrer todos os terrenos*. Nessa guerra de desgaste, o blindado **foge ao trajeto linear da estrada. Ele não é apenas um auto-móvel mas um projétil e um lançador**. Com efeito, é toda uma nova geometria que se oferece à velocidade e à violência. Seu impacto psicológico foi imenso pois que materializava o pensamento estratégico de que avançar é vencer. Dessa maneira o campo de batalha iguala-se ao talude marítimo na medida em que os encouraçados da terra, engenhos rápidos, percorrem os campos sem obstáculos. **Direito marítimo e direito à terra** mostram-se igualmente totalitários, mas, para o segundo, surgirá uma outra **fenomenologia do destino para as massas**. A guerra de desgaste, por falta de espaço, desdobra-se assim, no Tempo. Agora sobreviver é durar, e o assalto em qualquer terreno, ou melhor, no sem terreno do blindado, **estende a guerra por um terreno que desaparece, esmagado pela infinidade de trajetórias possíveis** e, de repente vemo-nos frente a um novo direito à terra. Sem dúvida, a velocidade do transporte militar passa a ser, não só **escoamento do tempo existencial** como também **quantificador existencial**, ou seja, uma medida do sobre-vivo.

- **Temas e conceitos**

p.59

- **Estados-Maiores** eram clausewitzianos ou napoleônicos.

Exerciam sua vontade numa guerra terrestre de penetração rápida, de batalhas curtas e decisivas. Era uma guerra, de certa forma, sem terreno, roçando-o apenas. Assim eles escamoteavam os problemas colocados pela organização militar dos territórios.

- **Guerra Absoluta e Guerra Total**: conflito totalitário.

Os poderes monárquicos europeus tentam correr o ferrolho entre guerra absoluta e Guerra Total. A Guerra Total é ubiqüitária, onipresente. Ela se realiza primeiro no mar porque a proteção marítima não pode apresentar nenhum obstáculo natural permanente a um movimento veicular de dimensão planetária. Por outro lado, este

tipo de conflito totalitário também *pode ser realizado em terra com a condição de erguer infra-estruturas duradouras para a ubiqüidade.*

- **Ubiqüidade/Réplica técnica da engenharia militar.**

A engenharia militar inglesa reordenou o universos e a terra comunicante ficou como um único e mesmo talude protetor enquanto infra-estrutura de um campo de batalha futuro. Eis a **réplica técnica** da engenharia militar aos impérios totalitários do engenheiro marítimo e do capitalismo liberal.

p.60

- De paisagem-ateliê para **paisagem-planificada**, em espaço imperial.

A partir dessa reordenação da engenharia militar o mundo se transforma nessa paisagem planificada.

- **Canal de Suez:** ponto de aceleração na estratégia mundial.

Um velho sonho politécnico de muitos engenheiros saint-simonianos. Ele deveria ser um novo indicador de confiabilidade no conjunto das comunicações internacionais, um ponto de aceleração importante na trama de inferências da estratégia mundial.

- **Revolução Geoestratégica do séc. XIX.**

[T] Com ela a **organização econômica e social começa a depender inteiramente da organização do espaço de atividade como lugar de transferência e, o fenômeno da guerra, ao se auto-alimentar, cria fontes de seus próprios conflitos, multiplicando-os:** continua-se morrendo por Suez ou Panamá...

- **França:** pouco propícia à ubiqüidade.

Em 1914 a França rural era ainda muito fechada. A guerra deixava de ser um curto e agradável passeio. Os adversários entricheiram-se no mundo, e empreendem batalhas que durarão 1 ano (Verdun: de fev. a dez de 1916): os exércitos já não podiam ir e vir.

- **França-civil e França militar.**

O país é cortado por dois, por uma linha de demarcação: uma França civil, a da retaguarda, com um governo democrático, e uma França militar, zona dos exércitos e terra fortificada.

p.61

- **Abel Ferry:** obra capital.

Virilio faz inúmeras alusões a esta obra que ele considera capital: *La Guerre vue d'en bas et d'en haut*, Paris, Grasset ed., 1920.

- **Obsolescência dos exércitos/avaliação racional.**

Apenas alguns meses após o início das hostilidades (por volta de 1916, quando a França é cortada por essa linha de demarcação), uma das tarefas mais novas para as pessoas engajadas na atividade logística é a avaliação racional da obsolescência dos exércitos, a dificuldade de calcular os danos produzidos pela nova guerra industrial com a rapidez suficiente para compensar, em tempo hábil, o desaparecimento puro e simples dos dois partidos no campo de batalha.

- **Guerra de desgaste/guerra de desaparecimento e de consumo.**

[T] Assim, a guerra de desgaste voluntária era, simultaneamente, a primeira guerra de desaparecimento e de consumo. Desaparecimento, no local, dos homens, dos materiais, das cidades das paisagens; e consumo desenfreado de munições, de material, de mão-de-obra.

Devemos nos referir aqui ao surgimento daquilo que Virilio chama de a surpresa técnica da Primeira Guerra 1914/18 que desencadeia a revolução logística.

p.62

- **Guerra prática** = a que tem um desgaste mais fácil.

A guerra prática surge após a teoria do Estado-Maior e é aquela que torna a guerra cômoda, ou seja, que impede a guerra de afundar em suas próprias impossibilidades.

- **Guerra de desgaste equipara-se à Guerra do tempo.**

Uma se equipara à outra na medida em que, **privada de espaço, a guerra se alastra como que espalhada pelo tempo humano.**

- **Guerra Total/Tecnocratas da.**

Loucheur/ Bush/Speer.

- **Perda de movimento** para a fortaleza nacional.

A perda de movimento é, a curto prazo, para a fortaleza nacional, a perda da boa saúde, e depois, a morte. As revoltas e os motins dos soldados recusando-se a participar do assalto *substituem a desordem da malta urbana, o estacionamento das massas na cidade, antes de se tornar, em meio ao caos, a guerra civil pura e simples... Em 1917, na França, a guerra nacional perdia, junto às massas, seu velho prestígio revolucionário simplesmente porque não conseguia mais avançar, não alcançava mais a velocidade superior do Assalto, não vencida mais a corrida contra a morte, contra a máquina.*

p.63

- **Veículos Blindados (1916)/remédio para o estacionamento das tropas.**
Capitão Poix concebe os veículos blindados capazes de percorrer todos os terrenos. Com isto ele remediava o estacionamento das tropas. Em 31 janeiro 1916 construíam-se 400 blindados. O efeito psicológico foi imenso: partiam para o fronte como se vai em direção à felicidade. Eles materializavam o pensamento estratégico: *vencer é avançar.*
- **Nova geometria/Velocidade, esperança do Ocidente.**
Ela sustenta o moral dos exércitos. O veículo blindado nessa guerra de desgaste foge ao velho *trajeto linear da estrada. É toda uma nova geometria que ele oferece à velocidade e à violência. Ele não é apenas um auto-móvel mas também um projétil e lançador: ele projeta e 'se' projeta.*
- **Proletariado militar** deixa a rua e perde o contato com a estrada.
Esses **fortins auto-móveis** fazem com que, após deixar a rua, o proletariado militar perca o contato com a estrada, pois que tudo pode se transformar em *trajetória provável de seu assalto.*
- **Campo de batalha = Talude marítimo.**
O primeiro iguala-se ao segundo: **sem obstáculos, inteiramente percorrido pelos engenhos rápidos, os couraçados da terra.**

p.64

- **Guerra de desgaste** por falta de espaço vai para o espaço.
- [T] A guerra de desgaste, por falta de espaço, desdobra-se no tempo. *Sobreviver é durar... O assalto em qualquer terreno ou, melhor, sem terreno, estende a guerra por um terreno que desaparece, esmagado pela infinidade de trajetórias possíveis. Vemo-nos, bruscamente, diante de um novo direito à terra. Totalitário, assim como o direito marítimo, ele implica uma outra fenomenologia do destino para as massas.*
- **Direito marítimo e direito à terra:** ambos totalitários.
Mas o segundo implicará agora numa outra fenomenologia do destino para as massas.
- **Velocidade do transporte militar.**
Ela é, não só escoamento do tempo existencial mas quantificador existencial e, como tal, uma medida do sobre-vivo.
- **Estados-Maiores ingleses.**
Eles têm 500 mil homens no mar e 3 milhões nas fábricas e nos arsenais.

III Parte

1.3 - A sociedade dromocrática (argumentos, temas e conceitos)

1.3.1 - *Corpos incapazes*

- Argumentos 5

A partir do século XVII ao constatar os desgastes na mecânica dos corpos dos sobreviventes pelas máquinas de guerra, desenvolve-se uma indústria florescente: a **ortopedia**. A ditadura do movimento exercida sobre a massa pelo, poder militar, **promovia os corpos incapacitados ao funcionalizar** – por meio da prótese – a **deficiência física**.

Em 1921 *Marinetti* metaforiza o corpo do super homem através do veículo blindado. Virilio acredita que, na verdade, o **futurismo**, não deve tanto ser compreendido sob ângulos artísticos ou políticos mas bem mais como derivando da *arte da guerra*. Ele seria uma visão do evolucionismo dromológico, enquanto mostra a medida própria do sobrevivente dos anos 20.

Tanto a guerra prática quanto a guerra de desgaste haviam mostrado o desprezo com o qual se mantinha a massa imóvel reduzida à inação e a desvalorização face à superpotência cinética do dromomaniaco. Agora então, a **prótese veicular** pode ser usada para realizar o assalto. Por outro lado, no entanto, militares e industriais sentem uma necessidade premente da mão de obra operária, e é assim que **proletarização militar e proletarização industrial revelam-se indissociáveis**. A diferença está em que se, no mar, encontrou-se a origem das primeiras mobilizações de massa, desde 1914, *a mobilização de massa na terra vai exigir um tipo inédito de proletarização*, um novo projeto social.

Assim é que a guerra prática divide o assalto em duas fases:

1) a **viária** - que busca criar uma *ossatura* para os futuros campos de batalha e, em tal contexto, tanto o arsenal quanto o pessoal militar assume um tipo de comportamento pacífico (político), na medida em que retornam à rede viária. Observa-se aqui em que medida o poder é reduzido em favor da escolha da melhor trajetória a ser se-

guida. Trata-se bem mais de uma *sobrevida* do que de vida propriamente dita. Instalam-se as premissas do que virá a ser a *dissuasão*.

2) a **inteligência dromocrática** - que não se exerce agora tanto contra um adversário militar mais ou menos determinado, mas exerce-se num **assalto permanente ao mundo** e, através dele, à **natureza do homem**. Com efeito, o desaparecimento da fauna e da flora são lentas destruições na direção de uma mais brutal que é a do bloqueio, a do cerco, ou seja, aquilo que passa a envolver **estratégias de inanição** (Ref. ao *Sea Power* e ao *Food Power: lei das duas Humanidades*).

Virilio estabelece assim relação com a guerra econômica atual, ou seja, aquilo que seria a *fase lenta da guerra declarada* que perpetua, na não batalha, o poderio militar como poder de classe. Mostra, através da história, como a tática de penetração econômica equivale perfeitamente a todas aquelas ensinadas na Escola de Guerra. Dá o exemplo da expansão dromocrática da Grécia e contrapõe-na à de Esparta. Esta última, ao procurar preservar o aparelho de Estado e anulando o movimento, acaba dominada pela inflação e anomia. Compreende-se porque a lei geral do mundo poder-se-ia resumir na frase *o estacionamento é a morte (Plutarco)*.

O autor faz referência a G. Huppert que procura mostrar que a História progride na velocidade do sistema de armamentos. Os exemplos da invenção das máquinas de guerra (bestas e das catapultas) reafirma a hipótese que o inimigo-tempo era vencido pela resistência estática do material de construção, pela duração. O acesso à história torna-se assim o acesso ao movimento.

Ao falar sobre a organização da sociedade feudal mostra como ele é semi-colonial na medida em que distingue, de um lado, o domínio da terra através da ocupação militar, e, do outro, a sua propriedade fundiária por parte do autóctone. Mas, *para o Estado dromocrático, o domínio da terra já é o domínio de suas dimensões*, embora a função semi-colonial sempre tenha sido uma extorsão para dar proteção onde a segurança da massa é garantida pelo tributo, pela retribuição de uma supervisão técnica eficaz do território. Dentro de tal escopo compreende-se, com Virilio que, já então os nobres francos, por *razões de segurança, impõem a transparência da área cultivada*. Essa transparência é a manifestação do *direito específico do invasor sobre o território onde pretende se fixar, ou seja, do seu poder de penetração. Erguer o outeiro, e depois, o torreão fortificado, corresponde ainda ao domínio das dimensões*.

Quando se passa do domínio das dimensões para a *perspectiva*, instaura-se uma geometria do olhar, a partir do *ponto de vista ubiqüitário e, não mais, como anterior-*

mente, a partir do itinerário sinóptico dos cavaleiros. A tal ponto isso se verifica que, acredita o autor, o fenômeno da contenção do cultivo da terra não teria sido devido à insuficiência de técnicas agrícolas mas ao fato de que *pesavam mais as necessidades estratégicas imperiosas criadas pelas insuficiências técnicas do suposto protetor militar que as do agricultor ou do desmatador, aos quais o senhor devia prestar assistência e socorro em caso de perigo*. Nessa perspectiva é interessante ressaltar o papel da *visão humana* (ref.. *pathfinder*) que oferece ao invasor uma visão constante do meio social, ou seja, uma primeira informação sobre o meio (Virilio relaciona até mesmo os objetivos do torreão fortificado e a cronofotografia de Marey).

O ponto de partida da prerrogativa social é, antes do atribuído àquele da fortuna ou do nascimento, ao do *ponto de vista*, ou seja, àquele da posição relativa que se consegue ocupar e depois organizar num espaço, dominando as trajetórias do movimento, os pontos estratégicos de comunicação: rio, mar, estradas, pontes. Se podemos falar em *luta de classes*, diz Virilio, *elas se travam abertamente nos campo, visando a conquista de um ponto dominante*. Com efeito, quando a cidadela ou fortaleza é sitiada, não se trata apenas de um acontecimento militar ou mesmo político, mas sim de um acontecimento social.

▪ Temas e conceitos

p.67

– Invalidez militar/Ortopedia.

A partir do séc. XVII toma-se consciência do agravamento dos problemas da invalidez militar. Desenvolve-se uma indústria florescente: a ortopedia. Os desgastes causados na mecânica dos corpos dos sobreviventes pelas máquinas de guerra podiam agora ser compensados por outras máquinas: as **próteses**.

– As próteses: funcionalização dos deficientes físicos.

Paradoxalmente, a **ditadura do movimento** exercida sobre a massa pelo poder militar *resultava na promoção dos corpos incapacitados*.

– Veículo técnico equipara-se à prótese cirúrgica.

A equiparação parece ser tão natural que o Estado-Maior francês demorou para confiar carros de assalto a alguém que não estivesse doente ou reabilitado.

p.68

- **Futurismo:** deriva da arte da guerra e de sua essência: a velocidade.
Marinetti em 1921 metaforiza sobre o veículo blindado: o super homem é um homem enxertado, *tipo desumano* reduzido a um princípio condutor, capaz de aniquilar o tempo e o espaço com suas performances.
- **Futurismo** fornece uma visão do evolucionismo dromológico de seu tempo.
É a *medida do sobrevivente* dos anos 20.
- **Corpo incapaz do proletário-soldado:** corpo privado de vontade.
Precisa agora ser auxiliado por uma prótese veicular para poder realizar o assalto, visto que a superpotência cinética do dromomaníaco é desvalorizada.
- **Guerra de desgaste/ guerra prática.**
Ambas haviam já revelado o desprezo com que se mantinha uma massa móvel reduzida à inação. Mostravam sua impotência como agentes dromocráticos dominantes, motor e produtor de velocidade sobre o continente.
- Necessidade de **mão de obra operária.**
Embora a falência das teorias do estado maior face aos conflitos e o triunfo da guerra industrial, de ambos os lados, sentia-se uma necessidade insaciável de mão de obra operária.
- **Proletarização militar** indissociável proletarização industrial.
Os procedimentos de ambos revelam-se indissociáveis, ainda mais na medida em que os generais haviam se transformado, involuntariamente, em organizadores de territórios.
- **Recrutamentos** exigidos pela guerra.
Faz com que governos negociem e intercambiem seu plantel de trabalhadores: crioulos e negros do Senegal; trabalhadores do Marrocos, da Indochina.

p.69

- **Guerra Total** no mar e no continente: tipo inédito de proletarização.
Se, no mar encontrou-se a origem das primeiras mobilizações de massa, na Terra, desde 1914, com a perspectiva da Guerra Total, exige-se um **novo projeto social, um tipo inédito de proletarização.**
- **Guerra prática** divide o Assalto em 2 fases: a viária e a permanente ao mundo.
1) A criação da ossatura original dos futuros campos de batalha. Elas representam as **novas vias**, as novas estações, os alargamentos das estradas, vias férreas, telefones, trincheiras, abrigos, etc. A paisagem, a terra é agora consagrada à guerra da massa

cosmopolita dos trabalhadores. Tanto arsenal quanto o pessoal militar assumem agora um *tipo de comportamento pacífico, ou melhor político: eles retornam à rede viária*. Instalam-se assim as premissas do que virá a ser a **dissuasão, a redução do poder a favor da escolha da melhor trajetória, a sobrevivência em vez da vida.**

2) A **inteligência dromocrática** não se exerce agora tanto contra um adversário militar mais ou menos determinado, mas exerce-se num **assalto permanente ao mundo e, através dele, à natureza do homem.**

- **Anulação das economias naturais/**Desaparecimento da fauna e flora.

É a lenta preparação para destruições mais brutais. Esses desaparecimentos fazem parte de uma economia mais vasta, ou seja, a do bloqueio, a do cerco, das estratégias de inanição.

- **Estratégias de inanição** promulgadas pela guerra econômica.

Esta é a fase lenta da guerra declarada.

- **Guerra econômica atual.**

As estratégias de inanição são a fase lenta da guerra declarada, de um assalto rápido e breve por vir, porque são elas que perpetuam, na não-batalha, o poderio militar como poder de classe.

p.70

- *Sea power* (Poder do mar) e *Food Power* (Poder da comida): leis das duas Humanidades.

As ciências das armas e dos caçadores que fazem razias oferecem vários exemplos na história sobre a complementação de ambos poderes.

- **A futilidade da riqueza:** política americana do dólar.

Ela é um dos signos do *crescimento intensivo do poderio militar americano momentaneamente despojado de seu crescimento extensivo pelo fracasso no Vietnã e o status quo nuclear.*

- **Colbert** (sec. XVII) e sua política econômica.

Procurando fomentar a riqueza e o produto nacional, ele prepara o esforço de guerra, cuidando em gerar necessidades para o consumo prodigioso de seus tão numerosos produtos.

- **Expansão dromocrática grega.**

Também ela foi bloqueada em todos os sentidos pelos *status quo* militares. Atenas renunciou então ao seu sistema de penetração extensivo (rápido) para adotar um sistema de penetração intensivo (lento) através dos engajamentos militares no interior (reforma agrária, urbanização, criação de oficinas e de fábricas, etc.).

p.71

– **Inflação/Esparta.**

Optando pela solução oposta à de Atenas, ou seja, preservando o aparelho de Estado e anulando o movimento (militar/monetário), é dominada pela inflação. Os espartanos, por hostilidade a qualquer forma de metamorfose constitucional, recusaram a História como referência cinética de sua existência: recusaram voltar-se para o mar e esquivaram-se das seqüelas de suas vitórias.

– **Democracia helênica.**

Na primeira democracia helênica encontram-se já reunidos a maioria dos grandes temas do Ocidente, exceto o principal: a mobilidade. Apesar de ter sacrificado tudo para fazer do Estado uma máquina de guerra exclusiva, a eventualidade de sua colocação em movimento por um conflito real parecia temível aos lacedemônios, como se os azares e as incertezas da batalha pudessem quebrar sua extremamente precisa mecânica militar.

p.72

– **Vitória de Esparta sobre Atenas.**

Será essa vitória que subverterá a perfeição do Estado militar espartano... O que as armas não tinham conseguido fazer, a guerra econômica conseguira, e o dilema do *status quo*, do não-engajamento militar, estava resolvido de uma vez por todas, não somente para o mundo mediterrâneo como para o mundo ocidental futuro de uma vez por todas. Depois do desmoronamento da máquina imóvel de Licurgo restava, na metade do século III, apenas uma centena de espartanos proprietários de parcelas do Estado e, aos poucos, todo o mundo espartano afundou na anomia.

– **O estacionamento é a morte: eis a lei geral do mundo.**

O estado-fortaleza, seu poder e suas leis estão nos locais de grande circulação.

p.73

– **A idéia da história perfeita.**

Esta idéia refere-se ao livro de Georges Huppert que diz que na metade do século XVI teria surgido uma idéia da história perfeita. Nessa mesma época os novos Estados europeus tendiam a restabelecer entre eles a noção de guerra legítima, legalista mesmo. A idealidade histórica do Estado se desprende no momento em que a própria guerra renasce sob formas ideais. Com efeito, a história progride na velocidade do sistema de armamentos.

- **O tempo linear** é eliminado no final do século XV.
... e o inimigo-tempo era vencido pela resistência estática do material de construção, pela duração.
- **Bestas e catapultas** (invenção das): por volta de 405.
- **Repetição/Movimento/Comentários de Tito Lívio.**
A litania dos seus comentários sobre a guerra vitoriosa contra os Volcos mostra que a repetição era então o meio comum de se atingir campos mais vastos. O acesso à história torna-se o acesso ao movimento (...). No início da nossa era, essas elites dromocráticas vindas da Germânia avançam sobre a Europa Ocidental. Repentinamente não é mais a força que cria o direito mas a invasão, o poder/invadir.

p.74/5

- **Organização da sociedade feudal** é semicolonial e praticava a extorsão.
Ela continua sendo aquela de uma tropa em marcha. O papel feudal é semicolonial pois distingue perfeitamente o domínio da terra através da ocupação militar de sua propriedade fundiária por parte do autóctone, embora praticasse a extorsão para dar proteção. Mas, ao contrário do feudal, *para o Estado dromocrático, o domínio da terra já é o domínio de suas dimensões.*
- **Estado dromocrático** confunde o domínio da terra e o de suas dimensões.
- **Geografia do habitante e geometria do passante.**
É a dicotomia indelével que existe entre a natureza do poder/mover do invasor, e a relativa impotência de se mexer, de se deslocar, do proprietário fundiário ou do trabalhador/produtor sedentário preso à sua parcela.
- **Estado militar** está na estrada.
Pagamento de impostos e sua extorsão exigida para dar proteção onde a segurança da massa produtora é garantida pelo tributo, pela retribuição de uma supervisão técnica eficaz do território.

p.76

- **Razões de segurança** impõem a transparência da área cultivada.
Essa transparência é a manutenção do direito específico do invasor sobre o território onde pretende se fixar e de seu poder de penetração. Erguer o outeiro, e depois o torreão fortificado, corresponde ainda ao domínio das dimensões, este se *transformando em perspectiva, geometria do olhar *a partir do ponto fixo ubiqüitário e não mais, como anteriormente, a partir do itinerário sinóptico (resumido) dos cavaleiros.*

- **Fenômeno de contenção agrícola** (do cultivo da terra).

Fala-se dele como sendo devido a insuficiência de técnicas agrícolas mas, ao que parece, *pesavam mais as necessidades estratégicas imperiosas criadas pelas insuficiências técnicas do protetor militar que as do agricultor ou do desmatador, aos quais o senhor devia prestar assistência e socorro em caso de perigo.*

- **Pathfinder** (anglo-saxão): batedor, guia, explorador de rotas.

Reflexões sobre os limites do roçado e os da visão humana a partir de um lugar elevado.

p.77

- Torreão fortificado e a **Cronofotografia de Marey**: mesmos papéis.

O primeiro desempenha o papel do segundo na medida em que a ronda militar oferece ao invasor uma visão constante do meio social, uma primeira informação sobre o meio.

- **Prerrogativa social**: seu ponto de partida.

Forma-se a partir do ponto de vista, antes de se ligar ao da fortuna ou ao do nascimento, ou seja, a partir da *posição relativa que se consegue ocupar e depois organizar num espaço, dominando as trajetórias do movimento, os pontos estratégicos de comunicação: rio, mar, estrada, ponte.*

- **Idade Média**: diversidade nos tratamentos sociais.

Essa diversidade traduz simplesmente a variedade das *visões geográficas sobre um reino que, até o século XIX, não aparece nos textos como um conjunto territorial formal.*

- **Direito hereditário.**

Este direito, concedido em 877, por Carlos, o Calvo, transformará a posse do lugar dominante em domínio social permanente. (Dá o exemplo dos Grimaldi, de Mônaco, onde o rochedo dominando o mar – ponto de vista dominante – mostra o ponto privilegiado herdado).

- **Sociedade de classes**: luta de classes.

Se há luta de classes, elas se travam abertamente nos campos, visando a conquista de um ponto dominante. Quando a cidadela ou fortaleza é sitiada não se trata apenas de um acontecimento militar ou mesmo político, mas sim de um acontecimento social.

1.3.2 - Assalto aos veículos metabólicos

- Argumentos 6

O Assalto efetiva-se de dois modos: o extensivo, que exige mortes rápidas, e o intensivo, que inflige mortes lentas. Virilio examinará como esses dois modos de assalto incidem nos veículos metabólicos, ou seja, nos nossos corpos. Na *guerra que se tornou total tudo é frente*, mas é preciso incluir nesse último conceito, a dimensão espiritual, moral, de um povo.

Nascida no mar, a Guerra Total visa destruir a honra, a identidade e a própria alma do adversário. Atingindo os povos com morte lenta pela destruição do seu *habitat*, a guerra ecológica moderna acaba retomando, curiosamente, a noção de alma numa de suas definições primitivas e etnológicas mais interessantes: a de *mana*. O autor procura então mostrar como o progresso dromológico impõe a idéia de dois corpos – tributários de sua situação no espaço (conquistadores e conquistados/os que se movimentam e os que estão parados), impondo também dois tipos de alma: umas fracas e indecisas, porque tributárias do seu *habitat*, outras poderosas, na medida em que colocaram sua vontade fora de alcance, ou ainda, graças à sua desterritorialização e à sofisticação de sua economia e de seu ponto de vista.

Nesse contexto, a definição de guerra já respondia a essa divisão, com Clausewitz, trazendo a questão da vontade e mostrando que a guerra sugere claramente a presença, no mundo, de corpos sem vontade. Estabelece-se então um paralelismo entre os corpos sem vontade humanos e a técnica dos corpos animais, impossibilitados de libertar seus movimentos, dominados que são pelo senhor do movimento e invasor da terra. A temática dos corpos sem alma leva-nos, através da história, a amálgamas culturais extremamente interessantes como aqueles representados pelas figuras dos mortos-vivos, dos zumbis, dos possuídos, bem como pelo fronte social interno que vigorou na Alemanha nazista contra os corpos dos estrangeiros (judeus, eslavos, etc.). Por outro lado, o fenômeno estático do enclausuramento, seja através dos campos de concentração ou dos *gulags*, detecta perfeitamente *as formas privilegiadas da violência dromocrática*. É assim que nessa análise através da história, a inferência da reflexão mostra-se tão expressiva que Virilio se pergunta, afinal, o que é o proletariado, desde a Antigüidade, senão uma categoria de corpos inteiramente domesticados... uma população flu-

tuante ligada à satisfação das exigências da logística, a fortaleza aparecendo como o primeiro exemplo de um calculador estratégico. Aliás os polípticos do séc. IX já reportavam a existência desses forenses, desses corpos domesticados porque pagadores de impostos anuais aos senhores, e que nunca eram inferiores a 16% da população recensada. Esses excedentes sociais surgem diretamente do fenômeno de preservação estratégica, quer no controle social feudal, quer, mais tarde, no comunal. E, de tal forma as exigências da logística prevalecem que, para compreender melhor o desaparecimento do espaço civil na Idade Média e iniciar a temática da sociedade de classes, não podemos deixar de fora a pesquisa sobre o esquema poliarcético da sociedade medieval. A política é, diz Virilio, *uma questão de terra e se ser é habitar, o não-morar, ao privar o homem do espaço físico priva-o também da identidade*.

Exemplifica o agenciamento das migrações e das exigências logísticas fazendo alusão ao paralelismo entre o giro-nomadismo guerreiro e místico, bem como à confluência das migrações e da proletarização militar, desde a Antigüidade. Mostra ainda como as reivindicações sociais do proletariado militar restringem-se às da sua própria subsistência e de como é criada a obrigação material aos cofres públicos para manter os exércitos permanentes.

A obrigatoriedade de servir na máquina de guerra introduz a temática da mecânica dos corpos do proletário-soldado. O que se verifica seguidamente é o desprezo e repulsa que diz respeito à massa móvel dos corpos sem vontade, acrescida nos corpos das mulheres libertinas, crianças abandonadas e recrutas. Jaz aí um modelo de corpo inerente às sociedades *antropocêntricas*, tanto da Idade Média quanto do Renascimento. Nelas, o corpo do trabalhador não é equiparável a um modelo humano uma vez que este último, idealmente composto, é essencialmente razoável e harmonioso pois contido nos círculos e nas grades da geometria euclidiana – geometria da trajetória do invasor, do dominador –, símbolo da sua superioridade social. A diferença entre o liberal e o mecânico estabelece-se então na medida em que o segundo é pura motricidade, podendo ser possuído tanto pelos ignorantes quanto pelos animais. É assim que, através da metáfora do corpo do dublê, empregue no cinema, vemos como os corpos-veículos atrelam-se assim a uma economia da violência ligada à dromocracia do invasor/dominador. Compreende-se então a importância política e social da *razão liberal*, que se estende do mar livre à guerra livre, razão esta que se estabelece, não em confronto a uma desrazão mas, bem mais à *ausência de razão nos corpos dos ignorantes*. Ausência, aliás,

fielmente reproduzida, para Virilio, tanto no organograma marxista quanto no organograma capitalista.

O advento do poder dromocrático perverte a transmigração primitiva da alma. Ao tornar-se individual, e não mais coletiva e fluida, a alma transforma-se em razão, ou seja, sede de uma regra de preparação preventiva de nossas ações, de nossos movimentos e até do conjunto do nosso destino. No intuito de explicitar essa passagem da alma em razão, o autor reporta-nos ao espetáculo oferecido, no início da Idade Clássica, pelos dementes e possessos. Investiga-se, então, a desordem motora das atitudes e dos discursos. Diz-se que, como o animal, o homem, mesmo se grita e se lamenta, não sofre: não cabe pois, apiedar-se dele. Surge, daí, o arsenal médico e jurídico dos tratamentos infringidos a esses corpos sem alma. Esses corpos são veículos metabólicos e os pseudodemônios dos quais se tenta livrá-los são, antes de mais nada inteligências em trânsito que inflamam um dinamismo invulgar aos corpos vagos. Virilio questiona ainda a metodologia da psicanálise na medida em que, supostamente, ela trabalha sob a pretensão de um retorno do inconsciente à *expressão de um consciente razoável*.

A crença na antiga metempsicose imaginava uma pletora de inteligências em busca de uma matéria indiferenciada. O movimento da transmigração, realizando-se de modo natural, pelo nascimento e morte de qualquer corpo, criava assim, para além das organizações sociais, uma espécie de igualdade física. Mas, quando o desmatador se transforma em conquistador, este material poético dá seu lugar ao potencial militar e a *transmigração das almas cede lugar à sua 'conquista', ou seja, à viagem dos corpos e, portanto, à sua desterritorialização e desigualdade*.

Pornografia e cultura física sueca formam um amálgama moderno da estrada e do sexo, articulando corpos montados ao sabor dos encontros, colisões sexuais rapidamente esquecidas. Meio a isso, o amor humano como uma espécie de **encenação social**, seria talvez uma das derradeiras tentativas poéticas da alma fluida encarnando-se aqui ou ali.

A boa conduta não é mais a moral ensinada na escola pública, mas as leis do trânsito. Com efeito, não teria sido já essa a aventura do monasticismo militar, transformando o corpo místico de Cristo num corpo de exército, numa ordem de marcha? É estabelecido, então, um paralelo entre a organização que preside as ordens militar e religiosa. As duas progridem juntas e o trabalho fabril dos corpos são colocados em movimento pelas almas razoáveis – a dos engenheiros –, encarregadas de definir suas atitudes e seus gestos.

A função do herói, do protetor militar e do coletor de impostos não se identificam, como pretende Clausewitz, ao comércio humano, mas à expansão indefinida da própria violação da hospitalidade (divina) da terra pelo guerreiro ou pelo monge soldado. No grande assalto, os grandes conquistadores imitam essa expansão indefinida da violação da hospitalidade da terra, da sua penetração. A conquista é, assim, reduzida à busca, à façanha, ao movimento. E, num paralelo traçado com o carro de corrida como sendo a medida existencial do guerreiro, nosso autor reflete sobre o velocímetro do carro e o escoamento vertiginoso do tempo, que se afigura como um imposto da rapidez sobre o metro percorrido. Na verdade, ele arruina o habitante da terra mas destrói, simultaneamente, a substância de seu conquistador e mede as horas que restam ao sobrevivente.

Devemos nos render à evidência: o engenho (o carro, a máquina) é para o dromomane, *uma prótese de sobrevivida* e não devemos perder de vista que se os primeiros veículos auto-motivos eram movidos a vapor, metaforizavam talvez, de uma maneira vibrante, a passagem do veículo metabólico para o veículo tecnológico, cuspidando sua fumaça como uma última manifestação simbólica da potência motriz dos corpos vivos.

▪ Temas e conceitos

p.79

- **Assalto:** fase extensiva e fase intensiva.

A extensiva → exige mortes rápidas; a intensiva ou preparatória → inflige mortes lentas.

- **Guerra Total** (anos 30) é a frente espiritual da nação.

Quando a guerra se torna total tudo é frente. Mas este último compreende o frente espiritual da Nação. Essa Guerra Total (nascida do mar) visa destruir a honra, a identidade, a própria alma do adversário. Ela atinge os povos com morte lenta pela destruição do seu *habitat*.

- **Guerra ecológica** moderna retoma o *maná*.

As últimas formas da guerra ecológica retomam, de forma bizarra, a alma em suas definições primitivas e etnológicas: ou seja, a forma de *maná* (substância plural, fluidiforme, mais ou menos coagulada nos corpos sociais/animais/territoriais).

Obs.: Pensamos aqui no âmbito da antropologia, no estudo do *maná* e do *potlach*, que poderiam ser trabalhados sob esse novo enfoque ecológico. Quanto à *coagulação* dos diferentes corpos, seria interessante relacionar aos trabalhos de G. Delleuze e Guattari, sobretudo no *Anti-Édipo e Mille Plateaux-Rizomas*.

- **Progresso dromológico:** 2 corpos/2 almas.

Esse progresso impõe 2 tipos de corpos tributários de uma situação no espaço e impõe igualmente 2 tipos de alma: a) fracas e vulneráveis (pois que tributárias do seu *habitat*), e b) poderosas: pois que colocaram seu *maná* (sua substância) fora de alcance, graças à *desterritorialização*, à *sofisticação de sua economia e de seu ponto de vista*.

p.80

- Clausewitz: **definição de guerra**/corpos sem vontade.

É um ato de violência visando submeter o adversário à nossa vontade. Esta definição já sugere a *criação da presença no mundo de corpos sem vontade*. Embora, Virilio critique o fato de Clausewitz, logo em seguida, deturpar essa definição ao dizer que não existe violência moral fora dos conceitos de Estado e de lei.

- **Poder-mover do invasor** versus impotência para libertar os movimentos dos trabalhadores e dos animais.

Esses corpos sem vontade reportam à técnica dos corpos animais e, ao longo da História assistimos, através dela a corpos sem alma, zumbis, mortos-vivos, possuídos, etc.

- Extensão desses **corpos sem vontade** aos estrangeiros.

Essa extensão é efetivada na Guerra Total do nazismo que nada mais fará do que *criar um fronte social interno contra os corpos estrangeiros dos judeus, ciganos, eslavos, etc.*

- **Campos concentração** e *Gulags*.

Além do aspecto ideológico encerra um fenômeno estático, *o do enclausuramento*.

- **Proletariado:** corpos domesticados.

Desde a Antigüidade o proletariado nada mais é que isso: uma população flutuante ligada à satisfação das exigências da logística.

p.81

- **Excedentes sociais**/séc. IX (polípticos).

Os polípticos (tábuas romanas enceradas para a escrita) já reportavam a existência desses excedentes que nascem diretamente do fenômeno de preservação estratégica, ou seja, *do controle social feudal e depois do controle social comunal*.

- **Cálculo estratégico** = cálculo estatístico.

A fortaleza, cujo funcionamento só podia ser assegurado pela inspeção dos seus limites, das cifras sobre as populações e das áreas de extensão, é o primeiro exemplo do calculador estratégico.

- **Desaparecimento do espaço civil** na Idade Média.

Aconteceu quando se deu a fixação da sua sociedade armada. Assim, já não se pode falar em sociedade de classes sem pesquisar o *esquema poliorcético da sociedade medieval*.

- A *diké* substitui o direito civil pelo direito político, pelo exercício do poder judicial.

A *diké* é a razão seletiva que faz essa substituição (ref. a Aristóteles: Os aristocratas buscam a pluralidade das posições fortificadas; as acrópoles convêm aos regimes oligárquicos e os lugares planos, aos democratas).

- **Política** é uma questão de terra/fim à nação *pax civile*.

Sendo assim, assiste-se a um verdadeiro corte do tempo e do espaço humanos que põe fim à nação de *pax civile*. Os conflitos sociais nascem com as rivalidades entre os que ocupam e conservam um ecossistema como o lugar que os especifica como família ou que os agrupa e merece todos os sacrifícios.

- Se **ser é habitar**/identidade.

O não-morar faz com que o homem seja privado de espaço físico e, portanto, de identidade. A *desterritorialização se dá como perda da identidade*.

- Idade Média substitui a hospitalidade sagrada/**máquina de guerra**.

E o faz devido a uma *rejeição social permanente* como *primeira necessidade para o funcionamento de sua máquina de guerra*.

p.82

- **Grandes migrações** terminam na Guerra dos 100 anos.

- Fim do *status quo medieval*.

A partir do séc. XII anuncia-se o fim desse tão enaltecido equilíbrio das organizações política e militar quando aumenta a influência dos *meios monetários*.

- **Estatuto do escravo** em tempo de guerra.

- **Proletariado militar**/oriundo da massa móvel.

Vê-se misturado ao êxodo permanente da massa móvel, da qual é oriundo, assim como o trabalhador migrante do século XIX ou o trabalhador clandestino do século XX.

- **Estradeiro**, o que vive na estrada.

Este é seu espaço de classe e ele viaja atrás de ocupações sazonais.

p.83

- **Giro-nomadismo**: guerreiro e místico/Monasticismo.

A ambos vai responder, sob o ângulo da residência passageira, o monasticismo militar e o monasticismo místico, com a criação de claustros.

- **Oficinas de produção** acolhem indigentes/proletarização.

O autor reporta-se à França séc. XVII. As corvéias resultante do pacto de semi-colonização feudal era já uma *proletarização, uma mobilização do trabalhador camponês para a tarefa logística, mas também aí, abaixo da condição operária.*

p.84

- **Trajatória do migrante** e da proletarização militar confundem-se.

E isso, de forma freqüente, desde a Antigüidade.

- *Condottieri*.

Alusão do autor ao papel desempenhado por essa espécie de circuito logístico original.

- **Casernas/Asilos**: reconstituem a unidade do **proletariado móvel**.

- Reivindicações sociais do **proletariado militar**.

Permanecem, por muito tempo, aquelas da sua própria subsistência. Rebeliões e revoltas não são de grande envergadura e quando acontecem retornam à reivindicação inicial: tentam se apoderar de uma praça forte e aí se manter até que seus empregadores paguem o que devem, para que eles retomem a estrada.

p.85

- Imposto pago para manter **exércitos permanentes**.

Essas revoltas dos soldados contribuíram para criar essa obrigação material devida aos cofres públicos.

- Mecânica dos corpos do **proletário/soldado**.

Verifica-se seguidamente *o desprezo e repulsa que cercam a massa móvel dos corpos sem vontade*. Juntam-se a essa mecânica, o corpo da mulher (casas de tolerância), o corpo de criança abandonada (ideal para adestramento), o janízaro (recruta), etc.

p.86

- **Rapto**: procedimento clássico do dromocrata.
Assim como acontecera com o rapto, era também normal que a revolução militar colocasse legalmente o *proletariado infantil para trabalhar* e ele fosse mesmo privado de identidade civil (1846).
- **Sociedades antropocêntricas** e atividade manual/mecânica.
Nas sociedades antropocêntricas, tanto para a Idade Média quanto para o Renascimento, *o corpo do trabalhador não é equiparável a um modelo humano*, este último idealmente composto, essencialmente razoável e harmonioso, pois contido nos círculos e nas grades da geometria euclidiana (Homem Vitruviano), símbolo de sua superioridade social, sendo esta a geometria da trajetória do invasor, do dominador.
- **Corpo liberal** e corpo mecânico.
Estabelece-se pois a diferença entre o **liberal** e o **mecânico**, este último sendo pura motricidade, derivando do *maquinal*, podendo pois ser executado pelos ignorantes e pelos animais.

p.87

- **Corpo do dublê** (no cinema) é um corpo privado de razão.
O diretor (filme) sendo o ditador do movimento.
- Animais como **corpos-veículos**.
Vários exemplos são trazidos: cães amestrados, corpos veículos dos cavalos, pombos-correios.

p.88

- Ghandi contra **taxação do sal** dos ingleses sobre os indus.
Dizia ele que era *uma economia da violência e da morte lenta infringida ao povo colonizado pelo invasor ocidental*.
- **Corpos giróvagos** = privados de identidade.
A esses corpos associa-se igualmente a privação da capacidade de decisão. Comentários sobre o direito de voto.
- Razão do Liberal versus *ausência de razão* no **corpo do ignorante**.
Virilio observa a *importância política e social da razão do liberal* (do mar livre à guerra livre) com respeito, não à desrazão, *mas* à ausência de razão dos corpos dos ignorantes, relação que o autor diz estar fielmente *reproduzida tanto no organograma marxista quanto no capitalista* (aqui, em menor grau).

p.89

- **Perversão da transmigração primitiva:** alma transforma-se em razão.

Com o *advento do poder dromocrático* assiste-se a uma perversão da transmigração primitiva: a alma, ao tornar-se individual, transformou-se em razão, ou seja, *sede de uma regra de preparação preventiva de nossas ações, de nossos movimentos, e até do conjunto de nossos destinos.*

p.88/9

- **Bestiário dos engenhos/**alma como razão potencial e razão científica.

Aqui se inserem os corpos técnicos ou objetos das técnicas que se constituem numa verdadeira dominação social, ou seja, o que Virilio chama o bestiários dos engenhos.

p.89

- **Corpos sem alma/**Idade Clássica.

Relata como, no início da Idade Clássica, o espetáculo oferecido pelos dementes e possessos estava na moda (como hoje estariam, os drogados). Investiga-se a desordem motora de atitudes e discursos. Diz-se que, como o animal, ele não sofre, mesmo se grita e se lamenta: *não cabe pois apiedar-se deles.* Daí o arsenal jurídico e médico *dos tratamentos infringidos a esses corpos sem alma... o corpo é uma casa vazia onde, se não tomarmos cuidado, sucedem-se locatários perturbadores... Mais do que casas esses corpos são veículos metabólicos. Os pseudodemônios de que se tenta livrá-los são, antes de mais nada, inteligências, também elas, em trânsito, que ocupam abusivamente o assento do motorista. Essas inteligências estranhas insuflam um dinamismo involgar aos corpos vagos.*

- **Psicanálise versus corpo vazio:** alavanca de penetração do psiquismo.

Virilio diz que a psicanálise ainda trabalha praticamente com esta crença sob a pretensão de *um retorno do inconsciente à expressão* de um consciente razoável.

p.90

- **Metempsicose.**

A antiga metempsicose imaginava uma pletora de *inteligências em busca de uma matéria indiferenciada.* Ela sentia que o movimento de transmigração devia realizar-se de modo natural, particularmente pelo nascimento e morte de qualquer corpo, criando assim, *para além das organizações sociais, uma espécie de igualdade física.*

- **Potencial poético cede lugar a seu potencial militar.**

Quando o desmatador se transforma em conquistador, este material poético que procura ir além das organizações sociais, cede lugar a seu potencial militar. **A transmi-**

gração das almas cede lugar à sua conquista, isto é, à viagem dos corpos e, portanto, à sua desterritorialização e desigualdade.

- **Amor humano**/encenação social.
Seria, para Virilio, uma das derradeiras tentativas poéticas da alma fluida encarnada aqui ou ali.
- **Pornografia**/Cultura física sueca: amálgama da estrada e do sexo.
Amálgama moderno da estrada e do sexo, corpos montados ao sabor dos encontros, colisões sexuais, rapidamente esquecidas.
- **Mulher-montaria**/Homem é o passageiro da mulher.
Virilio desenvolve a idéia da *mulher como o primeiro meio de transporte da espécie*. Ele explicita com mais detalhes o assunto, num ensaio intitulado *Metémpycose du passager*, na Primeira Parte do livro (H.N., 84, p.35-51), mas igualmente em "Veicular", no livro (I.T., 76, p.243-270).

p.90/1

- **Boa conduta** e leis de trânsito.
A boa conduta agora não é mais a moral ensinada na escola pública, mas são as leis de trânsito. Na verdade, pergunta o autor, já não seria esta a *aventura do monasticismo militar, transformando o corpo místico de Cristo num corpo de exército, numa ordem de marcha?*

p.91

- **Militarização da sociedade**: o cidadão é uma máquina de guerra.
O monge-soldado é um modelo precursor.
- **Monasticismo**.
É mais uma invenção militar do que religiosa, encontrada em todas as latitudes. O monge, voluntariamente ausente de si mesmo ao jurar silêncio, castidade, torna-se uma espécie de veículo do seu diretor de consciência.
- **Autismo monárquico** no seio da sua renúncia.
Prefigura o niilismo da *revolução das técnicas* de que fala Heidegger.
- **Hegel**, sua concepção moderna de Estado.
Não é por acaso que ela se origina na Prússia, antigo domínio da Ordem Teutônica, secularizado em 1525. Virilio mostra, com o exemplo de Hegel, o paralelo entre as organizações, e entre a ordem religiosa e a ordem militar

- **Puritanismo** e industrialização.

Do mesmo modo, procura mostrar como os dois progridem juntos nos países anglo-saxões e como, com o internato industrial, *o trabalho fabril dos corpos sem alma das crianças e mulheres é considerado redentor, pois esses corpos são colocados em movimento pelas almas razoáveis (a dos engenheiros) encarregadas de definir suas atitudes e seus gestos.*

p.92

- **Conquistador** e guerreiro.

Comenta Caim e Abel: esse primeiro assassinato gira em torno do modo de ocupação do solo primitivo: agricultor brutalmente desterritorializado, o primeiro matador de homens é imediatamente nomeado *construtor de cidades* (plebeu).

- **Importância do padre:** comércio da troca com os deuses e a natureza.

A troca se dá fora das convenções militares (explicação). Virílio volta a explicar como a mercadoria pode ser depositada na praia, à beira da estrada; para que se estabeleça a troca mercantil, como havia feito em (GP, 84), quando mostra que o comércio, para efetivar-se, não necessita da cidade.

p.93

Guerreiro = Padre pervertido.

A força armada é sempre uma força de ocupação militar e é nesse plano que o guerreiro aparece como padre pervertido. A *Guerra Total* e depois, o *status quo nuclear* tendem a aproximar o guerreiro (*apátrida*) desse papel original.

- **Dissuasão.**

Sob essa ótica, o princípio da dissuasão não é apenas uma *fórmula estratégica*, mas também o pagamento do aluguel da terra por seus habitantes, literalmente, *de seu termo* (limite e fim).

- **Função do herói/Protetor militar/Coletor de impostos.**

Contrariamente a Clausewitz, Virílio acredita que essas atribuições não são identificáveis com o comércio humano. *A violação da hospitalidade (divina) da terra pelo guerreiro ou pelo monge-soldado não é a sua aquisição, a capitalização de seu solo e de suas riquezas em nome de um Estado do qual ele seria o instrumento.* Essa violação da hospitalidade é tudo isso como *expansão indefinida da própria violação.*

- **Grandes conquistadores:** o grande Assalto/a grande violação

Eles imitaram essa expansão indefinida da violação da hospitalidade. Napoleão quer fundar e não possuir. A conquista é reduzida à busca, a façanha é o movimento.

p.94

– **Assalto.**

A guerra é assalto porque é a violação permanente da hospitalidade da terra, sua penetração.

– **Carro de corrida/Medida existencial do guerreiro.**

[T] Virilio reflete sobre o velocímetro do carro e o escoamento vertiginoso do tempo, imposto da rapidez sobre o metro percorrido que arruina o habitante da terra, mas *destrói simultaneamente a substância de seu conquistador e mede as horas que restam ao sobrevivente. Com efeito, como no retorno do anel topológico, seu desaparecimento depende da resposta que ele saberá dar, no espaço e no tempo, à questão de Alexandre o Grande, ao problema de seus limites.*

– **O campeão: limites do seu recorde.**

Também o campeão algum dia desaparecerá nos limites do seu próprio recorde, como já prenuncia a *manipulação biológica* de que ele é objeto, e que é parecida com esses métodos de sobrevivência médica artificial que se concede aos moribundos.

– **Engenho: é prótese de sobrevida.**

O engenho [o carro, a máquina] é também para o dromomaníaco, uma *prótese de sobrevida*. É notável que os primeiros veículos automotivos (Joseph Cugnot, 1771) sejam movidos a vapor, situando-se já como o limite da metempsicose do corpo animal, etapa da evolução histórica, da passagem do veículo metabólico para o veículo tecnológico, cuspiendo sua fumaça como um último alento, uma derradeira manifestação simbólica da potência motriz dos corpos vivos.

1.3.3 - O fim do proletariado

- **Argumentos 7**

Existe uma coincidência, mas não convergência entre o progresso dromológico e o progresso humano e social. O desdobramento dessa coincidência efetiva-se através das transformações veiculares, ou ainda, na submissão dos corpos aos novos agenciamentos espaço-temporais imprimidos, pela tecnologia, aos transportes. Essa submissão se dá na medida do progressivo abandono pelo povo, da rua, da estrada. Pa-

ralelamente, o avanço dos meios de comunicação faz com que o teatro estratégico do campo de batalha torne-se, repentinamente, global.

A evolução fulminante das técnicas de penetração militar, bem como a penetração do próprio exército em pontos-chaves das atividades civis, a segurança e proteção sendo centrais, vão anunciando o fim de um tipo de mobilização por parte dos cidadãos. Com efeito, a energia cinética do proletariado não domina mais a vida política pois que sua força motriz é fraca e o espectro do proletariado é, assim, desfeito pela velocidade. A classe militar dá tão somente ao proletariado a ilusão de poder dominar e subverter a fortaleza burguesa. O fato é que todos estes elementos (proletário-operário/proletário-soldado/burguesia) já se encontram arruinados e perfurados, tanto pelos meios de comunicação ultra-rápidos, quanto pela sutil invasão da estratégia anti-cidade desencadeada pela Guerra Total.

A arma nuclear, última forma de viação militar, modifica logicamente a constituição política dos Estados no mundo e, de agora em diante, é necessário centralizar a atenção nos vetores políticos desse novo poder.

A revolução proletária, afastando-se da filiação dos partidos políticos, passa agora pelas revoluções da instituição militar no seio do aparelho constitucional do Estado. Trava-se um diálogo apartidário entre forças de trabalho e classe militar e não há que descurar o papel dos sindicatos nesse novo agenciamento dialógico. Por outro lado, o avanço veicular vai, aos poucos, anulando as diferenças entre o exército e a própria civilização. E isso, a tal ponto acontece – os Estados Unidos da América do Norte seriam o exemplo quase paradigmático – que nessa efetivação da sociedade dromocrática, os meios de comunicação funcionam como garantias de uma certa coesão cívica buscada pelos homens.

O exemplo da cidade de Nova Iorque é dado para mostrar como o estado de crise é gerenciado em estado permanente pelos sindicatos municipais. Dessa forma esses sindicatos transformam-se em administradores e banqueiros. Assim, o surgimento dessa espécie de potência criminosa que emerge da massa, nada mais é que o *retorno* de uma reivindicação política de descontrole e isso na medida em que os ideais sociais não são mais capazes de mobilizar.

Levanta uma hipótese bastante interessante quando ao se referir a Howard Hughes, liga-o à cultura cívica americana, e sugere que ele incorporaria a crítica mais radical possível feita às teorias *mundialistas* (MacLuhan ou Fuller). Seu único objetivo seria o de especular indiferentemente sobre tudo que lhe permite enviar mensagens. O

que interessa a Hughes é exclusivamente aquilo que transita. Nada mais desperta sua sensibilidade e sua vida saltita de um vetor a outro, assim como sua adorada Nação americana.

Poderíamos então reforçar a hipótese viriliana e enfrentar essa espécie de senso comum que atesta a riqueza e pujança das comunicações através do ritmo desenfreado de mensagens, pois que, ao detectar incessantemente aquilo que transita é-se, a uma só vez, a-social e isolado do mundo.

Na análise dos USA comenta ainda os estágios pelos quais passa o consumo americano: inicialmente a política do conforto (que, em princípio devia substituir a assistência social porque dava assistência técnica aos corpos); depois a política do *standing*; e ultimamente observa-se um gosto romanesco pelos corpos biônicos, reminiscências, para Virilio, do futurismo fascista – onde os órgãos dos corpos humanos são substituídos por enxertos biológicos. Alude ao fascismo e de como, de acordo com Heidegger, o niilismo seria o estágio último da vontade de poder e realização da essência da técnica. Através do nihilismo o proletário-soldado poderá perseguir na não-guerra, a sua tarefa revolucionária: o assalto. Simplesmente este assalto será agora transformado em *agressão contra a natureza*. Aliás, esta agressão contra a natureza tem a conotação de uma pan-destruição do mundo. A preocupação com a volta ao fascismo parece explicar-se quando, ao se aquiescer que ele representou uma das revoluções culturais, políticas e sociais mais acabadas do Ocidente dromocrata, percebemos que ele se mostra ainda vivo na guerra e depois, na paz total.

Guerra e paz totais engajaram os Estados-Maiores dos grandes corpos nacionais (exércitos e forças de produção) num novo processo espaço-temporal. Mas agora, postula Virilio, o problema agora não parece mais ser o de uma historicidade no tempo (cronológico) ou no espaço (geográfico) mas, em qual espaço-tempo? Fundamental é pois que se revise nossa concepção física da história e admiti-la, enfim, por aquilo em que ela se transforma. Com efeito a condutibilidade da guerra é esse projeto que proferimos no tempo e no espaço e que podemos, ao repeti-lo, impor ao adversário, não o instrumento, mas a origem de uma linguagem totalitária da História rumo à essência absoluta da guerra (a velocidade), adquirindo assim o sentido da tomada do poder absoluto por parte da inteligência militar ocidental sobre a história universal.

- **Temas e conceitos**

p.95

- **Progresso dromológico** e progresso humano e social: coincidência.
Há coincidência entre os dois, mas não há convergência.
- **Desdobramento dessa coincidência:** resumo.
 - 1) uma sociedade sem veículo tecnológico na qual a mulher desempenha o papel de esposa logística, mãe da guerra;
 - 2) a submissão indistinta dos corpos sem alma como veículos metabólicos;
 - 3) o império da velocidade e dos veículos tecnológicos;
 - 4) concorrência e depois derrota do veículo metabólico para o veículo tecnológico terrestre;
 - 5) fim da ditadura do proletariado e fim da História na guerra do tempo.
- **O militante** ou/revolucionário-operário, nas definições de Goebbels e Engels.
Não propõe apenas uma *figura degradada do proletário-soldado*, mas uma forma provisória de militarização.
- **Força motriz** (= política) **do proletariado** é fraca (1914).
A partir de 1914 (Primeira Guerra), a força motriz, política do proletariado não deixava ilusões nos campos europeus, mas era ainda indispensável para canteiros de obras na guerra continental.

p.96

- **A fortaleza burguesa:** subversão pelo proletariado: ilusão.
A classe militar vai dar a ilusão ao proletariado de poder dominar e subverter a *fortaleza burguesa*, embora se saiba que esta última já está arruinada e perfurada pelos meios de comunicação ultra-rápidos e graças à estratégia *anti-cidade* da Guerra Total.
- **Estratégia anti-cidade** instaurada pela Guerra Total.
- **Ameaça bolchevique/anos 1920.**
Esses acontecimentos tornam-se necessários através do remanejamento logístico das nações industriais-militares na Europa e no mundo.
- **Tratado de Versalhes (1919), parte XIII:** classe operária ou forças militares?
Diz-se aí: *existem condições de existência para a classe operária que são incompatíveis com a paz mundial*, mas Virilio sugere que teria sido mais adequado dizer: para o equilíbrio das forças militares no mundo!

- **Trabalhador-militar-industrial** novo amálgama: Jünger.
É construído através do ensaio de Jünger: *Der Arbeiter*, de 1932, e se transforma num verdadeiro *programa político* para os alemães.
- Modelo marxista de **proletarização militar**.
Desemboca num **socialismo de face humana** (Maio 68), capaz de atrair um eleitorado novo e um tanto despolitizado, critica Virílio.
- **Generais portugueses** (Movimento das Forças Armadas): o que acontece?
Sob os seus auspícios se anuncia o fim da ditadura do proletariado no sul da Europa. O que acontece é que, com esses generais marxistas, *a ditadura do proletariado retoma seu sentido militar inicial*, e eles constataam, como técnicos da guerra, que se foram os tempos em que a energia cinética do proletariado dominava a vida política, após ter dominado o campo de batalha. Foram-se os tempos em que, dizia Lenin, e a classe operária se via cercada de atenções e solicitações pelos próprios capitalistas.

p.97

- **Corpo animal do proletariado** está desvalorizado.
- **Ditadura do proletariado** - o Fim.
Esse fim do proletariado é simplesmente a *versão comunista de constatações feitas pelo exército francês*, suprimindo o conselho de revisão (9 julho 1975) e suprimindo as versões que foram feitas, do lado liberal, pelos membros da Comissão Trilateral sobre *a crise da democracia* que dizia: *chegamos ao reconhecimento de que, se há limites potencialmente desejáveis para o crescimento econômico, há também limites potencialmente desejáveis para a extensão indefinida da democracia*.
- **Democracias liberais**: sua crise.
A crise das democracias liberais ideológicas representa o fim de um tipo de mobilização dos cidadãos. A pseudofigura histórica central do produtor-dominante é descartada simultaneamente pelos dois grandes blocos.
- **Proletário-operário** e consumidor-produtor: considerados imprestáveis.
- **Civilização do exército**: Movimento das Forças Armadas Portuguesas (MFA).
Virílio explica alguns projetos desse movimento que passa para o nível da civilização do exército.

p.98

- **Arma nuclear**, problema.

Se ele tende, em 1977, a fazer explodir a União da esquerda é bem mais por uma questão de vetores políticos do novo poder nuclear. Na verdade, a arma nuclear modificou logicamente a constituição política dos Estados no mundo. Ela é agora uma fonte de direito constitucional, modificando a constituição efetiva.

- **Velocidade da decisão política** e a sofisticação dos vetores.

Essa velocidade depende, sem dúvida, da sofisticação dos vetores. Sob esse ângulo a bomba é política, não pela explosão que deveria se produzir, mas por ser a última forma de viação militar.

- **Bomba**.

É a última forma de viação militar.

- **Revolução proletária**: revolução da instituição militar.

Burguesia política e partidos revolucionários viveram em coexistência, anesthesiados pela euforia de um crescimento contínuo, mas agora a revolução proletária passa necessariamente pelas revoluções da instituição militar no seio do aparelho constitucional do Estado. A iniciativa tem se originado, não mais nos *partidos políticos* mas nos exércitos, nos sindicatos e mesmo nos sindicatos dentro do exército.

- **Diálogo apartidário** entre forças de trabalho e classe militar.

É o que se verifica e que não se analisa devidamente. No Peru (1975) o Gal. Vargas Prieto declara que a revolução peruana é constituída por suas forças armadas, *raiz e essência institucional do povo porque nele nasceram*.

p.99

- **Forças revolucionárias** proletárias negam o Estado-*pólis*.

[T] Esse diálogo mostra que o que está acontecendo é essa negação por parte das forças revolucionárias proletárias. Caminhamos para a explosão dos sistemas de produção nacionais, assim como para a individuação sindical, onde o trabalho humano depende menos da produtividade do que do jogo de interesses envolvendo o mercado de mão-de-obra.

- **Democracia chilena**: a orquestração do seu fim.

Seu fim foi orquestrado pela CIA e pela ação exercida sobre o sistema viário pelos sindicatos dos caminhoneiros, das telecomunicações, etc.

– **O jogo sindical.**

A máfia se internacionaliza tentando uma colaboração sem intermediários com a classe militar (ref. ao escândalo sobre relações entre generais israelenses e membros do gangsterismo internacional).

– **Jogo político-militar.**

Dá-se a desterritorialização e, tanto os pequenos delinquentes como as grandes associações criminosas assistem a uma singular revalorização do seu artesanato local.

– **Classe militar/rua/estrada.**

A classe militar abandona a rua e a estrada e, separada do seu parceiro burguês, trabalha em favor das pequenas e médias empresas da extorsão, *em troca de proteção*.

– **Sindicatos municipais: administradores e gestores da crise.**

Os sindicatos municipais em Nova Iorque gerenciam pura e simplesmente a crise, tornando-se administradores e banqueiros.

p.100

– **Potência criminosa** - retorno de uma reivindicação política.

Essa potência criminosa que emerge da massa, para Virilio, nada mais seria do que o retorno de uma reivindicação política de descontrole, e isso porque os ideais sociais tornaram-se subalternos e não mobilizam mais.

– **Exército: força de proteção e controle viário.**

Num universo social inquietante formado de associações profusamente descritas e mostradas como criminosas, o exército aparece, cada vez mais, como uma força de proteção, um refúgio ante o sucateamento dos empreendimentos subversivos. Na França o exército já dispersa seu pessoal pelos pontos-chaves das atividades civis e substitui a polícia em suas tarefas de controle viário. O trabalho do proletariado-militar é doravante o policiamento das estradas ou aeroportos, a coleta de lixo.

p.101

– **Potencial dinâmico do exército: a análise estática.**

Eis a conotação que é dada à análise dos anti-militaristas e que, portanto, torna-se ridícula.

– **Operação Demeter (França, 1977).**

Relato de uma operação que pretendeu manter as relações de boa vizinhança do exército com a população civil.

– **Instituto de Altos Estudos de Defesa Nacional.**

Na França, foi feita campanha para sensibilizar o público sobre a noção de defesa e de proteção, querendo *mudar a imagem de marca do exército* (maio 1975).

p.102

– **Balzac:** qual o verdadeiro território da historicidade?

Após 1830 Balzac questiona-se a esse respeito ao dar-se conta que *graças aos progressos dos meios de comunicação*, o teatro estratégico do campo de batalha tornara-se repentinamente global.

– **Polícia secreta:** sistemas de vigilância e delação.

Eis uma penetração de invasão clandestina do corpo social que tinha um objetivo preciso: a exploração, por suas forças armadas, do potencial bruto da nação: suas capacidades industriais, econômicas, demográficas, culturais, científicas, políticas, morais. Em seguida, essa penetração social é ligada à *evolução fulminante das técnicas de penetração militar em que cada avanço veicular anula uma diferença a mais entre o exército e a civilização*.

– **Avanço veicular:** anulações das diferenças entre exército e civilização.

Avanços que os tornam, pois, cada vez mais semelhantes.

– **Fascismo** na Alemanha (*Ostokolonisation*).

Esforço logístico sem precedentes que efetivará, por volta dos anos 20, a singular unidade da civilização ocidental.

p.103

– **Código negro** do pacto colonial.

Ao lê-lo compreenderemos, da melhor forma possível, o estabelecimento da sociedade dromocrática. Colbert (1848) dirá que o escravo negro era, antes de mais nada, *um bem suscetível de ser deslocado*.

– **O jazz negro-americano.**

Seu sucesso após 1914 faz pensar como o branco se sujeita ao ritmo do escravo móvel.

– **Garantia de coesão cívica:** mediatização dos meios de comunicação nos USA.

Desde a origem não há, no sistema americano, medida comum entre o valor das mensagens enviadas e a operação necessária para a sua transmissão. Mais do que o conteúdo da mensagem, **os meios de sua mediatização** parecem instrumentos de primeira necessidade nos USA: para governar aí é preciso primeiro se instalar e de-

pois comunicar. *Os meios de comunicação são a garantia de uma certa coesão cívica logo, civil.*

Obs.: Queremos crer que poderíamos estender este modelo ao próprio sistema de globalização presente na contemporaneidade. Talvez ainda não possamos, no entanto, adjetivar a coesão como cívica.

– **Antigo modelo colonial americano.**

Inversamente ao parágrafo anterior era a segregação que justificava a hegemonia do sistema da mídia sobre a qual repousava a natureza da autoridade do Estado Americano. Seria esta uma das razões do velho racismo e de sua sobrevivência nos 'bons cidadãos' da América livre? pergunta Virilio.

p.104

– **Convulsões internas ligadas aos acontecimentos dromológicos.**

Nos USA essa ligação é direta (exemplos nos são dados com os gravadores do Watergate, assassinato Kennedy, etc.).

– **Citizen Kane:** R. Hearst ou H. Hughes?

O filme exemplo da cultura cívica americana é menos Randolph Hearst (de quem Orson Welles tirou o exemplo) é bem mais Howard Hughes, o cidadão invisível. O primeiro ainda enviava mensagens, mas Hughes contentou-se em especular indiferentemente sobre tudo que permite enviar essa mensagem. Ele incorpora perfeitamente a crítica mais radical das *teorias mundialistas* (Fuller ou MacLuhan). Associal e isolado do mundo, Hughes só se interessa por aquilo que transita. Nada mais desperta sua sensibilidade: sua vida saltita de um vetor a outro assim como sua adorada Nação americana.

– **Guerra do petróleo (1914).**

Uma vez mais não foi o objeto do consumo e sim seu *vetor de entrega* que criou o mercado.

p.105

– **Guerra Total:** Cultura européia resiste ao cerco cultural dos USA.

Virilio pergunta-se a respeito dos vários elementos que resistem e os que começam a entregar-se a esse cerco. A Guerra Total é, como a guerra colonial, uma empresa de aniquilamento das civilizações permanentes e a cultura européia vai cedendo.

- **Cozinhas americanas:** objetividade sem pensamento.
Plethora de objetos em cozinhas rutilantes onde, a rigor, não se prepara qualquer refeição, mas quase exclusivamente uma manipulação de sanduíches e conservas.
- **Técnicas do corpo** e da alma/cultura pop americana.
- **Mercado doméstico.**
É um receptáculo infinito de mercadorias.
- **Civilização do conforto.**
Deveria substituir a assistência social, na medida em que *dava assistência técnica aos corpos*, à política do conforto, paternalista e humanitária se substitui a do *standing*/posição social.

p.106

- **Corpos biônicos.**
É gosto romanesco, reminescentes do futurismo fascista. Nos USA esse gosto romanesco pelos corpos biônicos seria reminescente do futurismo fascista, onde certos órgãos do corpo humano são substituídos por enxertos tecnológicos.
- **Política do *standing*,** da posição social.
Substitui-se à política do conforto. Cada pessoa via-se como alvo do controle de seus vizinhos. A publicidade estoura. No plano político estamos no macarthismo com caça às bruxas anti-americanas, intelectuais e artistas ameaçariam a democracia, etc. ...
- **Segurança social.**
Implica subdesenvolvimento cultural da população.
Virilio acredita que isso acontece, mormente, na Nação americana.
- **Espectro do proletariado.**
O espectro do proletariado é desfeito pela velocidade.
A hierarquia das altas velocidades de penetração e de assalto fazem e desfazem o espectro do proletariado. Nem Marx ou Engels conseguiu discernir a figura mítica do trabalhador, nem mesmo na jazida tão rica de proletarização industrial que foi a Inglaterra do século XIX. Essa imagem se formou em junho de 1848, nas ruas de Paris, num palco da guerra civil. Nasce aí a guerra de massas e do movimento. *O mito do operário da metafísica toma corpo nos grandes campos de batalha da guerra industrial.*

p.107

- **Guerra,** fermento do progresso técnico: Teilhard de Chardin.
A guerra é um dos principais fermentos do progresso técnico. Ela é um fenômeno orgânico de antropogênese que o cristianismo já não consegue suprimir, assim como a morte.

- **Paz das nações.**

Teilhard também teme a Paz das Nações que recobrirá o mundo com *a crosta das banalidades, o véu da monotonia.*

- **Proletários/soldados.**

Todos ficam possuídos de um desejo incontrolável pela *carne submissa do proletário/soldado, esta massa poderosa de máquinas móveis... obedecendo cegamente ao impulso de seus condutores.*

- **Evolução das forças de trabalho militares (proletariado militar).**

Agora as forças de trabalho não são mais coagidas a se vender mas a se *entregar ao empresário de guerra.* Essas forças de trabalho são o que foi a mulher e depois a montaria para o cavaleiro de batalha, ajudando-o a avançar, morrendo debaixo dele ou provocando sua morte.

- **Mulheres/Montaria (Casal Logístico).**

p.108

- **Figura revolucionária do trabalhador.**

Ela nivela uma disparidade cinética entre guerra lenta e guerra rápida. Essa figura é mais desenhada pelo sistema militar do que pelo sistema industrial. Ela nivela essa disparidade na medida em que quer remediar a distorção oriunda da brevidade obrigatória do assalto destrutivo através de uma aceleração do ritmo das agressões. *A evolução histórica é agora mantida em movimento, literalmente, por um motor a explosão.*

- **Fascismo: die totale Mobilmachung (Heidegger).**

Para Virílio o fascismo, assim como em Heidegger, aparece como o estágio último da *vontade de poder e realização da essência da técnica: o niilismo.*

- **Niilismo/proletário-soldado/agressão contra a natureza.**

Através do primeiro, o segundo poderá perseguir, na não-guerra, sua tarefa revolucionária – o assalto – transformado este em agressão contra a natureza.

- **Agressão contra a natureza.**

É a pan-destruição do mundo. Acontece isso quando os grandes canteiros de obras geopolíticas *consagram a terra à guerra,* conservando para o operário da metafísica, sua figura visível ou dando-lhe essa figura por meio *da educação.*

- **A prática da assistência humanitária.**

Mistura operários, camponeses e estudantes. Praticamente isso começa por uma espécie de assistência humanitária aos desempregados alemães, passa depois para um serviço voluntário que se entrega ao serviço do trabalho, do saber e das armas.

Este último faz com que os acampamentos recebam os primeiros voluntários em 1926 misturando, *de maneira comovente, operários, camponeses e estudantes.*

- **Mão de obra:** exigência da guerra industrial.

Virílio traça ligeiramente o *status quaestionis* a respeito do trabalho civil, sua obrigatoriedade, sua implantação (Bulgária, Alemanha, países comunistas...).

p.109

- **Projeto Fascista/** disputa do proletariado.

Esse projeto é também, uma espécie de compromisso intervindo no conflito que opõe, de longa data no seio do Estado, a aristocracia e a burguesia, disputando entre si o seu proletariado (...). A carne do proletário-operário não é diferente da do operário-militar.

- **Fascismo:** autoritarismo e dromocracia.

O fascismo só foi autoritário na medida em que se quis integralmente dromocrata: o espaço vital é apenas um desaparecimento da geografia da Europa, aberto à expansividade de uma organização social inteiramente funcionalizada pela *hierarquia da velocidade*, esta hierarquia que fizera o nacional-socialismo nas ruas de Berlim antes de retornar, com a guerra mundial, a suas origens culturais de elite.

- China (1964): o mote de tomar o **exército como modelo.**

Uniformes do trabalhador-soldado.

p.110

- **Corpo esportivo/**Corpo do homem-assalto.

Este corpo do ariano louro e naturista é deliberadamente exibido pela propaganda nazista. O que o estádio de Berlim coloca em cena na celebração da *liturgia olímpica* é muito precisamente uma hierarquia dos corpos na ordem das velocidades de penetração. O corpo esportivo é um corpo pritânico, ele próprio projétil e projetante.

- **Corpo pritânico:** projétil e projetante.

Pritânico – derivado do grego, Pritaneu (prítane), lugar de reunião dos prítanes, na Grécia antiga, onde tomavam refeições, às custas do Estado. Além deles, também grande número de funcionários públicos e certos cidadãos a quem se concedia tal privilégio em recompensa por serviços prestados à pátria.

- **Recorde de velocidade** ou de distância: a mesma do assalto.

A excitação que preside a ambos é a mesma do *assalto*, ou seja a que rege o mesmo princípio da performance esportiva. Essa contagem regressiva no tempo e no espaço

é apenas a teatralização da corrida para sua grandeza absoluta, daquela carga militar que começa com uma marcha lenta e geométrica e prossegue com uma aceleração cada vez mais forte do corpo para chegar ao *sprint* final.

- **Guerra Total** (a *Totale Mobilmachung*).

Com esta Guerra Total essa contagem regressiva atinge seu sentido pleno. *Não há mais medida social comum entre o corpo triunfante do proletário-soldado e o corpo do proletário-operário.*

- **Poesia do bombardeio:** Mussolini.

Exaltação do corpo-velocidade é aí total. Eis a metáfora do fascista, de como se passa do recorde esportivo à guerra absoluta.

- **O dandy-guerreiro:** Marinetti.

Este último seria o único sujeito capaz, sobrevivendo e saboreando, no combate, a potência do sonho metálico do corpo humano, o acoplamento com um elemento técnico muito mais incômodo que o cavalo (o antigo veículo metabólico das elites guerreiras). A última metáfora do corpo-velocidade é seu desaparecimento final nas chamas da explosão (ref. aos camicases japoneses).

p.111

- **Fascismo**, a volta do/novo processo espaço-temporal.

[T] *Como o fascismo nunca está morto, ele não precisa renascer...ele representou uma das revoluções culturais, políticas e sociais mais acabadas do Ocidente dromocrata com o mesmo direito que os impérios do mar ou o empreendimento colonial.*

*...ele está vivo porque a **Guerra Total** e depois a **paz total** engajaram os estados-maiores dos grandes corpos nacionais (os exércitos, as forças de produção) num novo processo espaço-temporal [...]. O problema não é mais o de uma historicidade no tempo (cronológica) ou no espaço (geográfico), mas em qual espaço-tempo?*

- **História**, concepção física da: é preciso revisar.

Para Virilio é necessário revisar nossa concepção física da história e admiti-la enfim por aquilo em que ela se transforma: trata-se aqui, das inovações trazidas pela física quântica e pela teoria da relatividade, aos quais ele se refere na *Guerra Pura – a militarização do Cotidiano*, citada em nota de rodapé.

- **História** transforma-se na condutibilidade da guerra.

[T] *Diz: isto que, em resumo, faz da condutibilidade da guerra esse projeto que proferimos no tempo e no espaço e que podemos, ao repeti-lo, impor ao adversário não o instrumento, mas a origem de uma linguagem totalitária da História, o esforço mútuo dos Estados europeus e, de-*

pois, do mundo, rumo à essência absoluta da guerra (a velocidade), adquirindo assim o sentido da tomada do poder absoluto por parte da inteligência militar ocidental sobre a história universal. A história pura seria então apenas a tradução do puro avanço estratégico no terreno, seu poder seria o de preceder e ser definitiva e o historiador seria apenas um mero capitão da guerra do tempo.

1.3.4 - Uma segurança consumada

- Argumentos 8

Não se divide a segurança

M. Poniowski (4 março, 1976)

Virilio comenta a frase de Poniowski na medida em que, efetivamente, não se divide a segurança pois que ela não é divisível como costumavam ser os bens das sociedades assistenciais: eis uma grande mudança para a qual devemos atentar.

As pretensas revoluções não são feitas pelo povo mas sim pela instituição militar e o próprio liberalismo econômico nada mais é do que um pluralismo liberal da ordem das velocidades de penetração. Os modelos logísticos deixam seu enclave pesado da burguesia ou do controle planejado marxista e exercem-se agora na diversidade das hierarquias que apostam na utopia de uma riqueza nacional investida nos diversos ramos da indústria de consumo.

A guerra fria, por sua vez, ancora-se a uma ilusão social cuja estratégia forma, na indiferença das categorias sociais, *soldados desconhecidos da ordem das velocidades e das velocidades cuja hierarquia é o Estado-Maior*. Com efeito essa hierarquia do Estado-Maior estende seu controle do pedestre ao foguete e, mais amplamente, do metabólico ao tecnológico. Assim acontece que, após a guerra mundial não falamos mais em guerras externas, uma vez que as próprias fronteiras passam agora por dentro das cidades. Os conflitos não exprimem mais a situação antes prefigurada por um estado-de-sítio mas por um estado de emergência permanente e sem objetivo, onde a violência se expressa de forma indistinta. As guerras populares, que eram guerras de espaço, batem-se agora num tempo estratégico, na relatividade do tempo do transporte, onde os objetivos situam-se nos fusos horários dos aeroportos mundiais.

A instauração do *modelo de assistência* gerenciada através da invalidez declarada dos corpos incapazes é mantida, cuidadosamente, pelos técnicos da normalização, entre os quais, se destaca, por exemplo, o movimento filantrópico do exército, dando lugar a um outro tipo de consumo: o consumo da proteção. A criação de uma nova unanimidade em torno da necessidade de segurança cria, sem dúvida, um outro tipo de cidadão. A promoção *indivisível* dessa necessidade de segurança faz com que o cidadão não seja mais aquele que enriquece a nação ao consumir, mas aquele que investe primordialmente na sua segurança e que gerencia melhor sua proteção ao consumir menos. Aliás, para Virilio, essa necessidade de segurança seria bem mais compatível com a origem da sociedade capitalista que *sempre associou a política à libertação do medo e associou a segurança social ao consumo e ao conforto*. O que nela lhe parece estranho é, justamente, a assistência dada através do modelo assistencial. Este último, efetiva-se, de fato, a partir da guerra do movimento e da consistência social que toma a invalidez dos corpos incapazes através das reivindicações do trabalhador militar.

Na França, após maio/68, instaura-se um novo modelo de desenvolvimento onde a abundância dá lugar à austeridade. O poder veicular da massa móvel vê-se reprimido e reduzido e, *das limitações de velocidade ou de combustível à supressão pura e simples do carro individual, o mito do carro é condenado a desaparecer junto com o trabalhador, agente histórico central do Estado logístico*.

A segurança equipara-se à ausência de movimento e a proletarianização amplia-se: da supressão das vontades à supressão dos gestos, e o desemprego é a prova disto. O futuro não é mais o combate, mas a fome, a bancarrota das Nações e o desmoronamento de todo sistema social. As campanhas de segurança tornam-se portáteis (Fondation Delta 7, na França) e, na verdade, são mobilizações policiais. A utilização dos reflexos de defesa provoca uma *modificação na estética e na natureza da produção* (cf. produtos sem marca) e a reforma da empresa entra numa nova pauta: a repulsa vende mais que a atração e é ela que organiza a nova existência social em torno dos objetos de proteção.

Similarmente, no mercado militar *não se trata mais de aliança democrática através do sistema de consumo/produção, mas de plebiscitar diretamente a classe militar através do sistema de objetos, ou mais precisamente, de um desenvolvimento tecnológico e industrial em matéria de armamento*. O socialismo militar toma corpo: elimina-se o sócio da burguesia política para repousar unicamente na especulação científica e tecnológica: temos agora nações militarizadas que dispensam, doravante, seus exércitos.

Mas, em face dessa última máquina de guerra e subjugado por ela, mantém-se o último proletário-militar, o corpo doravante desprovido de vontade do presidente da República, chefe supremo de um exército desaparecido. O corpo do presidente assemelha-se ao dos antigos jovens alistados imobilizados entre dois fogos; seu derradeiro ato será ainda o assalto.

- **Temas e conceitos**

p.113

- **Revolução do povo** ou revolução pela instituição militar?
A primeira não pode ir mais depressa que a segunda. Por que? Porque as pretensas Revoluções no Ocidente não foram feitas pelo povo mas pela *instituição militar*.
- **Liberalismo econômico**: velocidade de penetração.
Nada mais é que um pluralismo liberal da ordem das velocidades de penetração.
- Modelos da **hierarquia logística**.
 - a) modelo pesado do enclave burguês;
 - b) esquema singular da pesada *Mobilmachung* marxista (onde predominava o controle planificado ostensivo do movimento, dos bens, das pessoas, das idéias);
 - c) diversidade da hierarquia logística (a utopia de uma riqueza nacional investida no automóvel, viagens, cinema, performances). É o que, na verdade, era a ilusão social baseada na estratégia da guerra fria.
- Todas as **categorias sociais** são soldados desconhecidos.
Essa estratégia fez, *indiferentemente de todas as categorias sociais*, soldados desconhecidos da ordem das velocidades, das velocidades cuja hierarquia é o Estado (Estado-Maior).
- Hierarquia do **Estado-Maior**.
É aquela que controla cada vez mais, do pedestre ao foguete, do metabólico ao tecnológico.

p.114

- **Guerra mundial**: internalização das guerras.
Desde a guerra mundial não se pode mais falar em guerras estrangeiras, externas, pois que as fronteiras passam por dentro das cidades.

- **Beirute: estado de emergência permanente** e sem objetivo.
Viveu-se ali não mais o velho estado de sítio mas um *estado de emergência permanente e sem objetivo*.
- **Indistinação da violência.**
É o que existe nesses estados de emergência permanente.
- **Estado Moderno** (revolução logística do Marrocos/1975).
Quando o rei do Marrocos decide recuperar o Saara espanhol (1975) ele manda para lá os que marcham pela paz, e o episódio se aparenta mais a uma história ecológica resolvida entre civis do que entre militares.

p.115

- **Guerras populares do espaço.**
Elas batem-se num tempo estratégico.
Com os problemas palestinos, a guerra popular toma um rumo mundialista. Como a causa de sua luta era a privação de território geográfico, sua guerra, *não encontrando mais terreno estratégico, batem-se no tempo estratégico, na relatividade do tempo do transporte* (talvez mesmo por isso se instalem nos fusos horários dos aeroportos mundiais...).
 - Vetores do *status quo* nuclear/ataque ao Concorde.
Como não há mais aviação civil, aviões do tipo Concorde, militarmente pouco suportáveis, são objetos de interdição: eles produzem *vetores do status nuclear que possibilitam o fenômeno do assalto automobilizado dos anos '20 nas ruas da cidade burguesa*.
 - **Corpo social** organizado em função da segurança.
1976 na França: comenta o surgimento da necessidade de uma presença de segurança, por parte do Ministro do Interior.
 - **Manipulação terrorista** da necessidade de segurança.
É como Virilio denomina aquilo que procura instaurar o poder face às democracias pela evolução da estratégia nuclear.
 - **Estado Nuclear.**
Renova a estratégia política: consumo da proteção.
- [T] O novo isolacionismo do Estado Nuclear, nos USA, está renovando totalmente a estratégia política na prática, ao criar uma nova unanimidade da necessidade. Criar-se-á um sentimento comum de insegurança desembocando num novo tipo de consumo: o consumo da proteção.

p.116

- **Consumo da proteção**/Fim do sistema de mercadorias.

[T] R. Aron já havia falado nisso. *A promoção indivisível da necessidade de segurança já compõe um novo modelo de cidadão.*

- **Necessidade de segurança.**

É promoção indivisível.

[T] O cidadão não é mais aquele que enriquece a nação consumindo, mas aquele que investe primeiro na sua segurança, que gera melhor sua proteção e que paga para consumir menos.

- **Sociedade capitalista**/segurança e não-assistência social.

[T] Desde sua origem, a primeira sempre associou *a política à libertação do medo, e, a segurança social ao consumo e ao conforto.* Para Virilio, esse modelo de cidadão centrado na segurança não seria novidade. O que para ele é estranho é o modelo da *assistência* (assistencial). Mas este último se dá a partir da guerra de movimento quando a invalidez dos corpos incapazes toma uma consistência social através das reivindicações do trabalhador militar.

- **Invalidez dos corpos incapazes.**

Provê a instauração do modelo de assistência.

- **Tratado de Paz de Versalhes.**

Preocupa-se com a assistência.

- **Assistências sociais.**

As atividades desses técnicos da normalização são inseparáveis dos desígnios hegemônicos da administração de Estado, não são neutras.

p.117

- Nova **economia de sobrevivência**/Novo modelo de desenvolvimento.

Nela não se trata mais de participar de uma *sociedade da abundância* (mais, ou menos fútil). Em 77 Berlinguer dizia: a austeridade somos nós que a queremos para mudar o sistema e construir um *novo modelo de desenvolvimento... a solução para os transportes deveria oferecer uma transformação radical dos mecanismos de Estado através da modificação da natureza das empresas.*

- **Mito do carro.**

Desaparece com o mito do trabalhador, este último, agente histórico central do Estado logístico.

– **O futuro.**

Não é o mais o combate à fome, mas a bancarrota das nações e o desmoronamento de todo sistema social (quem diz isto é Bloch, desde 1897).

p.118

– **Segurança.**

Equipara-se à ausência de movimento.

– **Proletarização.**

Amplia-se da supressão das vontades à dos gestos. O crescimento do desemprego é a maior prova disto.

– **Evidência das performances dos deficientes físicos e mentais.**

Para atestar que a impotência do corpo para se mover não seria um problema grave. A assistência social visa funcionalizar a deficiência como já o fizera o Estado Prussiano em 1914. Interessante relacionar com as iniciativas filantrópicas do exército: do berço ao túmulo, o exército jamais fez outra coisa....

– **Fondation Delta 7** (segurança portátil na França).

Também recorreu à ajuda financeira do exército.

p.119

– **Campanhas de segurança.**

São mobilizações policiais.

– **Manipulação da necessidade de segurança.**

A mudança através dos tempos... ouro/metals preciosos eram valores-refúgios, símbolo da segurança individual.

– **Código de produção.**

Torna-se consumo de segurança integral e a utilização dos reflexos de defesa provoca uma modificação na *estética e na natureza da produção* (ex.: reforma das empresas *versus* produits blancs, ou seja, produtos sem marca).

p.120

– **Socialismo militar.**

Não há mais necessidade de governar com políticos. Esta eliminação do sócio na burguesia política é apenas a realização de um sonho estratégico repousando unicamente na especulação científica e tecnológica; nações militarizadas que dispensam, doravante seus exércitos.

- **Estado político:** meio não-condutor.

Já dizia Clausewitz que o estado político era um meio não condutor que impedia a descarga completa. *Numa tal fórmula, a natureza da ambição da classe militar é revelada e a situação atômica projetada.*

- Eficiência dinâmica da **máquina de Estado**.

É a sua qualidade principal.

- **Estado Nuclear:**

É a última etapa do progresso dromológico. Ele garante a coesão graças ao computador estratégico. Em face desta última máquina-de-guerra e subjugado por ela, mantém-se o último proletário-militar, o corpo doravante desprovido de vontade do presidente da República.

IV Parte

1.4 - O estado de emergência (argumentos, temas e conceitos)

- Argumentos 9

O estreitamento das distâncias indubitavelmente nega o espaço. Na batalha não se ganha mais tempo ao ceder espaço (território), agora ganhamos tempo através dos *vetores*. Anteriormente tínhamos um tempo de destruição (fogo) e um tempo de penetração (movimento). Através dos vetores supersônicos esse binômio paradoxal explosão/implosão se confunde e percebemos que *a nova máquina-de-guerra conjuga um duplo desaparecimento: o da matéria* (através da desintegração nuclear), e o *dos lugares* (no extermínio veicular). Fato é que a localização geográfica perde seu valor estratégico visto que a escolha de pontos num espaço delimitado para a aplicação de forças de ataque se dissipa na medida em que a partir de qualquer ponto, já se pode atingir o outro ponto através de um vetor em movimento permanente. Vê-se assim que, não interessa mais a detectabilidade do curso a ser seguido mas, o que importa é *a velocidade do móvel* (*aéreo, espacial, marinho, subterrâneo*).

Mackinder já defendera a indiferenciação das posições geoestratégicas e o amálgama geopolítico. Agora, essa desqualificação das localizações parece atingir com toda sua propriedade a homogeneização geoestratégica do globo pois que, à antiga guerra popular e geográfica, sucede uma guerra cronológica pendular. Defrontamo-nos com um *fenômeno telúrico e técnico de contração do mundo*, o que nos faz *penetrar num universo topológico artificial*. O paradoxo se instala: estamos face a face de todas as superfícies do globo mas a estratégia atual nos conclama a manter o não-lugar de uma deslocamento geral dos meios, visto que só essa deslocação permite ganhar as frações de segundos indispensáveis para a liberdade de ação. Nos confrontos atuais a redução do tempo de alerta que, de minutos passa a alguns segundos, deixa tão pouco tempo para a detecção do ataque que, só a defesa passiva apareceu como solução meio à aceleração das performances dos meios de comunicação da destruição. Se por volta de 1945 o explosivo nuclear encerrava o ciclo das *guerras nos espaço*, neste final de século o caráter implosivo da máquina de guerra inaugura a *guerra no tempo*.

Ao examinar, em 1972, o enfoque dado ao poder político propriamente humano de decisão surgido entre Nixon e Brejnev quando da assinatura do primeiro

acordo da limitação de armamentos estratégicos, Virilio comenta o quanto o progresso da velocidade acabaria, talvez, abolindo o poder de reflexão e de decisão dos chefes de Estado em favor de uma *automação pura e simples do sistema de defesa*. Para uma compreensão mais detalhada deste aspecto devemos dar-nos conta que a máquina de guerra, graças ao seu poder de destruição tornou-se, com o tempo, o equivalente de uma Guerra Total. Agora, esta Guerra Total, por sua vez, transforma-se na *decisão mesma* devido aos reflexos do que Virilio denomina computador estratégico.

Na verdade, com a contração do tempo na máquina-de-guerra, o presente tende a desaparecer em prol da instantaneidade da ação. Por outro lado, a perda do espaço material implica em que se governe apenas o tempo, não mais o espaço. Como pensar, nesse contexto, a decisão política?

Ao contrário do que se pode acreditar, a velocidade dos meios de comunicação da destruição não representam uma espécie de *libertação da sujeição geopolítica* mas sim o *extermínio do espaço como campo de liberdade para a ação política propriamente dita*. A automação, ou ainda, a miniaturização da ação humana causada pela intervenção da máquina que, diz-se, poderia suprimir mais adequadamente *a possibilidade do erro humano*, termina por levar o ato de governar não mais a um ato intrinsecamente imaginativo do sujeito mas bem mais um ato antecipativo, na ordem do cálculo, porque capaz de prever. Acredita, por outro lado, Virilio, que a ação humana necessita desenvolver-se num campo temporal em cujo interior: percepção, decisão e ação intervêm em tempo real. Perguntamo-nos então: de que modo a intervenção da máquina agenciará a sintonia exigida pelo tempo real humano no ato de governar?

O impulso tecnológico, última forma da guerra do movimento pareceria, assim, conduzir-nos a uma espécie de **cegueira política**, capaz de suprimir a percepção da passagem de um tempo de guerra à guerra do tempo de paz. Através da corrida armamentista percebemos que a miniaturização dando a margem de segurança política no Estado de Emergência, aumenta cada vez mais e conseqüentemente, o risco de deixar que os vetores de comunicação eletrônica se tornem responsáveis pelas decisões, aumenta na proporção direta à da sua velocidade.

A dissuasão, alimentada agora pela guerra do movimento dos vetores obriga-nos a pensar mais detalhadamente sobre os vários aspectos das ameaças contidas nas armas. 1) a ameaça de suas performances no momento de sua intervenção, de sua produção; 2) a ameaça de sua utilização contra o inimigo; 3) o efeito de seu emprego mortal para as pessoas e destrutivo para seus bens. Os dois últimos itens não necessi-

tam maior aprofundamento, mas o primeiro, em geral é descuidado de análise. Com efeito, contra o mau agouro logístico da invenção de suas performances, de sua ação, nada podemos fazer. Como dissuadir um adversário de, seja inventar novas armas, seja de aperfeiçoar suas performances? Segue-se daí que a criação de novas armas é um elemento essencial para a dissuasão a respeito da cessação de qualquer corrida armamentista. Ao contrário disso, o que verificamos é o *desenvolvimento exponencial das performances globais desses engenhos destruidores*. Instala-se, assim, artificialmente um equilíbrio do terror no estágio da indústria de guerra, onde a dissuasão equivale à **criação de seqüências de automatismo e de procedimentos industriais e científicos dos quais se faz ausente qualquer escolha política**. Renunciaremos num futuro à decisão humana solitária em favor da *miniaturização absoluta do campo político que é representado pela automação?*

Vemos então bem mais claramente, como passamos de uma guerra como ação, para uma guerra como *concepção*. Imbutida nessa automação da decisão protagonizada pela própria máquina de guerra encontramos uma **apolítica do pior**. Vencer não é mais avançar mas recuar, e compreendemos porque o progresso dromológico, num processo de reação, acaba resultando na ejeção de uma certa quantidade de movimento - produto de uma massa por uma velocidade - *no sentido oposto ao que se quer imprimir*. Esse retrocesso é uma consequência logística da produção dos meios de destruição: não se teme que o sistema de armas exploda mas, teme-se porque ele existe e implode nas mentalidades. Os aspectos numérico, volumétrico, geográfico, político e espaço-temporal do *fenômeno nuclear* nos atestam que estamos frente à *ausência de tempo* da política da relatividade, onde a *descarga completa* - temida por Clausewitz - *produziu-se com o Estado de emergência*. Nele, a *violência da velocidade tornou-se - simultaneamente - o lugar e a lei, o destino e a destinação do mundo*.

- **Temas e conceitos**

p.123

- **Estreitamento das distâncias.**

Equivale à negação do espaço.

[T] Conseqüências econômicas e políticas incalculáveis.

- **A suplementação do lugar pelo não-lugar da velocidade.**

A manobra de ceder um terreno para ganhar tempo desaparece, agora ganha-se tempo com os vetores.

- **Posse do tempo** mas não mais posse territorial.
- **Movimento telúrico:** Wegener, Alfred (1937).

(Este conceito de movimento telúrico parece-nos muito interessante. O *telos* leva a pensar numa confluência física e espiritual que, nos parece, a velocidade amalgama de uma maneira *sui-generis* e sua influência material e imaginária passa a vigir).

- **Fogo-movimento:** novo significado.

[T] Antes tínhamos a distinção entre *poder de destruição (do fogo)* e *poder de penetração (do movimento)*. Com o vetor supersônico (avião, foguete, massa de ondas), penetração e destruição se confundem. O mundo está derrotado como campo, como distância, como matéria.

p.124

- **Distância-tempo.**

Esta última desaparece, após a distância-espço, nas crescentes performances veiculares: precisão, alcance, velocidade.

- **Binômio fogo/movimento.**

Persiste para designar implosão/explosão.

Eis no que se transforma o primeiro binômio... Nesse *objeto paradoxal*, que é, ao mesmo tempo, implosivo e explosivo, a *nova máquina de guerra conjuga um duplo desaparecimento*:

- **Desaparecimento da *matéria*** na desintegração nuclear.

Esta, porém, é retardada no equilíbrio dissuasivo da coexistência pacífica, mas o mesmo não acontece com o extermínio das distâncias.

- **Desaparecimento dos *lugares*** no extermínio veicular.

- **Espaços geográficos** se estreitam: medidas.

Nos anos 40 media-se em **nós** a velocidade da força de ataque marítima, que era o maior poder de destruição. Nos anos 60 se mede em **mach** (em milhares de km/hora); em breve aproximaremos a velocidade da luz, com a arma a laser (estamos em 1977...).

– **Estratégia.**

Seria a escolha dos pontos de aplicação das forças. Isto dizia Lenine. Hoje esses pontos não são mais geoestratégicos visto que, a partir de um ponto qualquer já se pode atingir um outro, onde quer que se esteja.

– **Localização geográfica.**

Perde valor estratégico o valor estratégico é agora dado a um *vetor em movimento permanente* (aéreo, espacial, submarino ou subterrâneo). Conta a velocidade do móvel e não a detectabilidade de seu curso.

– **Forças mecanizadas versus movimentos brownianos.**

A antiga guerra popular e geográfica muda para essa espécie de guerra cronológica pendular através de uma *homogeneização geoestratégica do globo*.

Obs.: Brownian motion (Robert Brown): the ceaseless irregular motion of dust particles which is observed in liquid and gases (and is an exemple of stochastic process). It provides de earliest evidence for the random heat motion of the underlying molecules, which occur on a much finer scale. *The Fontana Dictionary of Modern Thought*, Oxford Great Britain, Oxford Univ. Press, 1986, p.79]

p.125

– **Mackinder/teoria do World-Island.**

Defende a indiferenciação das posições geoestratégicas, ou seja o amálgama geopolítico. Para ele, Ásia e África compunham um único continente em detrimento das Américas. Agora, com a desqualificação das localizações sua tese parece retomar interesse.

[Halford John Mackinder. Geógrafo inglês (1861-1947) Argumentou que o controle do mundo implicava o controle estratégico dos continentes eurásianos (...) Diretor e primeiro professor de geografia da London School of Economics *The Fontana Dictionary of Modern Thinkers*, Oxford Great Britain, Univ. Press, 1983, p.470].

– **A contração do mundo: Wegener com a deriva das placas e/Mackinder.**

[T]As teorias de ambos dão agora lugar a um *fenômeno telúrico e técnico de contração do mundo* e nos faz penetrar num universo topológico artificial: *o face a face de todas as superfícies do globo*.

Obs.: Em 1915 Alfred Wegener (Geofísico alemão formulou o esboço da primeira teoria tectônica das placas terrestres na deriva dos continentes - 1880/1930) escrevia que a Terra só pode ter tido uma face. Hoje isto parece provável a Virílio tendo em

vista sua capacidade de interconexão: no futuro talvez a terra venha a ter apenas uma interface. *Encyclopédie des Sciences*, Paris, Librairie Générale Française, 1998, p. 1444.

– Fenômeno telúrico de **contração do mundo**.

– **Velocidade**.

Se ela é a recaída essencial dos estilos de conflitos, a corrida armamentista não passaria hoje do *armamento da corrida*, tendo o fim do mundo como distância, isto é, como campo de ação.

p.126

– **Dissuasão**.

Ambigüidade da situação explosiva e implosiva.

[T] Ela reflete a *ambigüidade* da situação onde a defesa é efetiva ou, pelo menos, parece ser, contra a dimensão explosiva das armas estratégicas, mas não oferece nenhuma defesa contra a dimensão implosiva das performances dos vetores, cuja força de ataque exige o aperfeiçoamento incessante das proezas dos engenhos, de sua capacidade de reduzir a quase nada o espaço geográfico.

– **Violência da velocidade** e violência das armas.

[T] Sem a primeira, a segunda não seria tão temível. Se não houver um tratado para limitar a velocidade dessa corrida – a velocidade dos meios de comunicação da destruição), – não se limitará mais os armamentos estratégicos.

– **Manter o não-lugar** de um deslocamento geral.

Eis o essencial da estratégia. Ela permite ganhar as frações de segundo indispensáveis para a liberdade de ação.

– Redução do **tempo de alerta** resultante das velocidades supersônicas.

Ela deixa tão pouco tempo para a detecção, logo, para a pronta resposta, que as duas grandes potências preferiram renunciar, por ora, à defesa anti-míssil.

– **Intervenção**.

Desaparece na aceleração das performances dos meios de comunicação da destruição. O que resta é a *defesa passiva*, mobilizando as forças em uma série de movimentos perpétuos, imprevisíveis e, portanto, estrategicamente eficazes, por algum tempo ainda.

p.127

– **Técnica suplanta a tática**.

A guerra repousa inteiramente nessa *desregulação do tempo e dos lugares*.

– **A manobra.**

Agora não é mais em campanha. À invasão do instante sucede à invasão do território.

– **Salt 1 (limitação das armas estratégicas).**

Agora o mais importante não é o explosivo mas, o vetor de entrega nuclear, sua performance.

– **Explosivo nuclear e implosivo.**

[T] Há mais de trinta anos (1945) o explosivo nuclear encerrava o ciclo das *guerras no espaço*. Neste final de século, o implosivo, bem mais do que territórios invadidos política e economicamente, inaugura a *guerra do tempo*.

– **Velocidade.**

É a *última guerra*.

– **Aviso prévio de guerra para as superpotências.**

Antes de '62, o aviso era de 15 minutos. Cuba em 1962, ameaçava baixar o aviso prévio para 30 segundos. Como consequência, instalou-se a chamada linha direta, via o telefone vermelho, para a interconexão dos chefes de Estado.

p.128

– **A demora do alerta não passa de alguns minutos: Nixon e Brejnev (1972).**

[T] Pretendem um acordo que conserve um poder político propriamente humano face aos progressos da rapidez que vai *abolir o poder de reflexão e de decisão do chefe do Estado em favor de uma automação pura e simples dos sistemas de defesa*.

– **Máquina de guerra.**

[T] Após ser o equivalente da Guerra Total, graças ao seu poder de destruição, ela se transforma na decisão mesma da guerra, em razão dos reflexos do computador estratégico.

– **Estado de sitio (guerras do espaço) ao Estado de urgência (guerra no tempo).**

Contribuirá, em mais algumas décadas, para que a política do homem Estado desapareça, dando lugar à política do aparelho do Estado.

– **Automação ou miniaturização da ação: fim do tempo do mundo finito.**

Acredita-se atualmente que a automação suprime a possibilidade do erro humano. A automação transfere a possibilidade do erro para o estágio da concepção e não da ação, mas como saber o tempo que é deixado à decisão humana?

p.129

- **Contração do tempo** e a contração do espaço territorial.
Tendem a desaparecer na instantaneidade da decisão.
 - O **último poder** seria o da *antecipação* e não mais o da *imaginação*.
- [T] Governar seria prever, simular, memorizar as simulações. A perda do espaço material significa governar apenas o tempo.
- **Ministério do tempo** e o vetor-Estado.
O vetor-Estado teria as dimensões do maior veículo possível. A história geográfica desapareceria e se teria apenas a reconstituição do tempo, onde o poder seria uma espécie de meteorologia, ou seja, uma ficção precária onde a velocidade se tornaria um destino, uma forma de progresso.
 - **Velocidade**.
Seria uma civilização, na qual (vetor-Estado) cada velocidade seria, parcialmente, um departamento do tempo.
 - **Geopolítica/Mackinder**.
Dizia que as forças de impulsão exercem-se sempre no mesmo sentido. Esse sentido único da geopolítica é o que conduz à imediata comutação das coisas e dos lugares.
 - **Guerra**.
É depósito de movimento, é fábrica de velocidade.
 - **Impulso tecnológico/Guerra do movimento**.
- [T] Este impulso tecnológico é a *última forma da guerra de movimento, desagua, com a dissuasão, na dissolução do que separava mas também distinguia, e esta não-distinção corresponde a uma cegueira política para nós*.
- Passagem do **tempo de guerra** à guerra do tempo-de-paz.
Tempo desta paz total que alguns chamam de coexistência pacífica.

p.130

- **Velocidade** dos meios de comunicação da destruição.
- [T] Ela não seria uma *libertação da sujeição geopolítica*, mas o *extermínio do espaço como campo da liberdade de ação política*.
- Mais **rapidez**, menos liberdade.
A automobilidade do aparelho gera a auto-suficiência da automação. A exemplo do piloto de corrida, o plano político sofre a mesma automação visto que, tanto as condições de decisão, quanto as probabilidades catastróficas do movimento *exigem uma ação em tempo real* (em termos de controle, o significado desse tempo é função do campo temporal em cujo interior, percepção, decisão e ação intervêm).

– **Guerra dos 6 dias (1967).**

Relatado o exemplo da intervenção do telefone vermelho entre Moscou e Washington.

– **Aumento da miniaturização da margem de segurança política.**

Depois dessa crise da guerra dos 6 dias, passaram-se 10 anos [estamos em 1977] e a *corrida armamentista* fez avançar mais ainda a miniaturização da margem de segurança política no Estado de emergência, onde as comunicações telefônicas darão lugar a interconexão dos sistemas de computadores.

p.131

– **Imediaticidade da informação.**

Cria a crise imediatamente.

[T] Eis o perigo maior: a *fragilidade do poder de raciocinar* – que é o efeito da *miniaturização do espaço como campo de ação*.

– **Risco de vetores e irresponsabilidade dos sujeitos.**

Além da primeira causa, não podemos deixar de pensar no *risco de vetores que tornam efetivamente irresponsáveis os que os possuem ou conseguem (explosivo nuclear)*.

– **Progressos dos vetores e duplicação de seu alcance.**

Esse progresso causa o abandono de uma forma de conflito geoestratégico. Após haver renunciado à *guerra geodésica*, trata-se agora do abandono possível das *bases avançadas: são tempos da guerra do tempo*.

p.132

– **Recuo.**

A diferença entre o convencional e o estratégico.

[T] O primeiro permitia ganhar tempo perdendo espaço, agora o tempo é ganho sobre a própria performance dos seus engenhos. Assim, é como se o próprio arsenal se transformasse no inimigo (interno) de cada uma das partes, ao avançar rápido demais.

– **Dissuasão, princípio de.**

[T] O objetivo não é disparar as armas mas dissuadir, obrigar o adversário a *interromper o movimento em curso*. A liberdade de movimento está entravada pelo próprio aperfeiçoamento dos vetores empregados. A dissuasão passou do estágio do fogo, ou seja, do explosivo, ao *do movimento dos vetores*.

– **Armas.**

São ameaças: Seus três componentes são:

1) a ameaça de suas performances no momento de sua intervenção, de sua produção; 2) a ameaça de sua utilização contra o inimigo; 3) o efeito de seu emprego mortal para as pessoas, destrutivo para seus bens.

Os dois últimos elementos são bem conhecidos, mas não o primeiro, ou seja, o mau augúrio (logístico) da invenção de suas performances. A dissuasão, de nenhuma forma poderá dissuadir um adversário de inventar novas armas ou então de aperfeiçoar as performances.

p.133

– **Novas armas.**

Dissuadem de interromper a corrida armamentista, mas, além disso, elas exigem em sua lógica tecnológica (dromológica), *o desenvolvimento exponencial de suas performances globais*, e não mais do número de engenhos destruidores.

p.134

– **Equilíbrio do terror.**

É um artifício no estágio da indústria de guerra e aí reina um desequilíbrio constante, uma exarcebação extremada.

– **Guerra:** da ação para a concepção (automação).

– **Dissuasão/Automação.**

[T] Equivale, finalmente, à criação de seqüências de automatismos, procedimentos industriais e científicos, dos quais, se faz ausente qualquer escolha política.

– **Fatalidade da produção** dos meios de destruição.

Eis o fator obrigatório da não-guerra onde a fatalidade da produção substitui a da destruição.

– **A política do pior/automação da decisão.**

[T] Os protagonistas dessa máquina de guerra passam a praticar essa política que faz com que a máquina de guerra venha a se tornar, algum dia, *a própria decisão da guerra*, realizando assim a perfeição da sua auto-suficiência, *a automação da decisão*.

p.135

– **Decisão solitária/margem de manobra pequena.**

Algum dia vai se renunciar à decisão humana solitária em favor da *miniaturização absoluta do campo político que é a automação*.

– **Vencer era avançar: agora vencer é recuar (dissuasão).**

Pensar até que ponto o progresso dromológico parece retomar à propulsão por reação que resulta da ejeção de uma certa quantidade de movimento, produto de uma massa por uma velocidade, *no sentido oposto ao que se quer imprimir*.

– **Estratégia.**

Trasmuta-se em ato de fé, passa-se a negar a estratégia como um conhecimento prévio (pois que não se consegue interromper o progresso do poder de penetração) e opta-se por *um ato de fé no adversário.*

p.136

– **Lógica da guerra prática.**

É também a lógica do aparelho do Estado.

Esse retrocesso é a conseqüência logística da produção dos meios de comunicação da destruição: *o perigo do armamento nuclear e do sistema de armas que ele pressupõe não é tanto que ele exploda e sim que exista e imploda nas mentalidades.*

– **Diferentes aspectos do fenômeno nuclear.**

Aspectos quantitativos e qualitativos:

Numérico: 2 bombas interrompem uma guerra e algumas dezenas de submarinos bastam para garantir a coexistência pacífica;

Volumétrico: miniaturizam-se as cargas explosivas;

Geográfico: abandona-se a extensão do mundo e se reduz os pontos sensíveis, e as bases avançadas.

p.137

– **Político.**

Antigos chefes de guerra e estrategistas são confinados à manutenção, dando lugar ao chefe de Estado.

Aspecto espacial-temporal: constantemente aumentadas, as capacidades já amplamente supersônicas dos vetores são ultrapassadas pelas altas energias que permitem a aproximação da velocidade da luz.

[T] *Depois da época da relatividade política em que o Estado é um meio não condutor, trata-se agora da ausência de tempo da política da relatividade. A descarga completa, temida por Clausewitz, produziu-se com o Estado de emergência. A violência da velocidade tornou-se, simultaneamente, o lugar e a lei, o destino e a destinação do mundo.*

Nota

Velocidade e política

- 1 Os comentários e fichamento aqui feitos tomam como base a paginação da publicação do livro traduzido para o português, em 1996, pela Estação Liberdade, São Paulo, trad. De Celso Mauro Pacionik. As quatro partes do livro estão assim dispostas: Primeira Parte: A Revolução Dromocrática: 1. Do direito à rua ao direito ao Estado; 2. Do direito à estrada ao direito ao Estado; Segunda Parte: O Progresso Dromológico: 1. Do direito ao espaço ao direito ao Estado; 2. A guerra prática; Terceira Parte: A Sociedade Dromocrática: 1. Corpos Incapazes; 2. Assalto aos veículos metabólicos; 3. O fim do proletariado; 4. Uma segurança consumada; Quarta Parte: O Estado de Emergência.
- 2 Para ressaltar o posicionamento das teses do autor, o sinal [T] foi acrescido à paginação do fichamento temático e conceptual.

2 - ESTHÉTIQUE DE LA DISPARITION¹

ESTÉTICA DO DESAPARECIMENTO

*Ce monde tel que nous le voyons est en
train de passer*

Paul de Tarse

2.1 - Argumentos

Iniciamos por alguns comentários de Virilio (V.H., 97) que, mesmo se um pouco longos, parecem-nos centrais para ilustrar as teses subjacentes à *Estética do Desaparecimento*. Ele diz aí:

Meu trabalho pictural sobre a anti-forma foi muito importante: sem essa reflexão eu não teria feito arquitetura, mais tarde (...) Para mim uma natureza morta não é um trabalho sobre os objetos e sua disposição no espaço da tela, mas um trabalho sobre os espaços entre os objetos. Todo o meu trabalho dirá respeito à anti-forma, ou seja, ao vazio entre os objetos (...). É o efeito entre esses pólos, esses antípodos, que me interessa (...) a forma entre os objetos, ela vai se modificar: é uma figura de deslocamento (...) a anti-forma é a forma do trajeto, do deslocamento do observador (p.39) (...). É interessante porque depois da Segunda Guerra Mundial o que me interessa é o meio ambiente, e nas caminhadas que eu faço na cidade, a anti-forma permite-me encontrar a natureza. A natureza não como flores, árvores no sentido genérico do termo, mas esta forma de movimento, este tropismo das aparências que faz com que, num momento dado, lá onde eu me encontro e vejo simplesmente uma coisa comum, ordinária, aparece uma coisa extraordinária! (p.40). E, por último: Não há texto sem contexto e o todo ultrapassa a soma das partes. (...) Quando uma coisa desfila na nossa frente – a menos que se feche os olhos – não podemos impedir de sermos arrastados pelo movimento dessa coisa. Uma vez mais, é a estética do desaparecimento (grifo nosso) (p.43).

Este livro sobre a *Esthétique de la Disparition* inicia discorrendo sobre essas ausências comuns no fluxo normal da consciência, as picnolepsias, que podem ser muito numerosas durante o dia, embora durem somente alguns segundos. Através do seu caráter surpreendente e repreensível, essas paradas no estado de vigília consciente revelam-nos outros aspectos através dos quais vivenciamos e conhecemos o mundo e o nosso modo de inserção nele.

Por meio da constante renovação entre o aparente e o móvel, a geometria ocidental realizou uma regulamentação das diversas formas de representação e, Virílio procurará, através do exame de vários autores, nos vários ramos de conhecimento, explicitar os caminhos seguidos no enfoque das múltiplas dimensões físicas latentes e existentes no mundo que nos cerca. Nas técnicas das primeiras experiências com as imagens (E. Marey [1830] e G. Meliès [1861]) foram exploradas os movimentos de um mundo sem memória e de dimensões instáveis. Meliès afirmara, por exemplo, que

a realidade é aquilo que reage continuamente às ausências da realidade que passou. É o seu entre-os-dois que torna visíveis essas formas que qualificamos de impossíveis, sobrenaturais e maravilhosas (p.22).

Efetivamente, estamos constantemente ávidos em perceber formas maleáveis, ou seja, de introduzir uma perpétua anamorfose na metamorfose cinematográfica. O efeito de realidade provém de uma emissão luminosa e aquilo que se oferece à vista obedece à trucagem de fenômenos de aceleração e desaceleração, em tudo identificáveis às intensidades da iluminação. Daí a frase de Rilke, citada por Virílio, que diz: *Aquilo que nos chega tem um avanço tão grande sobre aquilo que pensamos, sobre nossas intenções, que já não poderemos alcançá-lo, nem jamais conhecer sua aparência (p.25).*

Advém daí o questionamento que Virílio impõe às mudanças sofridas por nós em relação aos impactos nas dimensões espaço-temporais através da mediação das próteses técnicas mais atuais. Se, por um lado ele havia mostrado como, na idade adulta, a auto-indução picnolética podia levar-nos a um estado de excitação trivial aparentada à recreação fundamental da infância, pelo outro, mostra que seu uso exagerado conduz o homem a uma nova categoria de ausência de mundo que aponta na direção de um **deserto de incertezas** (Abraão). Passamos de uma sociedade hiper-previdente para a cultura do acaso que parece estabelecer um contato com o aleatório nas suas atividades mais triviais.

Se o aspecto da duração consciente de cada indivíduo, trazido à tona pelo fenômeno da picnolesia, leva-nos a uma meditação sobre o tempo, leva-nos igualmente a considerar o estatuto da liberdade humana. Na verdade esta última estaria enquadrada numa latitude dada a cada homem de inventar suas próprias relações com o tempo. Através dessas relações com o tempo e, ao procurar estabelecer aí a presença de ritmos próprios para cada sujeito, constatamos suspensões puras e simples da duração, desaparecimentos e reaparecimentos efetivos do real, separações diferenciadas dessa duração, etc. E, de tal maneira essas relações são precípuas à duração do nosso pensamento que Virilio postula: *a primeira produção da consciência seria a velocidade que lhe é própria na sua distância de tempo, a velocidade seria a idéia causal, a idéia antes da idéia* (p.29).

Todas as técnicas de liberação de uma potência sempre demonstraram, nos exemplos que nos deu a história, práticas de desaparecimento. Na verdade as mesmas demonstram um gosto pela ausência ubiqüitária, ou seja, aquele de estar em todos os lugares sem estar em lugar nenhum! O jogo duplo da existência humana que se degladiava entre a ordem e a incerteza da sua própria realidade, vincula-se ao desejo da libertação do tempo do mundo. E é interessante constatar, dirá Virilio, que o próprio trabalho de observação científica da realidade teria como ideal uma espécie de **transe controlado**, ou seja, o desejo de um controle da própria velocidade da consciência. Daí seja talvez mais fácil compreender *o ideal antigo de uma ciência sem nitidez, onde o projeto racional se apresenta como um programa incompleto, como uma simples aposta* (p.38).

Mas, por outro lado, a tesaurozação contemporânea do racional parece ter levado o homem a cultuar um tipo de memória onde vêm colar-se, indiferentemente, nada mais que um acúmulo de fatos inúteis. Na verdade, a descoberta, a invenção do novo parece depender tão somente do fator surpresa, ou seja, dessa capacidade de estar atento aos seus sentidos (ref. sensação/*aesthesis*), bem como de saber aproveitar a ocasião (*kayrós*), para poder abrir um espaço para a diferença (*apieikes*), ou ainda, para aquilo que é adequado num momento particular, e, por definição, diferente.

*

Os excessos de razão metodológica impedem, entre outros fatores, uma análise da questão tecnológica. Talvez, sugere Virilio, como diz E.A. Poe, dever-se-ia buscar uma unidade de tom entre os diferentes relatos através de uma percepção de duração onde não existiria precedente causal ou sucessão. Poe falaria de um sexto sentido que seria a perfeição moral da idéia humana e abstrata de tempo, *esse sentimento*

da duração, vivo, perfeito, existindo por ele próprio, independentemente de uma série qualquer de fatos. Talvez mesmo que a falta seja um elemento criador de uma percepção extra sensorial (neste campo apercebemo-nos, sobretudo do interesse de grandes Estados materialistas como os Estados Unidos e a ex-União Soviética e da dedicação a estudos desse tipo) e, através das tecnologias midiáticas, vemos mesmo uma busca decidida de um efeito sensorial de massa através do qual se possa eventualmente vir a instaurar uma transparência de consciências mediante a coesão de sensações. É claro que todos os progressos aí conseguidos teriam um impacto incalculável para os diferentes poderes políticos, culturais e sociais. Mas estaremos preparados para eles? Se nós não temos simplesmente a velocidade mas **somos** velocidade, entendemos claramente porque a finalidade do poder seria, precipuamente, a de criar um resumo de mundo, ou seja o de propiciar uma ubiqüidade, o mais rápido possível.

Por outro lado, ao ter analisado em *Velocidade e Política* que o poder político do Estado é, num sentido material, *polis*, polícia, ou seja, rede de comunicações, traçamos aí as conseqüências das novas tecnologias. A imediatez da informação cria a crise imediatamente, e **os vetores inéditos de velocidade criam novos jogos de mundo.** Quanto maior é o fluxo da informação, mais consciência temos da sua essência fragmentária e incompleta. Talvez por isso tenhamos cada vez mais confiado a guarda da nossa inteligência e conhecimento a um reflexo, a uma imagem. Não nos esqueçamos que a ilusão cinematográfica das tecnologias visuais é um espelhamento que produz, instantaneamente, a precipitação da informação, ou ainda, a imagem do conhecimento na tela do computador. Esse espelhamento exarcebado produz, não mais uma sensação mas uma informação repetida que, acredita nosso autor, *perturará cada vez mais os estímulos da observação* (p.54). Aquilo que a tela catódica mostra tem prevalência sobre a reserva, ou seja, sobre aquilo que está na nossa memória. Terminaremos talvez por querer, através das informações, *programar nossa memória?* Eis um tipo de acidente ao qual, o trabalho de Virilio, dá muita atenção, ao relacioná-lo a todas as próteses técnicas e especialmente clínicas (lembramos a ressurgência dos eletrochoques...), surgidas nos últimos tempos.

*

Com a invenção de novos motores que projetam velocidade e imagens, modificam-se nossas visões de mundo. O processo da visão humana necessita ser guiado pela aceleração, pela fugacidade do movimento, e estar liberado de traços menemôni-

cos. É, na verdade, a *Estética do Desaparecimento* que renova, para nós, a aventura da aparência.

A técnica da fotografia associa o motor, o olho e a arma. No transporte comum que é o cinema, abandonamos realmente o percurso da viagem para nos entregarmos à vertigem. Também a arquitetura seria hoje

uma falsa aparência, uma fraude [du cinéma], na medida em que ela se situa no espaço-tempo dos vetores, e a estética do construído se dissimula nos efeitos especiais da máquina de comunicação, nos engenhos da transparência (p.74).

Para os futuristas, centrados que foram no super-homem antropocentrista, identificar-se ao motor era identificar-se ao vetor, ao veículo. O homem tentava, assim, abandonar-se à faticidade do mundo e constituir aí uma nova presença. Assim, as próteses de conforto sub-liminar produzidas pelos motores de visão são *simuladores do dia, ou seja, o do último dia, metamorfose dos objetos da produção industrial onde o conjunto da realidade econômica tomaria o lugar da cinemática (p.84)*, e onde a produção de bens terminaria por substituir esse desejo de movimento perpétuo em direção, quem sabe, à felicidade? Mas, o que parece acontecer é que, com efeito, os diferentes poderes acabam por se apropriar, não tanto das vontades, através dos diferentes vetores tecnológicos, mas apropriarem-se da *espera, de todas as esperas, tornada possível pelo aparelhamento dos corpos (p.84)*. Em outras palavras, a apropriação do homem se dá pelo nivelamento dos corpos efetuado pelos vetores técnicos, por meio dessa espera injetada no próprio indivíduo, que se acalmará a cada direcionamento bem vetorizado da aparelhagem.

*

Uma vez mais, efetiva-se a transposição extremamente original que Virilio imprime à sua reflexão sobre o conhecimento humano no âmago da tecnologia e da velocidade. Na terceira parte da *Esthétique de la Disparition* ele inicia seu texto ao delinear traços de semelhança entre os relatos da ficção científica, os da física atômica e os dos grandes místicos.

A análise da nossa duração de consciência, em relação às interrupções, às paradas picnolépticas que nela se dão, conferem-nos elementos teórico-práticos que nos possibilitam, ao invés de repetir as grandes diferenças percebidas nos relatos históricos

comumente apresentados, uni-las por pontos comuns. As diferenças existentes entre nossas presenças ao mundo e os diversos graus de anestesia de nossas consciências em relação àquilo que percebemos e vivenciamos, não impede que todos nós caiamos nessas interrupções, nessas ausências cada vez mais prolongadas, cada vez mais ou menos intensas. A grande variabilidade resultante da duração de cada um de nós por formações de objetivos, ideais e vivência de conhecimentos pessoais, provocam, continuamente *imersões em outros universos, em outros mundos paralelos, intersticiais e bifurcantes* (p.88). Esses relatos que se referem à passagem e imersões em mundos paralelos desempenhariam o papel metafórico do papel logístico que inicialmente coube à primeira mulher: o de permitir a passagem do homem de um mundo para outro mundo.

Numa interpretação extremamente rica de significados alternativos à estória do primeiro casal bíblico e logístico, nosso autor decodifica a sedução estabelecida entre os dois protagonistas da suposta origem da humanidade, não como *uma desregulagem advinda da ordem sexual, mas como detentora de uma dimensão cosmodinâmica* (p.88). Ele nos diz:

um rito de passagem de um universo a outro que implica uma grande partida comum para a humanidade, o começo de uma navegação dos corpos e dos sentidos de algo imutável na direção de um outro departamento do Tempo, um espaço-tempo essencialmente diferente porque experienciado como instável, móvel, condutível, transformável, como a criação de um segundo universo dependendo inteiramente deste rito de passagem inicia (p.89).

Esse distanciamento da sedução inscreve-se assim, numa dinâmica do mundo e, nesse contexto, a mulher não é possuída ou possuidora, mas *atraente*, e essa força de sedução constitui-se, de fato *na gravidade, no peso universal axis mundi* (p.89). A mulher, essa senhora-da-passagem, teria organizado até agora tudo aquilo que é velocidade, e tudo aquilo que se relaciona ao movimento da vida dos homens inscreve-se nela ou entra em concorrência com ela.

No eclodir do que Virilo chama uma nova trilogia: Mulher - Homem - Corpo Territorial e, através da qual pudemos enfocar o jogo que se faz no rito de passagem de um universo ao outro, observamos a metamorfose dupla da visão e da camuflagem prudente dos corpos. No fenômeno desencadeado pela sedução está implícito o dis-

tanciamento de si próprio, a falta de controle sobre si na direção de um polo atrator que se situa fora do próprio eixo de gravidade do sujeito. O estabelecimento desse peso terrestre, desse peso da gravidade que o casal logístico utilizaria como motor natural da aceleração dos corpos é, não esqueçamos, fonte de projeção mas fonte também de colisão (a referência tradicional à queda no pecado não seria então meramente casual...).

No trato dessa movimentação geral do próprio universo, essa lei geral do movimento ao propiciar, através do homem, a criação de intermediários técnicos para projetá-lo para outros mundos, poderia ter criado um convite implícito para uma **viagem sem retorno na aventura humana**. A crise das dimensões, na medida em que foi confinada à imediatez e à ubiqüidade, tornou, por exemplo, o vetor-automóvel, o novo resumo do universo destituindo a mulher amada dessa função (p.91). É como se, através da velocidade, ao sair das três dimensões do espaço e vindo habitar preferencialmente a quarta, o espaço-tempo, o homem fosse dirigido ao desaparecimento e ao extermínio. A ubiqüidade tira-lhe, assim, a posse, o domínio dessa espécie de sobrevôo do território que era dele.

*

Assim, a **mobilização guerreira virá substituir o transporte amoroso**, e esse novo tipo de sedução funciona como uma inflação exorbitante da lei do movimento e das capacidades vetoriais do corpo, aparecendo no contexto de uma aceleração do desaparecimento irresistível do companheiro no espaço e no tempo. Há que constatar: existe uma **interferência entre a fatalidade técnica da guerra e a atividade sedutora** na medida em que *na guerra como na lei geral do mundo: parar é morrer!* (p.95).

A atração veicular da cópula demonstrada através dos relatos clássicos de zoofilia nas práticas sexuais repetidas através da história, é renovada pelo objeto técnico a ponto de que essa zoofilia e seus híbridos préfiguram a tecnofilia e suas misturas. O enigma de Tebas que é proposto pela Esfinge ao interrogar sobre o estranho ser *que se move através do tempo*, questiona, na verdade, sobre *as diversas técnicas utilizadas pelo ser humano e que serviram para diferenciá-lo em relação aos demais animais* (p.99). Virilio enuncia então a desafiadora hipótese de que

a aceleração do rito de passagem, da sedução, implica numa eco-sexualidade (...) a presença de uma vastidão territorial que não podia mais ficar reduzida ao comércio sexual do conquistador, não podia ser comparado a um comércio humano tal como o entendia Clausewitz (p.101).

Os assaltos perpétuos contra a distância reproduzem o rito de passagem original, ou seja, esses assaltos **procuram fazer um resumo do universo** que se realiza através da velocidade do assalto e, situa-se aí a frase de Alexandre: *vencer é avançar*.

*

As guerra tecnológicas tornaram inúteis os adornos destinados ao cotejo do duelo homossexual que se estabelecia nas batalhas antigas, representado que era esse duelo na disposição de sua preparação pelo pagamento das armas (ref..à *Megera Domada*, de W. Shakespeare). O guerreiro é então obrigado a abandonar o direito à beleza, e o uniforme faz-se obrigatório. O domínio estratégico estende-se ao ritmo dos diferentes desaparecimentos: nada mais escapa à planificação da destruição: veículos, tropas, cidades expostas aos bombardeios, continentes inteiros. A mulher também abandona o direito à beleza quando a corrida armamentista torna-se fenômeno da sociedade, e esse abandono libera a sedução da técnica: *A mulher estará presente nos recordes esportivos e também para ela o espartilho-armadura passa a ser a cabine do avião ou a do automóvel* (p.105). Esse **desaparecimento da mulher na fatalidade do objeto técnico cria uma nova linguagem de massa** que é o reflexo de uma linguagem fascista da velha elite futurista do início do século. Aí Marinetti dizia:

o calor de um pedaço de ferro ou de madeira é agora, mais apaixonante para nós que o sorriso ou lágrimas de uma mulher (...) conosco começa o reino do homem com as raízes cortadas, o homem multiplicado que se mistura ao ferro, alimenta-se de eletricidade... . E isto para dizer-vos como nós desprezamos a propaganda para a defesa estética da paisagem...os grandes simbolistas debruçados sobre o corpo nu da mulher, mulher-beleza, ideal e fatal (p.106).

A trilogia mulher-homem-corpo territorial modifica-se por completo. Num dissimulação total das identidades fisiológicas, os contatos com o corpo da bem-amada e o corpo territorial desaparecem à medida em que aumenta a dinâmica da passagem e ela é polarizada pela relação uni-sexo e vetor técnico. A tecnologia faz agora do rito de passagem um fenômeno contínuo, e a desregulagem do sentido é um estado permanente. A ciência, diz Virilio, terá fabricado uma nova sociedade, numa coabitação da dissuasão nuclear da paz total. Na ideologia criada por esse além técnico há um mistério que se iguala àquele das antigas religiões que afrontavam, com a ajuda de seus efeitos especiais, as grandes instâncias naturais. Cabe a nós redescobrir o mistério da máquina técnica, e isso poderá acontecer

se a apreendermos menos como um objeto de consumo podendo ser desejado ou rejeitado, mas bem mais como formando uma estranha teoria de acompanhamento processual, fora da história, vagamente geográfica, um jogo de representações do ego próximo do falso dia onírico (p.109).

*

A violência da velocidade domina o mundo da técnica mas continua sendo o principal enigma. Na velocidade perverte-se a percepção comum pois que aquilo que podia parecer simultâneo se diversifica e se decompõe. Com a velocidade, embora o mundo chegue antes do próprio objeto, ele perde a primazia para este último, que é identificado como aquele à partir do qual é oriunda a informação. Paradoxalmente, o mundo não parece mais ser a fonte de informação, mas sim o próprio objeto.

A velocidade reproduz e agrava os efeitos da picnolepsia na medida em que ela causa a retirada perpetuamente repetida do sujeito para fora do seu contexto espaço-temporal. Mas quem sabe, então, como dizia G. d'Annunzio (1863-1938) *a velocidade veicular não permite pensar em nada, não sentir nada, e alcançar a indiferença?* (p.116).

Para nosso autor a religiosidade da rapidez seria o fim a cultura burguesa. E, se tudo é movimento tudo é, ao mesmo tempo, acidente. Essencial seria a missão humana que nos seria incumbida de *imprimir no veículo metabólico uma outra maneira de ser* (p.117). O homem teria aí a responsabilidade desse aspecto moral e deveria ajustar-se ao aspecto através do qual a velocidade pode fazer dele um criador e um inventor.

O caminho escolhido por Virilio foi o de examinar a estética dos engenhos de guerra e seu enigma. Ao compreender que, velocidades distintas com impactos diferentes criam novas formas, novos engenhos e, em conseqüência, diferentes representações do universo, ele diz que *o motor vem agora da alma: a árvore do motor é a árvore da ciência, a corrupção da visão é aquela da vida* (p.118). A confusão entre a alma humana e as linguagens da alma-motor é mostrada na sucessão das artes na história. Sem os elementos motores do sujeito, a percepção não se realiza, mas a relação entre o instrumento e a velocidade própria de cada ouvinte é aquilo que deve propiciar a cada um a retomada de um corpo que fica e pode continuar, por assim dizer, congelado pelo impacto da técnica na sua exaltação dinâmica. Essa imediatez, na sua urgência, modifica a relação ao espaço e anula a relação do indivíduo com o tempo vivido. A prótese técnica revela-nos o *instante* como a percepção de uma estabilidade, o que, para Virilio, é ilusório, e ele refere-se aqui à coincidência dos momentos dos dois trens, na experiência de Einstein, que parecem imóveis para os passageiros quando, na verdade, ambos estão numa velocidade desenfreada em sentidos contrários.

*

Devemo-nos centrar na mobilidade da trajetória sinóptica que nos é, atualmente, oferecida. A mesma, ao modificar o ponto de vista do sujeito poderá permitir uma descoberta daquilo que, por vezes, estava já frente a seus olhos só necessitando, muitas vezes, uma mudança no enfoque da perspectiva. A dificuldade com a perspectiva do horizonte oferecido pela velocidade é que ela termina por reduzir a nada o resto do mundo. Uma ilustração disso é que a procura do recorde da velocidade, oriundo tanto da busca de novas misturas técnicas quanto da escolha de superfícies planas e decapadas como desertos, beiras de praia, etc., não se preocupa absolutamente com o trajeto a percorrer em favor do seu final, ou seja, em favor do objetivo do percurso. Nesse caso, mesmo o elemento ar só é solicitado na medida em que ele recoloca em causa a experiência do descontínuo.

Verificamos então que o motor leva-nos a um movimento inédito ou seja, ele nos conduz *em direção àquilo que se esconde*: tanto da vista, quanto do próprio entendimento, o que aliás se repete desde as grandes expedições a terras distantes até os desejos dos recordistas atuais. É nesse sentido que Virilio nos indica que a suprema busca da técnica tem por objetivo a anulação do tempo e do espaço numa reconciliação imaginária entre o nada e a realidade.

*

Tendo-se outorgado, ao longo da história, a primazia à geografia e não à da corografia, ou seja, à descrição, a notação de um país, de uma cidade, não podemos claramente nos aperceber o quanto essa corografia inédita serviria para ilustrar as inovações culturais empreendidas por esses países e por essas cidades. Na prática, vai romper-se a relação entre o querer viver um tempo histórico uno e, por exemplo, encontrar-se em movimento numa estrada. Nesse sentido a relatividade einsteniana mostrou-nos que a metafísica teve que ater-se ao tempo local porque os experimentos que levavam em conta as provas externas de uma duração única, enquanto um princípio claro de ordenamento, tornaram-se inválidos.

2.2 - Temas e conceitos²

I PARTE

p.13

- **Picnolepsias**/o tempo (duração) escapa ao sujeito.

Picnos, vem do grego, que significa freqüente. Picnolepsias são ausências da consciência, que podem ser muito numerosas, duram segundos; os sentidos permanecem despertos mas não se recebe as impressões do exterior. A volta dessas ausências é tão rápida quanto foi a partida e a palavra ou os gestos são retomados, ali onde eles foram interrompidos. O *tempo consciente* solda-se automaticamente, formando um tempo contínuo sem cortes aparentes. Para o picnoléptico o tempo não passou: um pouco da duração simplesmente escapou-lhe.

- **Picnolepsia**/Epilepsia.

O primeiro termo deriva do grego, *picnos*, que significa freqüente e explicitou-se no parágrafo anterior. O segundo significa surpresa, que em grego tem, não uma mas várias formas: do grande ao pequeno Mal, como costuma ser chamado. Sob o ponto de vista neurológico a crise epiléptica é resultado de uma descarga hipersincronica de um conjunto de neurônios. O diagnóstico evoluiu pouco, salvo que se diferencia o ataque epiléptico da epilepsia (esta crônica).

p.14

– **Criança picnoléptica.**

Ela não vê os acontecimentos que se desenrolam na sua frente e as pessoas não se convencem disso. Peça-se a um picnoléptico para que ele desenhe um bouquet de flores e ele desenhará igualmente um sujeito que o colocou no vaso: procura assim dar uma *verossimilhança ao discursus*, do latim, *discurrere*, correr aqui e ali. O termo que mostra bem a impressão de pressa e o conhecimento descosturado do picnoléptico.

p.15

– **Cultura da criança e cultura da mulher.**

Em 1914 W. Benjamin já dizia que ignoramos tudo da cultura desses dois.

– **Histeria, definição.**

Dr. Richet dizia *as histéricas são mais mulheres que as outras mulheres, têm sentimentos fugazes e apaixonados, imaginações móveis e brilhantes e, meio a tudo isso, a impossibilidade de dominar esses sentimentos através da razão e do juízo.*

[Hyster(o) + du grec, *hustera*, matrice, utérus.1568 Grévin, du latin, *hystericus*, empr. au gr. *husterikos* de même racine: l'attitude des malades est considérée alors comme un accès d'*érotisme*. *Nouveau dictionnaire étymologique du français*, Paris, Hachette, 1971, p.356].

– **O jogo/brincadeira é assimilado à desobediência de crianças e mulheres.**

Por essa razão eles cercam os jogos de uma verdadeira estratégia **do segredo** face aos adultos. Por que? Porque a **incerteza do jogo renova a incerteza picnoléptica e seu caráter, ao mesmo tempo, surpreendente e repreensível.**

– **Visão/Fotógrafo, Jacques-Henri Lartigue.**

Numa entrevista ao falar de uma **armadilha da visão**, ele explicita: Era algo que eu fazia quando pequeno. Eu fechava os olhos pela metade e fixava intensamente aquilo que eu queria ver. Em seguida dava três giros em torno de mim próprio pensando que, assim, tinha pego, numa armadilha, aquilo que eu havia visto e que eu poderia guardar, para sempre, o que eu tinha visto, os ruídos, os cheiros. Bem mais tarde como descobri que isso não funcionava, servi-me de aparelhos técnicos para conseguir o mesmo efeito.

p.16

- **Assimilação do corpo** ao aparelho técnico.

Ele assimila a câmara de seu olho à ferramenta técnica e **o tempo de exposição** às 3 voltas sobre si mesmo: eis o que fez Lartigue. Ele percebe que *há uma trama* e que ela pode ser restituída por um certo *savoir-faire*.

p.17

- **Velocidade** muda duração sensível.

Ao dar 3 voltas sobre si mesmo ele muda a duração sensível e se **desconecta do tempo vivido**. Para parar de gravar Lartigue **acelera o corpo** e com o **atordoamento** reduz o meio ambiente a uma espécie de **caos luminoso**.

- Exemplos de **jogos infantis** (giro, vertigem...).

Fonte de prazer, mas também procura resolver/retomar a imagem quando se está parado, pois que, então, tem-se uma percepção mais clara de suas variações.

p.18

- Mandelbrot: Relações entre **aparente** (o que aparece) e o **móvel** (que se move).

Ref. a obra *Les Objets Fractals*, de B.M. e ao jogo da bola de fio de lã. Através da constante renovação das relações entre o aparente e o móvel, a **geometria ocidental realizou uma regulamentação das diversas formas de representação**. O jogo da bola do qual fala Mandelbrodt mostra que essa bola possui de alguma maneira latente, *muitas dimensões físicas diferentes*.

- Aspecto juvenil mantido ao saber dar **ordens ao seu corpo**.

Lartigue não desistiu das exigências infantis que tinha desde pequeno em relação a seu corpo e, o jogo, é uma dessas ordens.

p.19

- **Perseguir a forma** nada mais seria que uma perseguição técnica do tempo.

E nela centra-se a questão da relatividade da percepção do movente, daquele que se move.

- **Jogo**, o/austeridade de seus instrumentos.

O Jogo não é nem ingênuo nem engraçado. **Iniciado na infância de cada um, paradoxalmente, é a austeridade** [leia-se, seriedade, rigor] de seus instrumentos, regras e representações que desencadeia prazer e mesmo paixão na criança.

- **Jogo** na experiência picnoléptica: entre o visto e o não-visto.
O essencial do jogo passa-se entre o visto e o não-visto. Por isso sua construção e a unanimidade que leva as crianças a aceitar espontaneamente as regras, conduzem-nos à **experiência picnoléptica**.
- **Picnoléptico**: quem não o é ou não foi? É fenômeno de massa...
Assim, de certa forma, esse fenômeno passa a ser definido como um fenômeno de massa.
- **Sonho paradoxal/Estado de vigília paradoxal**.
Uma vez estabelecida a picnolepsia como fenômeno de massa, Virilio diz que à noção de *sonho paradoxal* (sonho rápido), e que é correspondente a uma fase dos sonhos, se acrescentaria, – na ordem consciente – um *estado de vigília paradoxal* (*vigília rápida*). Com isto ele quer chegar à hipótese de que: **na nossa vida consciente, aquilo que nos parece inconcebível sem os sonhos seria também inconcebível sem a vigília rápida**.

*

p.20

- **Efeitos especiais** é filmar o que não existe: inexatidão.
Na verdade esta afirmação é inexata porque aquilo que se filma existe, de uma maneira ou de outra. O que não existe é a **velocidade com a qual filmam**, ou seja, essa pura invenção do motor cinematográfico.
- **Méliès/le truc à arrêt** (a coisa de substituição/feita para parar).
Um acidente na técnica da filmagem muda homens em mulheres, ônibus em coisas e **recria as circunstâncias desincronizantes da crise picnoléptica** ao delegar ao motor o poder de quebrar a série metódica dos instantes filmados. O corte foi tão prolongado que o efeito de realidade se modificou substancialmente.
[Méliès, George 1861/1938 (...) *his world of the fantastic and the marvellous retains its power to capture and hold our imagination even today* (...) *He came to explore a world of theatrical fantasy far removed from the outdoor realism of Lumière*", *The Fontana dictionary of modern thinkers*, Great Britain, Univ. Press, Oxford, 1983. p.504].

p.21

- **Cronofotografia**: definição/Marey, E.J. (1830/1904).
Imagens sucessivas que representam as diversas posições que um ser vivo, caminhando a um passo qualquer, ocupou o espaço numa série de instantes. Marey quis

bem mais explorar o movimento, e, fazer da **fugacidade** um espetáculo, estava fora de suas preocupações.

p.22

- Caráter inapreensível dos **corpos em movimento** pelo olho.

Ao redor de 1880 era essa a preocupação reinante. Por isso mesmo pergunta-se sobre a veracidade da cronofotografia, seu valor científico. Que realidade é essa que torna visível aquilo que jamais foi visto, ou seja, *um mundo sem memória de dimensões instáveis*.

- **Cronofotografia** de Marey/sua veracidade.

Marey tende a observar, com rigor metódico, aquilo que lhe parece mais *incontrolável formalmente*: o vôo dos pássaros, a dinâmica dos fluídos, a amplitude dos movimentos e as expressões anormais da enfermidade (estudo sobre expressões da epilepsia, 1876).

- Estatuto da realidade de uma **visão sem memória** e sem estabilidade. Qual seria?

- Marey/Méliès.

O primeiro tem um discurso cartesiano: os sentidos nos enganam; o segundo nos convida a constatar que nossas ilusões não nos enganam, mentindo-nos sempre.

- Ciência procura **atualizar o não visto** dos instantes perdidos.

Para Méliès esse não visto se transforma na base mesma da **produção da aparência**, de sua invenção.

- Méliès: realidade e **ausência de realidade**: aquilo que entre-os-dois, torna as formas visíveis.

O que ele mostra da realidade é aquilo que reage continuamente às ausências da realidade que passou. É o seu entre-os-dois que torna visíveis essas formas que ele qualifica de **impossíveis, sobrenaturais, maravilhosas**.

- Emile Cohl/**desenhos animados**.

p.23

- Anamorfose na **metamorfose cinemática**.

Os desenhos animados de Cohl, baseados na transformação, mostram claramente até que ponto estamos ávidos de perceber formas maleáveis, de introduzir uma **perpétua anamorfose na metamorfose cinemática**.

[No sentido geológico, encontramos também um sentido metamórfico de transformação].

– **Formas**, a busca delas é uma busca de tempo mas, se não há formas estáveis, não existe, absolutamente, forma.

– **Domínio das formas** e domínio da escrita.

Analogia entre ambos... onde a mímica (da escrita dos surdos mudos ou chineses) já seriam desenhos, logo, formas. Assim, falando de **anamorfose cinemática** podemos pensar na representação pura que seria a sombra deixada pelo pêndulo num relógio solar. Aí **o tempo que passa** é indicado não só pela posição mas pelo *movimento invisível da forma da sombra da agulha sobre a superfície da esfera* (mais longa, mais curta, mais larga, etc.).

– Agulhas (de sombra) do relógio para **motor do relógio**: passagem.

As agulhas do relógio produzirão sempre uma modificação da posição, aliás, impossível de apreender com a simples visão como é impossível apreender o movimento planetários, mas, como acontece no cinema, a **anamorfose desaparece no motor do relógio...** E isso até que esse conjunto seja, por sua vez, apagado pela indicação eletrônica de hora e data sobre uma esfera preta, na qual a *emissão luminosa* substitui completamente o efeito originário da *sombra projetada*.

[Esta observação parece-nos muito importante para detectar essa mudança de orientação do sujeito, quer fatural, quer imaginária, em relação à medida, ou seja, à aferição do tempo que passa].

– **Movimento e forma**: a qual deles se dá prioridade?

[T] **Dar mais importância ao movimento do que à forma significa mudar o papel do dia e da luz.**

p.24

– Luz do sol: Marey dá-lhe outro papel.

E, ainda aí, Marey nos ensina.: a luz não é mais a do sol *clareando as massas estáveis dos volumes agrupados, entre os quais só se deslocam as sombras*. Ele lhe atribui um outro papel, outra função: a de ser a primeira atriz do universo cronofotográfico. Pode-se, por exemplo, observar o movimento de um líquido graças ao artifício das partículas brilhantes em suspensão.

– **Efeito da realidade** é pois uma emissão luminosa.

Na obra de Marey o efeito de realidade se converte na precipitação de uma emissão luminosa. **Aquilo que se oferece à vista obedece à mediação de fenômenos de aceleração e desaceleração, em tudo identificáveis com a intensidades da iluminação.**

– Marey faz da luz, uma **sombra do tempo**.

*

p.24

- **Picnolepsia:** desaparecimento espontâneo.

Em geral essa crise desaparece espontaneamente ao terminar a infância (*infans* é aquele que não fala), pois que, na idade adulta, a ausência passa a agir de maneira essencial sobre a consciência.

- **Epilepsia:** fatores endócrinos.

O papel da hipófise, do hipotálamo, tanto na atividade sexual quanto na do sonho.

- Envelhecimento organismo/ **dessincronização picnoléptica.**

Com o envelhecimento do organismo perde-se o *savoir faire* e as faculdades juvenis e o controle dessa dessincronização provocada pela picnolepsia. A partir de então essa dessincronização atua (como fez o Lartigue, em criança) ao *brincar com o tempo* ou *servindo-se do tempo como sistema de invenção e de proteção pessoal*.

p.25

- **Foto-sensibilidade.**

As pessoas foto-sensíveis manifestam grande interesse pelas causas indutoras de suas crises e utilizam freqüentemente os mecanismos da ausência como uma reação de defesa frente às solicitações ou às associações de idéias desagradáveis.

- **Relações com dimensões [tempo-espço].**

Elas efetivamente se transformam e deve-se tomar a frase de *Rilke*, adiante, no seu sentido mais literal.

- *Rilke* diz: *Aquilo que chega tem um avanço tão grande sobre aquilo que pensamos, sobre nossas intenções, que jamais poderemos alcançá-lo, nem jamais conhecer sua aparência.*

- **Corpo adolescente/corpo estrangeiro.**

Virilio liga esta constatação ao transtorno comum da adolescência com **seu próprio corpo estranho e estrangeiro**, descobrimento experimentado como uma mutilação, uma causa de desespero.

- **Adolescência.**

Esforço de reconciliação consigo próprio que é, na verdade, *adaptações atenuadas do processo epilético que desapareceu.*

- **Próteses técnicas** de mediação: seu uso desmedido.

Virilio relaciona esse uso exagerado de próteses técnicas de mediação (rádio, moto, foto, som) com o desaparecimento dessa capacidade picnoléptica/epilética do indi-

víduo. Esse uso exagerado parece indicar que *o homem parece ter esquecido tudo a respeito do menino que foi e, se acredita, agora, eterno.*

- **Ausência no mundo:** outra categoria surge.

Com efeito é uma nova categoria de **ausência no mundo** que aparece: é um exílio mais longínquo, onde *o luxuriante e a ilusão de paraísos imediatos, fundados nas estradas, as cidades, a espada [o poder]*, aos quais a tradição judaico-cristã opõe uma nova partida na direção de *um deserto de incertezas* (Abraão), tempos perdidos, paraísos verdes onde somente podem entrar os adultos que voltaram a ser crianças.

- **Eclesiastes/Novo Testamento.**

No Eclesiastes **o essencial falta**. No Novo Testamento **a falta é o essencial**.

As bem aventuranças falam de uma pobreza de espírito que poderíamos, de uma certa maneira, opor à *riqueza dos instantes*, ou seja, a essa hipotética economia consciente proposta por Bachelard, a esse medo *ao equilíbrio mínimo alcançado pelo esgotamento das possibilidades que constituem os conhecimentos (informações), cuja reserva constituída pelos enunciados possíveis da linguagem se tornaria inesgotável.*

p.26

- **Cultura do ócio** versus população trabalhadora.

A cultura do ócio é proposta há mais de um século à população que trabalha como sendo a recompensa inestimável, sem preço, de seus esforços.

- **Progressos de sociedade** hiper-previdente para a cultura do acaso.

As técnicas da aposta mútua (todos querem ter a capacidade de prever) acabam desembocando numa *contrato a respeito do aleatório*. Autor dá exemplos de Las Vegas e de um hospital onde começou a se apostar sobre o momento de morte dos pacientes...

- Recreação da infância é derivado da **auto-indução picnoléptica**.

Essa recreação fundamental da infância, rebaixada a um estado de **excitação trivial**, não deixa de ser uma conseqüência da auto-indução picnoléptica, a dissimulação de um ou de vários elementos de uma totalidade frente a um adversário que só o é (adversário) por essa *diferença de visão dependente do tempo e de aparências que desaparecem ante nossos olhos, e criam artificialmente essa inexplicável exaltação em que cada um acredita encontrar sua verdadeira natureza numa verdade que só ele conhece*. Eis ao que se chega quando se perde esse sentido da recreação fundamental... E ainda, diz Virilio, os jogos de números, como a loteria, etc., com seus ganhos desproporcionais

têm o valor de uma desobediência às leis sociais, isenção do imposto, numa reparação imediata da pobreza.

*

p.27

- **querer/desejar é o poder/potência.**

Vladimir Jankélévitch diz: *Nenhuma potência/poderio determinada reafirma ou precede a vontade, dado que a vontade é, em si mesma, essa potência/poderio.*

- **Picnolepsia afeta a duração consciente de cada um.**

Se a picnolepsia faz isso e está para além do bem e do mal, a meditação sobre o Tempo não será somente a tarefa preliminar designada ao metafísico, hoje devidamente substituído por alguns tecnocratas onipotentes, mas qualquer um estará, com efeito, levado a viver uma duração que será a sua própria e de nenhum outro, em virtude do que chamaríamos a conformação incerta dos seus tempos intermediários.

p.28

- **Ataque picnoléptico/liberdade humana.**

[T] Sob o ângulo do # anterior, o **ataque picnoléptico** poderia considerar-se como uma **liberdade humana** na medida em que essa liberdade seria uma **latitude dada a cada homem de inventar suas próprias relações com o tempo**, e, então um tipo de querer e de poder para os espíritos, nenhum dos quais *pode misteriosamente se considerar inferior a um outro* (E.A. Poe).

- **Bergson: cronotropismos.**

Através deles já podíamos imaginar *os ritmos diferentes da duração que, mais lentos ou mais rápidos, mediriam o grau de tensão ou relaxamento das consciências, e fixariam sua posição respectiva na série dos seres.*

- **Virilio: analisa mais detalhadamente a noção de ritmo.**

Acredita que a própria noção de ritmo na definição de Bergson implica num *certo automatismo, uma volta simétrica do tempo forte ou fraco que se superpõe ao tempo vivido do sujeito.*

- **Irregularidade do pontilhado epilético/descolamento da duração.**

[T] Opondo-se ao ritmo anteriormente definido, o epilético se define como *surpresa e variação indeterminada das frequências*. Não se trata então de *tensão* ou de *atenção* mas de **suspensão pura e simples (por aceleração)**, de **desaparecimento e reaparecimento efetivo do real, separação da duração.**

- Descartes/Bergson: acordo pelo **estado de vigília paradoxal**.

Descartes diz que o espírito é uma coisa que pensa (em formas estáveis enquanto comumente visíveis); Bergson responde que o espírito é uma coisa que tem duração. Afinal o estado de vigília paradoxal iria colocá-los de acordo.

- É nossa duração que pensa e a primeira produção da consciência seria a **velocidade**.
[T] É a nossa **duração que pensa, a primeira produção da consciência seria a velocidade que lhe é própria na sua distância de tempo. Assim a velocidade seria idéia causal, idéia antes da idéia.**

p.29

- **Intuição** é a inteligência que comete um excesso de velocidade.

Esta frase de Bernstein lembra a Virilio que se podia ligar esta reflexão a certas definições etnológicas como: alma, maná, substância, sopro e energia, etc.

*

p.29

- **Solidão do poder**/autismo inevitável.

A função de direção condena inevitavelmente a uma espécie de autismo.

- **Caducidade do mundo** percebido por nós opõe-se ao poder criador do não-visto, ou seja *ao poder da ausência*.
- **Poder**: sua busca **separa** o sujeito e o mesmo exclui-se das dimensões comuns a todos, e isso na medida em que todas as técnicas de liberação são técnicas de desaparecimento.
- **Técnicas de liberação** de um poder [*puissance*].
Foram sempre **práticas de desaparecimento** e Virilio lembra que Alexandre, César, Anibal tinham uma constituição epilética.
- Citizen Kane/rosebud (nome do trenó)/**corrida pelo poder**.
Orson Welles vai desdenhar os elementos freudianos de análise e empregará o trenó como *instrumento* da corrida pelo poder de seu herói. A reunião dos elementos básicos serão os da velocidade, infância e poder sobre o destino.

p.30

- **Biografia fictícia** de William Randolph Hearst e destino real de H. Hughes.

Até que ponto os dois se fundem no filme de Wells? Na p.26 Virilio diz que Hughes parece-se bem mais ao homem contemporâneo do que o Cidadão Kane que era pri-

sioneiro nas ruínas de seus bens materiais e na a abundância barroca de suas coleções.

- **Dicotomia** na vida de Hughes.

Inicialmente a ostentação e propaganda sobre sua pessoa, depois reclusão total num quarto escuro. Fortuna desmedida mas o que poupava era o poder e não o dinheiro como se poderia supor.

p.31

- Hughes era **dono do Tempo**.

Negava-se a ter um relógio e dizia-se dono do tempo. Aproximava-se de Rilke quando este dizia que possui o poder, ganhar no jogo do mundo, *é criar a dicotomia entre as maneiras de marcar/situar o tempo pessoal e o tempo astronômico para ser capaz de tornar-se mestre daquilo que acontece, para tentar unir-se imediatamente àquilo que vem.*

p.32

- Hughes é como Ulisses (Homero).

Para Hughes ser era não morar. Assim, sem ocupar nenhum lugar preciso ele não quer se identificar a nada. Para ser ninguém, ele precisa estar em todos os lugares e em lugar nenhum: **é o gosto pela ausência ubiqüitária.**

- **Ausência ubíqua**/mídia técnica (Hughes).

Vai, inicialmente ser satisfeita através da mídia técnica: 14 julho 1938 seu avião *Lockheed Cyclone* faz a volta ao mundo, a curva vazia do recorde mundial.

- Desejo de movimento era **desejo de inércia** (Hughes).

Ou seja, era o *desejo de ver chegar aquilo que permanece*. Aos poucos ele só se comunica pelo telefone e seus quartos nos diferentes cantos do mundo são todos iguais: as janelas fechadas e sem a luz do sol. A comida é sempre a mesma. Ao *eliminar toda a incerteza* ele podia estar em todas as partes do mundo e em nenhuma porque todas as referencias a um espaço ou a um tempo astronômico haviam sido eliminadas.

p.33

- **Metáfora da visão** (mito socrático da caverna).

Na caverna dever-se-ia levar aqueles que tiveram o primeiro lugar em tudo e obrigá-los a voltar seu olhar em direção àquilo que dá a luz... contemplar o real que é invisível...

- **Não ser visto/** não estar em lugar nenhum (Hughes).

Hughes não queria ser visto porque tinha necessidade de não estar em lugar nenhum: bastava-lhe saber que o esperavam.

p.34

- **Monge tecnológico/** Hughes.

Existe pouca diferença entre a câmara escura no topo do *Desert Inn* em Las Vegas e a subida ao deserto dos antigos eremitas que partiam em busca do Eterno.

- **Aspectos da falta/** Desertos hebraicos

A *tradição hebraica* mostra dois aspectos da falta na representação de *dois desertos que emergem um do outro*: coração de todas as coisas e, em seu coração todas as coisas. Os desertos se chamam: a) Chemama: que significa desespero e destruição mas também direção, polaridade da Cidade-Estado (a cidade de Ur; Our: a luz). Seu deserto é aquele trágico das leis, da ideologia, da ordem, alçado contra toda marcha errante; b) Midbar: que é um campo de incerteza e esforços.

- **Bi-polaridade dos modos de existência: loucura ou idiotia.**

O jogo duplo do deserto: o da cidade, da ordem ou o das incertezas aparenta-se à escolha dos comportamentos da loucura ou da *idiotia (apathéia)*, que se espelham nos diferentes modos de existência.

p.35

- **Hughes/Cristo.**

Cristo inicia sua vida escondido e termina-a de maneira pública, ao contrário de Hughes, mas a tentação encontrou-se na encruzilhada desses dois modos de existência (invisível e visível). Satanás lhe oferece o domínio das nações (Chemama) como se só se pudesse evocar a tomada do poder humano através de um sobrevôo de uma extensão solitária, invivível, onde os outros homens são colocados nas bordas da invisibilidade.

- **Deserto é indutor fotosensível.**

A **dupla figura do deserto está ligada à libertação do tempo**: para o anacoreta, a eternidade divina; para César, a eternidade do Estado, que sonha transformar as fronteiras de seu império num vasto deserto.

- **Luz da imagem** persegue-a como sua sombra.

Exemplo da cantora Amanda Lear que não querendo envelhecer não permite espelhos na sua casa e substitui-os por um *circuito de vídeo integrado*: assim ela não tem que temer o encontro com seu reflexo num tempo que terá parado, onde ela quis.

p.36

- **Video-jogo** é maneira de jogar indefinidamente com o cotidiano.

Realiza assim o pensamento de Baudelaire: *infinitas camadas de idéias, de imagens, de sentimentos caíram sucessivamente sobre vosso cérebro, tão docemente como a luz. Parecia que cada uma [das imagem] sepultava a anterior mas, na verdade, nenhuma havia desaparecido.*

*

p.36

- **Vigília e universo onírico**: resgate do corte entre ambos.

Eruditos alemães, no começo séc. XX, gostavam dessa alternância ao relatar suas memórias íntimas, numa tentativa de *resgatar a importância do corte entre a vigília e o sonho.*

- **Razão** como motor do homem acordado.

Este ideal de uma razão comum, de uma proto-fundação de sentido, ao homem acordado e censor da realidade vai esmaecer nos artistas alemães, e cuja constituição epilética é conhecida...

p.37

- **Vigília rápida** e trama picnoléptica: o seu *savoir-faire*.

Se admitimos que o tempo de cada um foi mais ou menos **recolado** e que a vigília rápida é tão paradoxal quanto o sonho, *a realidade do mundo em devir (en train de passer) não poderia em nenhuma caso parecer comum à razão pura. A realidade desse mundo em devir seria tão somente um dos subterfúgios da trama picnolética e de seu savoir-faire.*

- A propensão **autoritária da razão**.

Esse é um trabalho opressivo que é acompanhado, desde a infância, por duros castigos porque não se pode ignorar a Razão ou ignorar a lei.

- Observação científica da realidade: seu ideal é o de um *transe controlado*.

[T] Virilio, com base nessa trama picnoléptica, acredita que essa **observação científica** seria uma espécie de **transe controlado**, ou ainda, **um controle da velocidade da consciência**.

- *Savoir-faire picnoléptico*/controla a velocidade da consciência.

[T] Seria esse *savoir-faire* picnoléptico que permitiria que essa consciência – fonte da observação científica da realidade – pudesse ser comunicada e admitida como comum por qualquer pessoa.

- G.E.R. Lloyd: *Magic, Reason and Experience* (1979).

Pergunta-se, nessa obra, sobre a passagem do pré-científico ao científico nos gregos e assinala a importância do texto hipocrático a respeito da doença sagrada: a epilepsia, que data do fim do séc. V, ou início do séc. IV

p.38

- Hipócrates: **epilepsia** não é mais sagrada que outras afecções.

Além disso, Hipócrates diz que se pode encontrar causas naturais para ela e, portanto, pode ser tratada de outra maneira que com encantamentos ou amuletos.

- Virilio dá outra interpretação ao **texto Hipocrático**.

Ele acha interessante como o processo epilético foi colocado, no século XIX como o acontecimento da dicotomia absoluta entre o mágico e o científico. Mas o texto de Hipócrates pode ser lido de outra forma. De fato, ao procurar demonstrar que a doença divina é naturalmente explicável, significa dizer que *o estudo racional do real, ou seja, o estabelecimento de suas leis e de seus modelos, está perfeitamente apto a substituir-se à epilepsia accidental, a curar-nos definitivamente das suas freqüências intempestivas e sobretudo, incertas.*

- **Sistema divino grego** = Sistema de acontecimentos.

Para os antigos, os deuses são **acontecimentos em andamento**. Virilio acredita que isso explica perfeitamente *esta atitude indecisa*, que os pesquisadores contemporâneos julgam ingênua e incompatível com o espírito científico, ou seja *este ideal antigo de ciência sem nitidez no qual o projeto racional se apresenta como um programa incompleto ou, melhor ainda como uma simples aposta a respeito do universo e onde o real é invisível (Platão).*

- Para os antigos o **projeto racional** é um programa incompleto, é uma aposta.

Ver obs. # anterior.

- **Epilepsia** iguala retenção de sentimentos.

Ambroise Paré define assim a epilepsia.

p.39

- Pequena/ breve morte aparecem como **adaptações da epilepsia**.

Em outras civilizações as adaptações atenuadas do processo epilético são chamadas de pequena ou breve morte, e o sucesso do ato sexual também se assimila a essa

definição em algumas civilizações. Diz-se do sonho que é uma espécie de morte da qual se volta.

- **Razão:** redistribui metodicamente as eliminações irregulares da picnolesia.

Para Virilio, a razão, comparada à morte é aquela capaz de estabelecer um novo agenciamento de uma escala temporal a partir das eliminações irregulares da picnolesia.

- **Realidade,** estudá-la racionalmente é uma farsa.

Dizer que se a pode estudar racionalmente é uma farsa, da mesma forma que procurar estabelecer a idéia de uma *tabula rasa* é um truque que procura *renegar todo valor ativo às ausências individuais*.

p.40

- **Racional,** tesaurização do.

[T] Aos poucos, essa espécie de **preservação do racional** compreendida como a **chegada daquilo que permanece e fator de não-surpresa**, leva nossos contemporâneos a tornarem-se esses personagens com memórias semelhantes aos papéis armadilhas-de-pegar-moscas e onde vem colar-se indiferentemente um acúmulo de fatos inúteis.

- **Ausências individuais:** desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Elas podem reverter, de uma maneira inovadora o estatuto da compreensão do desenvolvimento da ciência e da tecnologia no interior das diferentes civilizações.

- **Memória inventiva:** a ordem da disposição dos elementos.

O que é novo para a memória não são propriamente os elementos, mas a ordem na qual eles estão dispostos, seu agenciamento.

- **Invenção/ descoberta:** a ordem da relação dos elementos.

Virilio acha então que a descoberta, a invenção, ou seja, aquilo que está sem memória possível e por isso novo, é a ordem na qual só ele, Pascal, podia pôr em relação elementos conhecidos por todos *fazendo com que a razão ceda finalmente ao sentimento*.

- **Sentimento estético,** a faculdade de sentir, e a epilepsia.

Pascal sabia que a faculdade de sentir estava no centro do *desencadeamento epilético* e que a epilepsia é provocável, logo, como tal, ela pode ser domesticada.

- Pascal: **existência de Deus/ *savoir-faire***.

Para Virilio pode-se ver aí (# anterior) a causa mesma de sua célebre aposta a respeito da existência de Deus, pois que Pascal *assimila-a a um *savoir-faire**, ou seja, *a uma transposição teológica da hipótese científica, comparável à empreitada dos antigos Gregos*.

- **Crise epilética/ desencadeamento/sinal de beleza, prazer...**

Embora o epilético não busque a crise como fator de gozo, ele é prevenido de sua vinda por um estado de felicidade muito especial, uma exaltação juvenil (ex. Doistoïevski). Os fatores favorecedores da crise podem também ser da ordem da *distração, da sonolência provocada pela repetição de certos ritmos, num dos momentos de criação* (como em Champollion).

p.41

- **Auto-indução de ausência** = atos auto-eróticos.

Diz-se que, nos sujeitos foto sensíveis, os processos de auto-indução de ausência são atos auto-eróticos relacionados com a gênese sexual (já se havia visto, na puberdade, a interferência entre a picnolepsia e o despertar da atividade sexual. Também aí a ausência não é estranha à invenção, à cristalização da imagem amorosa).

- **Sono paradoxal** e atividade sexual.

Foi necessário chegar aos anos de 1940 para que os pesquisadores encontrassem a relação entre os dois.

- **Vigília paradoxal/ Desejo diurno e poder do amor** são...

[T] Função do chamado invisível do estado de exaltação da vigília paradoxal.

- **Michelangelo:**

De grâce, dis-moi, ô Amour, si mes yeux voient (hors de moi) la beauté vraie ou si je l'ai en moi...

- **Psyché.**

Maldição da a luz externa destrói instantaneamente o cristal da imagem amorosa. Eros foge e abandona a jovem tão logo esta última ilumina seu rosto...

- **Hábitos amorosos antigos/ deixar agir a natureza (sonho).**

Opõe-se a esses hábitos o *excessivo despertar produzido pela* informação e pela educação sexual, que terminam por cortar a raiz de naturalidade dos gestos amorosos.

p.42

- **Tristão e Isolda.**

Os subterfúgios do sono paradoxal tornaram-se inúteis para ambos. A paixão amorosa criou, no caso deles, um tal estado de consciência que os subterfúgios do sono paradoxal tornaram-se inúteis. O amor criou para eles a equivalência entre a noite e o dia, a vigília rápida, do sonho e logo, da morte.

- **Eros interior.**

Facilita outro tipo de relação com o tempo.

Dá o exemplo do suposto casamento com Deus das religiosas católicas.

- **Luto** ou sensação de desgraça.

Dão-nos a sensação do **instante**. O que é certo é que, de qualquer modo, que essas sensações **propiciam a ausência**.

- **Afetação dos sentidos.**

Afasta-nos do cotidiano.

p.43

- **Proust.**

Diz da Marquesa de Sévigné: *Ela não nos apresenta as coisas na ordem lógica, antes de tudo ela mostra a ilusão que nos surpreende.*

- Pascal/Proust: **a sensação.**

Chega primeiro, em rapidez.

Na ordem de chegada da informação, Proust destaca o estímulo da arte como sendo o mais rápido porque neste caso, as coisas não terminam por dar lugar ao sentimento, mas ao contrário, *começam por aí* (lembremo-nos que, com Pascal, a razão cede ao sentimento). Em resumo, a sensação convertida em causal por excesso de rapidez, ganha em velocidade à ordem lógica.

- **Apate (idéia sofisticada)/Kayrós/Apieikes.**

Proust analisa esta idéia sofisticada do *apate*, ou seja, a dessa *instantaneidade de entrada possível em outra lógica que dissolve os conceitos de verdade e ilusão, de realidade e aparência, e que vem dada pelo kayrós (ocasião)... isso que escapa ao universal e abre um espaço para a diferença, o apieikes, aquilo que é adequado num momento particular e, por definição, diferente.*

- **A descoberta.**

O novo não depende do acaso mas da **surpresa**. Muitos cientistas constataam isto, e P. Joliot, confirma isto ao abandonar o termo de pesquisa fundamental para aquele de pesquisa aplicada.

- **A arte.**

É apresentar a ilusão do mundo.

Já que o mundo é uma ilusão...

p.44

– **Michelangelo/Magritte.**

Falam daquilo que mostram e pintam. O interessante é olhar o que outros não olhariam, estar atento ao banal, ao ordinário, ao infra-ordinário. *Não existe o anedótico, mas culturas dominantes que nos exilam de nós mesmos e dos outros, uma perda de sentido que não é somente para nós um cochilo da consciência mas um declínio da existência.*

*

p.45

– **Aparições de santos.**

Atentar para a sucessão de circunstâncias. Virilio atenta para a *sucessão de circunstâncias que precedem à aparição e onde o mundo começa a aparecer como ilusão do mundo.*

– **Dissolving views.**

Dos objetos verdadeiros, seleção particular das coisas vistas faz com que se destaque uma *outra designação de sentido, um fundo que seria já uma espécie de fundo-enca-deado,...* onde o mundo tal como o vemos está em vias de passar/ está em devir... (Paul de Tarse).

– **Meteorologia/ da escala local para o mundial.**

A escala local é sempre um objetivo incerto. Os dados meteorológicos devem ser concebidos na escala mundial: nosso tempo é sempre o tempo de outro lugar e todo o sistema está entrelaçado, diz um meteorologista.

p.46

– **Aparições, estatuto (epilético)/ percepção infra-ordinária.**

As aparições do santos aparecem então como uma *repetição desses instantes surpreendentes que precedem a ausência epilética* – durante a qual os sentidos, que permanecem despertos, percebem um infra-ordinário. Por outro lado, as semelhanças com a epilepsia terminam aí porque Bernardette (da gruta de Lourdes, França) é capaz de atuar durante o êxtase: desloca-se e até come.

p.47

– **Cerimonial pessoal.**

Leva à indução das visões. À medida em que as visões se multiplicam, Bernardette sente a necessidade de um cerimonial pessoal para a sua indução, e esse ritual nem sempre tem sucesso...

*

II Parte

O cinema é uma nova idade da humanidade

Marcel L'Herbier

p.49

- Excessos da **razão metodológica**.

Critica-se atualmente esses excessos, ao perceber a veleidade das teorias ensinadas como verdade eternas.

- Temas transcendentalistas ou **materialismo místico**.

Voltam a ser discutidos na literatura, embora já estivessem na origem nos *novos modos de vida e de produção, sobretudo no USA do século XIX*.

- Propor idéias contrárias às abandonadas ou retomar antigas teorias, *mudar de erro*.
- Crítica desses **excessos do passado**.

Impede a análise da questão tecnológica.

Esta volta atrás errou ao deixar de fazer o estudo da questão tecnológica. Essa tecnologia não pode ser desligada dos conceitos socioeconômicos ou culturais.

p.50

- Substituir o pseudo **estado de vigília racional** por um estado de vigília paradoxal que é artificial.

Não resolve a questão. Esse procedimento apenas fornece às pessoas uma assistência que se tornou sub-liminar.

- Bernardette /idealistas alemães/**meta-poesia**: por que voltar a eles?

Todos são capazes de ver um mundo de inspirações, uma sucessão magnífica de pensamentos desordenados e fragmentários no tremor de uma folha, nos vagos odores de um bosque. Não se trata de voltar a eles...

- Buscar unidade de tom entre os diferentes relatos.

- **Estética paróptica** (para além da visão) do mundo real.

Nas diferentes atitudes (Bernardette e idealistas alemães, por exemplo), efetiva-se essa estética paróptica, ou seja, essa atividade insólita dos sentidos, que usurpa as funções pertencentes ao acaso, elevando-se a *um sexto sentido que seria a perfeição moral da idéia humana abstrata do tempo*, dizia E.A. Poe.

– **Sentimento da duração.**

Essa perfeição moral da idéia humana do tempo seria essa percepção da duração, viva e perfeita, e que existe em si mesma independentemente de uma série qualquer de fatos. Aqui já não há sequer um precedente causal ou uma sucessão.

– A falta cria uma **percepção extra-sensorial.**

Virilio refere-se a essa falta que existia em Poe, mas acrescenta o exemplo da falta da visão nos cegos que, no entanto, são capazes de discernir a cor das flores através do seu cheiro...ou ainda Heine para quem, através de cada acorde de Paganini, surgia um espetáculo de sombras chinesas (Heine dizia que tinha pictografia musical).

p.51

– **Parapsicologia** renova a herança do materialismo místico (séc. XIX).

Parapsicologia que é agora substituída pelas atuais investigações sobre a eletrônica, onde a idéia dominante é recolocar em questão a incomunicabilidade dos sentidos num plano geral e, principalmente entre os indivíduos, para *obter um efeito sensorial de massa...*

– **Efeito sensorial de massa.**

Imagina-se o sucesso que essas investigações despertam nos grandes Estados materialistas (USA e ex-União Soviética), onde a instauração de uma **transparência das consciências mediante a coesão das sensações** seria um progresso incalculável para esses diferentes poderes.

– Nossa duração = **a nova comunhão.**

Essa nova comunhão não estaria mais a cargo, como antes, da nossa vontade ou da nossa psicologia mas **da nossa duração** e, como conseqüência, de nossas idéias causais, ou seja, da essência mesma de nossa personalidade.

– Vocês não têm velocidade, **vocês são velocidade.**

Eis o que nos dizem as técnicas e o poder, contemporaneamente.

Numa paráfrase a W. Reich diz-se: vocês não têm corpos, vocês são corpos.

– **Velocidade e Política:** manipulação das velocidades vetoriais.

Nesse obra Virilio havia mostrado de que maneira a modulação e a manipulação das velocidades vetoriais (a polícia logística) tinham sido, nos diversos conflitos militares e revolucionários, **os elementos mais seguros para conseguir a coesão das massas na Europa e nos Estados Unidos.**

p.52

- **Poder político do Estado:** polícia/rede de comunicações viárias.

Em *Velocidade e Política* já se havia visto que o poder político do Estado é só secundariamente um poder organizado de uma classe para a opressão de outra, e que, num sentido mais material, o poder político do Estado é polis, polícia, ou seja, rede de comunicações.

- **Finalidade do poder:** criar um resumo de mundo (ubiquidade).

A finalidade do poder não é só a invasão e ocupação dos territórios mas, sobretudo, a criação de uma espécie de resumo do mundo, resumo conseguido através da ubiquidade, a instantaneidade da presença militar, e isso é um puro fenômeno de *velocidade, um fenômeno em marcha na realização de sua essência absoluta.*

- **Velocidade** se transforma em inimigo interior.

Assim também a própria **imediatez da informação** arrisca criar a **crise imediata**. Chegamos de imediato na *Dissuasão* ou seja, onde a antiga máquina de guerra tende a se transformar numa máquina de paz total, de pacificação absoluta.

- **Vetores inéditos de velocidade** criam novos jogos no mundo.

Ao antigo jogo da guerra, substituiu-se o do monge tecnológico, o do monge-soldado ou o do padre saint-simoniano. Para onde eles nos levam?

- **Psicologia das massas:** um novo meio de possessão.

Efeitos funestos comentados pelo Dr. Gustave Lebon antes da guerra de 1914: unificação mental; conformismo psicológico coletivo, alma coletiva, etc.

p.53

- **Crítica à razão metodológica.**

Está na moda e todos se lançam a ela mas não aparecem trabalhos elaborados pelos cientistas que analisem o controle dos sentimentos na ciência.

- **Ciência sem Consciência = fórmula moralista.**

Numa velada alusão ao título do livro de Edgard Morin, Virilio acha que essa fórmula é moralista e que talvez devesse surgir uma anterior a essa: a **ciência mata a consciência.**

- **Conhecimentos menos extensos/certeza do saber visava totalidade.**

Nos dois séculos que nos precederam a reserva dos conhecimentos era menos extensa e, portanto, a certeza do saber visava a totalidade. Parece que quanto mais o saber cresce, *mais cresce o desconhecido*, ou, quanto maior é o fluxo de informação, tanto mais consciência temos, em geral, da sua *essência fragmentária e incompleta.*

– **Saber.**

Quanto maior ele é, maior é a consciência da sua fragmentação.

– **Invenções.**

São mais da **ordem da consciência** que da ciência.

[T] Arquimedes, Newton e Einstein ligaram-se ao fenômeno da **surpresa estética** ao sentir, através da observação dos fenômenos, os princípios que procuravam formular. O *Renascimento* já dizia que *tudo isto se realiza através dos canais sensoriais e, tanto a Lei quanto a Razão nada mais são, neste caso, que dimensões espaço-temporais oferecidas à imago, ou seja, são unidades de medida.*

p.54

– **Lei/Razão.**

São dimensões espaço-temporais.

São unidades de medida oferecidas à *imago*.

– **Reconstrução do sujeito através da imagem: tecnologia.**

Espírito científico parece ter ficado prisioneiro do *ideal prometeico*, é como se esse ideal tivesse transformado o espírito científico num aliado incondicional da tecnologia. O sonho da tecnologia seria o de **reconstruir o ser humano através da imagem: o Ocidente não pode se separar de sua ciência que é o espelho de sua inteligência.**

– **O duplo.**

No **reflexo** o homem fabrica seu espectro inteligente . O homem confia a guarda do seu saber a um *reflexo*.

– **Saber do homem.**

É um reflexo/ilusão cinemática. Estamos no âmbito da **ilusão cinemática**, de uma espécie de espelhamento que produz, agora, a *precipitação da informação* na tela do computador.

– **Informação e não sensação: eis o que se produz.**

Eis a *apátheia*, essa *impassibilidade científica* que faz com que quanto mais informado esteja o homem, tanto mais ele estende a seu redor o deserto do mundo. A repetição da informação *perturbará cada vez mais os estímulos da observação.*

– **Memória: luz interior versus visão.**

Os estímulos da informação extraídos automática e rapidamente não somente da memória (luz interior) mas, sobretudo, da visão, faz-nos compreender que é a própria velocidade da luz que limita a leitura da informação e que, logo, a partir daí, o

- importante na eletrônica informática não é mais a **reserva**, o acúmulo na memória, mas aquilo que se mostra na tela.
- **Reserva** (na memória) e **mostra** (na tela).
O segundo acabará tendo a prevalência sobre o primeiro modo do homem responder aos estímulos da observação.
- **Efeito do real e universo racional**: sair do objeto e ir para o contexto.
Os efeitos parecem ser os mesmos nos dois domínios. No universo racional a ordem é sempre olhar para o lado, rejeitar a fixidez da atenção, sair do objeto e ir para o contexto, evitar os hábitos, o costumeiro parece ter-se tornado impossível: *o mundo percebido não parece mais ter interesse, desde que foi teatralmente sugado, analisado, apurado.*

p.55

- **Fotografia**, a arte da: clichês de mundo que se sucedem.
Também nessa arte haveria a tendência a aniquilar a originalidade das sensações. Há uma predominância no anonimato do cotidiano, na consagração das viagens, do exotismo, à banalização dos fatos [*fait divers*].
- **Pensamento coletivo** imposto pela mídia.
Anula a originalidade das sensações proporcionando às pessoas um conjunto de informações para programar sua memória.

p.56

- Avanços da eletrônica conduzem a **próteses ativas da inteligência**.
É uma das preocupações do Virilio detectar esse tipo de acidente causado pela tecnologia da prótese.
- O neurocirurgião Delgado: **fenômenos elétricos do pensamento**.
Delgado, pioneiro no estudo desses fenômenos, *tranqüiliza* seus pacientes *com transplantantes*.
- Inteligência do computador = **uma prótese inerente**.
Colocada no homem uma minúscula pastilha de silicone dar-lhe-ia o conhecimento *instantâneo* de uma língua estrangeira ou da teoria da relatividade...
- Desdobramento do **espelho prometeico**.
Esse tipo de prótese (elétrica) na neurocirurgia é um outro desdobramento desse espelho de Prometeu, ao procurar ir além da etapa que separa o *homo sapiens* de um estágio ulterior...

- Velocidade dos **automatismo cerebrais**: apropriação.
É através da eletricidade que se procura efetivar a apropriação dos nossos automatismos cerebrais, e a propaganda político-militar já sugeria isto.
- **Eletrochoques** (1938: Ugo Cerletti, italiano).
O método se aplicava, época fascista, aos porcos nos matadouros, onde se aproveitava a coma epilética para matá-los.
- **Psiquiatras, crítica**.
Bastou que os psiquiatras decretassem que os epiléticos não possam jamais ser esquizofrênicos para que, depois dos porcos, milhares de pacientes fossem submetidos a descargas elétricas e cujos efeitos não sabemos exatamente quais seriam. Também foram usadas como castigo em torturas nas forças repressivas, sobretudo na América Latina.
(Bibliog. Alain Jaubert, *Eletrochocs*, Macroscopies, número 6 pág. 28).

p.57

- Hemingway, **eletrochoques** (1960).
Foi usado nele um tratamento com eletrochoques. Um mês após findo o mesmo ele suicidou-se.
- **Eletrochoque/interrogatório político-militar**.
A **confissão** oriunda dessa técnica tinha a envergadura de uma *experiência social, melhor, tecno-social e era um esforço para a transparência*.
- **Pacificação da consciência: próteses técnicas e clínicas**.
Essas próteses tendem para essa pacificação: *uma consciência sem margens e sem fundo, consciência total onde a inquietação febril dos seres individuais se apaga*.
- **Conforto subliminar**.
Gera uma crise das dimensões e uma crise da representação. Os **sistemas de assistência, sobretudo no domínio sensorial**, ativam um conforto subliminar, ou seja, não chega a penetrar na consciência, que é subconsciente, levando, ao mesmo tempo, **à crise das dimensões e a crise da representação**.

*

p.58

- **Motor surge**.
Novo sol surge modificando a visão. A iluminação propiciada por esse motor muda a vida na medida em que seu *projeto duplo*: a) é produtor de velocidade b) é propagador de imagens (cinemáticas e cinematográficas).

- **Desintegração da vista** e desintegração da matéria e dos corpos.
A primeira vem um pouco antes das segundas.
- **Estudos sobre formas/aerodinâmica.**
A desintegração da matéria e dos corpos se esboça com os primeiros estudos sobre as *formas de menos resistência (aerodinâmica)*, e nas experiências de Marey.
- **Marey.**
Velocidade e elementos uniam-se para dar forma às aparências das máquinas, até conseguir recompor integralmente o campo de seu trajeto. Daí para a frente a erosão eólica se somará à velocidade, que esculpe – ao mesmo tempo – o veículo e a paisagem, procurando encontrar a aclimatação dos passageiros.
- **Velocidade da luz/perturbações da visão.**
Em pouco tempo se desintegrava a transmissão da imagem cinematográfica e a transmissão dos corpos cinemáticos, e isso a tal ponto que ninguém mais se surpreende com as *perturbações da visão provocadas pela velocidade e a ilusão locomotora parece ser a verdade da visão, e as ilusões de ótica serão consideradas como a verdade da vida.*
(Goddard dizia que o cinema era verdade 24 vezes por segundo. E o ritmo do motor cronofotográfico de Marey era, ainda, 16 vezes verdade por segundo...).

p.59

- **Óculos escuros:** o uso da moda.
Comenta, através de A. Huxley, o uso abusivo dos óculos escuros mas também mostra que o homem expõe-se inutilmente ao sol e confronta-se a outros sóis como o motor do carro, do cinema... E sabemos da sensibilidade da fóvea central da região da mácula, na retina, e sua devida proteção.
(Quase cego até os 16 anos Huxley viveu até 1939 com visão deficiente. Reeducou-se visualmente através do método do Dr. Bates e pôde ler sem óculos. Escreveu um livro: *A arte de ver*, 1978, onde explica esse método).

p.60

- **Processo da visão** - a matéria prima da visão não tem substrato.
Virilio reporta-se ao Dr. Broad que diz que no processo da visão os objetos não são dados como **realidade**, o que é diretamente sentido pelo olho – a matéria prima da visão – é algo que carece, em si, de substrato.

- **Visão/Percepção da aceleração dos corpos.**

Para que o olho comum possa perceber a aceleração dos corpos e a fugacidade do movimento, é necessário que a visão seja guiada, livre de traços mnemônicos.

A brancura dos pássaros ou dos cavalos, as cintas brilhantes que adornam os vestidos dos atores fazem desaparecer o corpo em proveito de uma combinação instantânea de dados sob a iluminação indireta dos motores e de outros propagadores modernos. De tal forma isso se dá que o heterogêneo sucede ao homogêneo e a...

- **Estética da investigação.**

Substitui a investigação de uma estética.

[T] E a estética do desaparecimento renova a aventura da aparência.

- **Cinema.**

Dentro de tal quadro a cronofotografia reversível, ou seja, o cinema, *essa ilusão imposta à fisiologia de nossos órgãos de percepção visual*, oscila – desde a sua origem – entre a produção de *impressões luminosas persistentes* e a *pura fascinação que destrói a percepção consciente do espectador* e entorpece o funcionamento natural do olho.

p.61

- **Acelerador cinemático.**

É uma prótese ativa.

[T] Através disso, os limites do mundo passam a ser os do vetor de movimento, desses meios de locomoção que *desincronizam o tempo*.

(Quando Marey reduz o movimento do vivo a alguns signos fotogênicos, ele nos faz penetrar num universo jamais visto onde nenhuma forma nos é dada porque todas já povoam um tempo diferido, desprovidas de traços mnemônicos).

- **Irmãos Lumière: o poder refletor do branco nos primeiros filmes.**

A luminosidade do branco faz da *star* um ser, também ele, assim como a luz, sem forma estável, tão diáfano como se a luz passasse através de suas carnes. Mas a película é realmente transparente e a *star* também é um ser sem forma, é um *spectro* de absorção proposto ao olhar do espectador.

p.62

- **Viagem da câmera/iluminar as paisagens dos rostos.**

A câmera viaja através do rosto dos atores que nada mais são que paisagens e a função do *metteur en scène* é o de **iluminar** essas paisagens...

p.63

– **Marey/efeito de realidade.**

Nele, o efeito do real é criado pela *emissão luminosa*, e a heteromorfia, isto é, a diversidade de formas nasce das intensidades da iluminação.

– **Abel Gance (1972).**

Dizia que o cinema se transformaria na arte mágica dos alquimistas: um feitiço capaz de suscitar nos espectadores a cada fração de segundos *esta sensação desconhecida de ubiqüidade numa quarta dimensão, na qual o espaço e o tempo ficam abolidos.*

– **Quarta dimensão.**

Ubiqüidade na qual espaço e tempo ficam abolidos.

p.64

– **Crise dos anos 30 nos USA.**

Cinema salva do desastre social e econômico.

– **Fred Astaire/Cronofotografias de Marey.**

Roupas, danças, etc. são variações do tema das cronofotografias de Marey... (o procedimento de filmagem luminosa levava muitos a um sono reparador).

p.65

– **Fotografias de guerra (desde 1914).**

Graças a essas fotografias a técnica cronofotográfica conhecia novos desenvolvimentos. Nessa produção intensiva das imagens o que interessa é a nova sinergia das próteses que começa a se criar, ou seja, esse *novo misto que associa o motor, o olho e a arma.*

– **Alquimia do sentido.**

Mostra uma instabilidade do real.

Essa alquimia é capaz, ao mesmo tempo, numa mesma anamorfose, *mostrar uma instabilidade que precipita toda a forma na direção de sua ruína, esse tipo de colagem instrumental que permite reconstituir – minuto por minuto – dia após dia – a erosão de um edifício, uma cidade ou uma paisagem, causada pelo efeito combinado dos bombardeios à distância e o olhar ubíquo dos dirigentes militares.*

p.66

– **Sinergia do olho e do motor.**

Estende-se ao esquema produtivo.

Ela se realizava na câmera mas não tinha que limitar-se a ela. Podia fundir-se ao *esquema de produção, dos transportes e dos corpos.*

- **Sobre-impressão**, procedimento de filmagem.

Era um procedimento muito usado nos filmes mudos destinado a expor pensamentos e sentimentos, mas vai ser substituída, aos poucos pela panorâmica/*travelling* dentro de um carro.

p.67

- **Projétil de guerra (real)/efeito de vertigem (cinema).**

Assim como o projétil de guerra é lançado a toda velocidade na mira visual que ele deve liquidar, o cinema vai prender-se a provocar um efeito de vertigem no viajante-passageiro.

p.68

- Transporte comum (cinema)/**transmutação de espécies.**

Tudo se passava na multidão dos videntes luminosos num transporte comum que seria, de repente, se tornado uma *transmutação comum das espécies, momento de inércia onde tudo está aí, num falso dia de uma velocidade da liberação da luz que nos libera realmente da viagem e dá lugar a atenta impaciência por um mundo que não acaba nunca de chegar, que não acabamos nunca de esperar.*

- **Inércia/Falso dia da velocidade.**

Ver # anterior.

- **Metamorfose visível do real.**

Trazia para o espectador: nova hierarquia das dimensões, a intensa visualização substituía o tato, o contato com a matéria; cada um passava – como um visionário comum e juguete de uma alucinação coletiva: do retângulo da folha de papel ou do cavalete, àquele da tela e da maquinação sinótica dos efeitos de superfície.

p.69

- Consonância olho/motor – **nova verdade da visão.**

A primeira passava a comandar a segunda e fazia a metamorfose dos ritmos da vida.

- **Olhar cinematográfico** e o desfile das seqüências.

Desenvolve uma angústia artificial no espectador a respeito do que vai acontecer.

- Velocidade trata a **visão como matéria prima.**

E, com a aceleração, viajar é como filmar. O objetivo não é tanto produzir imagens mas novos traços mnemônicos, inverossímeis, sobrenaturais.

– **Morte.**

Converte-se num acidente técnico. Ela não parece mais ser sentida como mortal, mas sim uma separação final da fita-imagem e da fita-som.

p.70

– **Festa sem um amanhã: novas vivências.**

É como uma festa vivenciada *sem um amanhã...* Não terá sido isso que empurrou gerações inteiras ao cosmopolitismo dos trens e dos transatlânticos, dos palácios internacionais e dos templos de cinema?

– **Próteses de viagens aceleradas: a passagem da vida.**

Nossa vida inteira passa por essas próteses de viagens aceleradas das quais nem sequer temos consciência. ... *a necessidade de peregrinação terminou por colocar a fixidez da vida no próprio deslocamento* (Gaston Rageot).

p.71

– **Julio Verne/Phileas Fogg.**

A fabricação do dia fictício através da história da Volta ao mundo em 80 dias.

– **Técnica desaparece/crise se instala.**

Music Hall, cinema, televisão vão perdendo espectadores... Fala-se de crises passageiras mas uma técnica morre quando foi substituída por uma outra que é mais performante mais efetiva: as próteses do conforto sub-liminar.

– **Mudanças (crises).**

Advém das próteses de conforto subliminar.

[T] Todas essas mudanças não são independentes. Todas elas compõem uma única e primitiva busca: aquela que é dedicada às próteses de conforto subliminar.

– **Cinema = prática hipnogógica.**

Compara-se o espectador à criança que, na obscuridade, seu ritual de adormecimento. Liga períodos de guerras e privações onde o cinema era muito procurado e barato... O cinema criava, à vontade, **a ocasião** [*kairós*], ou seja a entrada numa outra lógica.

p.72

– **Mercantilismo/oposição ao seu espírito na lógica do cinema.**

O cinema tem um sentido diferente do espírito mercantil: é preciso silêncio, não se quer movimentos alheios ao espetáculo e os lugares de assento (mais confortáveis, etc.) funcionam como uma espécie de **valor imobiliário**.

– **Crise da indústria cinematográfica.**

Essa crise, diz Virilio, se iniciará quando se deixar de produzir dias fictícios e se busque a verossimilhança.

p.73

– **Cinema industrial versus indústria automobilística.**

Instaurou-se uma competição entre ambas e o primeiro procura propiciar ao visionário-viajante uma espécie de **embriaguez veicular**.

– **Embriaguez- veicular.**

– **Êxito das máquinas de transporte individual (carros).**

É necessário estabelecer a diferença entre o automóvel fabricado em série e os dândis do motor que se lançam em busca de aventuras vertiginosas...

– **Filas de cinema/Filas de pedágio.**

As primeiras desaparecem na medida em que elas se refazem, periodicamente, nos postos de pedágio: aquilo que havia levado as massas às poltronas das salas de cinema, levam-nas agora às poltronas dos automóveis.

– **Evolução das salas de cinema.**

É útil para a análise urbana. Esta evolução ajuda a compreender o fenômeno urbano. Enormes salas obscuras dão lugar a pequenos lugares individualizados que se assemelham às células dos meios de transporte: os grandes monumentos do espetáculo parecem ter terminado...

p.74

– **Metrópole de sedentários.**

É substituída por micropólis nômades.

O fenômeno do mundo sobrevoado que perde todo o interesse nessa espécie de desurbanização passageira propiciada pelo vôo supersônico do avião.

– **Espaço/cinema.**

A questão hoje não é a de saber se o cinema pode prescindir de um lugar mas sim, se os lugares podem prescindir do cinema.

– **Urbanismo.**

Está à deriva/Arquitetura desloca-se sem parar e a moradia é apenas a anamorfose de um limite, uma entrada [seuil].

– **Arquitetura.**

Ela não mora mais na arquitetura mas na geometria, no espaço-tempo dos vetores. A estética do construído se dissimula nos efeitos especiais da máquina de comunicação – engenhos de transferência ou de transmissão... A arte não pára de desaparecer na intensa iluminação dos projetores e dos propagadores. Depois da arquitetura-es-cultura, no seu sentido figurado, a arquitetura é cinema, é uma fraude.

– **A Cidade.**

É o puro cinema das luzes da cidade.

Ao hábito da cidade segue-se uma motricidade inabitual. A luz da velocidade veicular (audivisual e automotiva) renova o brilho da luz solar. A cidade não é mais um teatro (uma ágora, um foro), mas o puro cinema das luzes da cidade.

p.75

– **Velocidade do transporte** multiplica a ausência.

Viajar para esquecer, era o conselho dado à neurastenia ou à tentação suicidária. Nesta última dá-se um substituto: a pequena morte das partidas. Agora a rapidez do deslocamento equivale ao desaparecimento da festa do sem amanhã da viagem e significa uma espécie de repetição diferida de seu último dia.

– **Verossimilhança** nas recentes produções cinematográficas.

Essa extrema semelhança não satisfaz mais a expectativa do visionários-viajantes, a unidade dialética do real e irreal, mas também uma mistura instantânea da viagem onde as relações de proximidade se enfraquecem, a distância aumenta ou diminui segundo o caso, o estranho se torna banal e o espetáculo comum se torna o mundo sem memória.

p.76

– **OVNIS/efeito técnico** provoca a **paramnésia**.

Filmes com essa temática combinaram efeitos visuais e sonoros e a televisão acaba não sendo capaz de criar tecnicamente essa nova gnose nos espectadores.

– **Marinetti: pensar o super-homem antropocentrista.**

Esta era uma identificação futura entre o homem e o motor, e eles pensavam uns transplantes de aço, o desaparecimento dos corpos nas próteses que produzia então a tecnologia. Mas ele e seus seguidores não compreenderam que identificar-se com o motor é identificar-se com o vetor.

p.77

- Miniaturização em tecnologia - **desdobramento parasensível**.

Não se estudou suficientemente as causas profundas da evolução da tecnologia. A miniaturização, ou seja, reduzir a quase nada o tamanho dos aparelhos não é somente fornecer peças sobressalentes para o organismo, ao colocá-las na escala do corpo humano, mas também criar, no interior do indivíduo, uma rivalidade para-sensível, um desdobramento do ser no mundo.

- **Televisão americana.**

1978 perde seis milhões de telespectadores. Enquanto isso aconteceu a indústria automobilística superou bastante bem a crise da energia.

- **Carro e moto: sem finalidade.**

A utilização alucinada de ambos, ao contrário do transporte em comum, carece de finalidade. Não se trata, *a priori*, de atravessar distâncias, aquilo que vai fatalmente criar as novas condições da viagem. Ir a lado nenhum, dar voltas num quarteirão deserto parece natural ao visionário-viajante enquanto que ir a um espetáculo ou visitar alguém pode parecer um esforço demasiado.

- **Identificação do condutor = vetor.**

Como o espectador no cinema, o condutor conhece de antemão o cenário, etc., e a ausência de variantes das paisagens varridas pela velocidade favorece ainda mais a **tentativa de identificação do condutor com o vetor**. Dá exemplos (faróis potentes e luzes de posição nos carros) para evidenciar a formulação de um desejo de ter uma nova presença no mundo e, logo, a tentativa do abandono da faticidade do mundo.

p.78

- **Disney: sua imaginação trabalha como um motor.**

Em 1955 inicia-se a 40 km. de Los Angeles o primeiro parque de atrações concebido como um *trompe l'oeil*, uma falsa perspectiva. É um tempo de retorno às origens, onde nos tornamos passageiros de falsas ausências atordoantes...

p.79

- **Disneyland e Disneyworld/saber cinematográfico.**

Elas procedem do saber cinematográfico de W. Disney. Ao invés de excluir-se, as idéias se prolongam, se complementam umas às outras. Edifícios e meios de transporte são aí reduzidos a 1/5 com respeito às normas e possui a escala normal que o cria - a escala do sonho!

p.80

- **Anamorfismo/Disney.**

Aí o anamorfismo foi conseguido através de uma **alteração das dimensões, de uma falsificação dos fatores da distância e da aparência.**

- **Nihilismo da técnica** = destruição do mundo.

[T] **Violência da velocidade = destruição da verdade do mundo.**

A segunda tem um impacto bem maior do que a primeira.

- **Carlos V, dromócrata.**

O desejo do dromócrata assimila-se à velocidade da luz. Para ele o assalto ao universo é incessante: um só dia equivale a mil anos e a terra conquistada reduz-se à luz desse único dia.

p.81

- **Poder absoluto.**

Busca-se através da sensação de viver uma única e eterna jornada. Exemplo das cortes da Espanha/do carnaval que, em Veneza, se prolonga por 6 meses.

- **Júpiter e Apolo, mitos da produção do dia.**

Para além desses mitos, Virilio diz que a produção do dia se assimila ao poder da luz, que é velocidade e é também vetor.

- **Dia = poder da luz = velocidade = vetor.**

- **Artefatos.**

São estruturas ou fenômenos artificiais que modificam os fenômenos naturais.

p.82

- **Versalhes e Vaux-le-Vicomte.**

O efeito dos fogos artificiais e dos jogos aquáticos terminam por fazer desaparecer os castelos e provocar no espectador o mecanismo de um *perpetuum mobile*. Quando declina o poder do soberano desaparece a cinemática da água...

- **Cinemática da água e poder do soberano.**

Desaparecem em concomitância...

- **Perda do conhecimento/perda de vontade.**

O esplendor e aura precedem a perda do conhecimento e se apropriam da vontade do espectador: tiaras, diademas, as insígnias do poder são também próteses eficazes do nirvana real que transforma a assistência estatal em manipulação dos sujeitos pelo príncipe.

– Varda, Agnès/**luminosidade e felicidade.**

Num de seus filmes (A Felicidade), ela diz que pensou nos *impressionistas* porque nas suas telas *existe uma luminosidade que corresponde a uma certa definição da felicidade.*

p.83

– **Drama.**

É o desejo de luminosidade levado ao extremo. Se existe drama, ele é provocado pelo desejo de luminosidade levado ao seu limite extremo. Richelieu já havia dito que *nós preferimos possuir a integralidade da felicidade que ficar toda uma semana feliz pela metade...*

p.84

– Pintura européia/**Difusão da Luz.**

Varda sempre procurou alcançar a ilusão fotogênica *difundindo a luz* enquanto que os procedimentos anteriores nada mais faziam do que *absorver a luz*. Bradbury já havia estabelecido essa diferença entre Rembrandt e Walt Disney...

– **Próteses de conforto subliminar.**

produzem simuladores de dia, ou seja, efetiva-se a metamorfose dos objetos da produção industrial onde o conjunto das realidades econômicas tomaria o lugar da cinematográfica, na medida em que a própria produção de bens termina por substituir esse desejo de movimento perpétuo em direção à... felicidade?

– Epcot Center = **fábrica de ação** [e não de idéias].

Walt Disney quer fazer esquecer as penas do presente e a morte, ou seja, o mundo real.

– **Apropriação do desejo.**

É apropriar-se do poder de espera.

[T] O que parece acontecer é que, na verdade, os poderes acabam por se apropriar – não tanto da vontade obtida através dos vetores – mas apropriam-se da **espera, ou seja, de todas as esperas: o que se torna possível através do nivelamento da aparelhagem dos corpos.**

p.85

– **Duração.**

Será estimada em termos de intensidade.

Em pouco tempo teremos que esquecer as distinções de espécie entre a propagação de imagens ou ondas, e aquela entre objetos ou corpos, e isso na medida em que a duração será medida em termos de intensidade.

III Parte

p.87

- **Science/tecnologia/ outros mundos.**

Através deste elo de relação, a ficção científica nos Estados Unidos parece aparentar-se às religiões e às seitas.

- **Semelhança entre físicos atomistas e os grandes místicos.**

Alguns, como o Professor Lawrence Leshan evidenciam esse aspecto de semelhança em relação à visão do universo e suas leis dos físicos atomistas e dos grandes místicos.

- **Ausências de consciência/imersão em outros universos.**

Outros descrevem as incompatibilidades entre nossa presença no mundo e os diversos graus de anestesia de nossas consciências. Isso nos faz cair em *ausências cada vez mais prolongadas, mais ou menos intensas*. Isso provoca nossa imersão instantânea em outros universos, mundos paralelos, intersticiais, bifurcantes.

p.88

- **Black Hole** um puro fenômeno de velocidade.

- Versão judaico-cristã da *Genesis* versus esses tipos de relatos.

Ambos se adaptam a essa versão na medida em que *fazem com que a ciência e sobretudo os meios técnicos desempenhem um papel logístico que, inicialmente coube à primeira mulher.*

- Papel logístico da **primeira mulher.**

[T] Satanás seduz a mulher que seduz o homem: assim começa a humanidade destinada menos à morte e mais ao desaparecimento, ou seja, à expulsão no universo em que o homem vivia: o que se cumpre, aliás, em princípio, devido a um **fenômeno de consciência.**

- Expulsão do paraíso terreno = **desajuste da visão.**

A primeira faz-se preceder desse desajuste que modifica completamente as aparências do mundo em que o casal vive: *seus olhos se abrem, vêem que estão nus, cobrem sua nudez e buscam uma maneira de fugir ao olhar de Deus.*

- **Fenômenos da visão.**

São confundidos com os de uma inovação sexual.

[T] Virílio procura mostrar que os fenômenos que afetaram essa desregulação do casal logístico não foram de ordem sexual mas têm uma **dimensão cosmodinâmica**. A **sedução** deveria ser compreendido como um **rito de passagem** de um mundo ao outro.

p.89

– **Dimensão cosmodinâmica do casal logístico** (Adão/Eva).

[T] Esse **rito de passagem** (sedução = do latim *se ducere* = levar-se para o lado, distanciar-se. *Seducere* já é uma aceção derivada e tardia que aparece nos textos da Patrística). *Se ducere* implica numa **partida geral para toda a humanidade, o começo de uma navegação dos corpos e dos sentidos de algo imutável para um outro compartimento do Tempo, um espaço-tempo essencialmente diferente pois que experienciado como algo instável, conduzível, transformável**.

– *Se ducere* = distanciamento/mulher = *axis mundi*.

[T] Esse **distanciamento da sedução** inscreve-se na *dinâmica do mundo* e a mulher não é possuída ou possuidora, mas **atraente** e, essa força de sedução é de fato, **gravidade, peso universal, axis mundi**.

– Mulher = **mulher da passagem**/organizadora da velocidade.

É ela, essa mulher-passagem que efetivamente tem organizado até agora tudo aquilo que é velocidade: tudo que se relaciona com o movimento na vida dos homens inscreve-se nela ou entra em competição com ela.

– **Mulher bem-amada**.

É o *resumo do universo*.

Novalis dizia isto num contexto dentro do qual o universo nada mais é que o *prolongamento da bem-amada, o corpo da mulher confundido com o corpo das comunicações, um vetor ideal entre o homem e o mundo novo: surge aí uma trilogia nova...*

– **Trilogia nova: mulher/homem/corpo territorial**.

Homem e mulher num mundo novo faz surgir uma espécie de trilogia. O movimento solitário do *seducere* é um acoplamento sexual que necessita uma colocação em marcha/em andamento solidária, e através dessa marcha o casal é também a formação de uma parelha [*attelage*], ou seja, ele se constitui num efeito de empuxo (ato de empurrar) comum, uma espécie de veículo com dois lugares, e que **implica o corpo territorial como terceiro participante**.

[*O homem Adão vem do solo *adâma*. "Jardim" foi traduzido como "paraíso" na versão grega. Éden, é um nome geográfico impossível de ser localizado e pode ter signi-

ficado, a princípio, estepe: eis o comentário da Escola Bíblica de Jerusalem, trazido por Virilio em nota de rodapé].

p.90

– **Rito de passagem.**

Implica em dupla metamorfose. Nesse relato do *Gênesis* [expulsão do paraíso: queda de Adão e Eva e] através do **rito de passagem de um universo a outro** observa-se uma dupla metamorfose: a) a da visão; b) a da dissimulação, da camuflagem prudente dos corpos.

– **Metamorfose da visão e do corpo.**

– **Medo.**

É correlato à sedução. Ambos surgem juntos no relato bíblico e isto porque a sedução é, precisamente, **produção de distância, fenômeno de velocidade** e, através do qual a previsão do acidente é instantaneamente renovada.

– **Sedução = fenômeno de velocidade.**

Através da qual a previsão do acidente renova-se de maneira instantânea. Com efeito *se ducere* é distanciar-se de si próprio, e isso provoca a falta de controle sobre si próprio e traz o medo, a insegurança.

– **Falta de Adão.**

É chamada de "queda": pecado original e peso da gravidade.

Através da familiaridade dessas expressões não poderia isso significar que os Antigos estabeleciam assim uma ligação entre o pecado original com o peso terrestre (peso da gravidade) que eles mesmo utilizariam como motor natural da aceleração livre dos corpos, ou seja, da sua projeção, mas também da sua colisão?

– **Filmes eróticos por filmes de terror: substituição.**

O medo teria, de acordo com um cineasta, substituído o sexo – eis uma grande modificação da sensibilidade das massas.

– **Lei do movimento.**

Tem no filme de terror sua realização mais perfeita.

– **Substituição do prazer solitário pelo motor cinematográfico.**

Esta substituição procurada pelo espectador através do motor cinematográfico anuncia um atalho que é comparável àquele do discurso da ficção científica em relação ao relato bíblico.

– **Atalho.**

É o desaparecimento dos intermediários humanos. **Desaparecimento dos intermediários humanos** juntamente com o surgimento de uma sexualidade em relação

direta com o objeto técnico, uma vez que este último possa ser motor, vetor de movimento.

p.91

- **Escalada tecnológica** versus movimento do universo.

A primeira depende dessa busca e da utilização de velocidades substitutivas. Aliás *pode-se ver na evolução do veículo técnico uma continuação da representação do acasalamento/parceria/parelha [attelage] sexual.*

- **Veículo técnico e acasalamento/parceria sexual:** continuidade representacional.

Pode-se ver na evolução do veículo técnico um seguimento de representações do acasalamento sexual.

- **Semelhanças entre o veículo e a viagem comum da cópula.**

Descrição das semelhanças entre interior dos automóveis e o quarto nupcial.

- **Terror.**

É o cumprimento da lei do movimento.

- **O jogo transsexual.**

Renova a atração do horizonte, o convite à viagem.

- **Adorno [parure].**

É portador de angústia. Faz comentários de como atrair o olhar para alguma coisa é captá-lo e, portanto, desviar a atenção, seria uma ilusão de ótica num mundo percebido inteiramente como ilusório.

- **auto-stop e o cortejamento: crise das dimensões.**

Procura as diferenças entre o antigo rapto nupcial e a prática do auto-stop. Através da prática do auto-stop incidiríamos numa *crise das dimensões*. *Agora é o vetor-automóvel que se torna o resumo do universo e não mais a mulher amada.*

p.92

- **Velocidade de deslocamento.**

É agora ubiqüidade.

[T] Eis a **crise das dimensões**. A mulher amada não é mais prolongação do universo mas agora está reduzida, **confinada à imediatez da ubiqüidade**, *até que o terror, crime ou estupro, venham para executar a lei do movimento.*

Essa velocidade do deslocamento perverteu o **rapto da bela** (rapto nupcial) e tornou-o **meio de desaparecimento e extermínio**.

(Comentário: Uma vez mais Virilio procura mostrar como a velocidade, saindo do espaço e vindo habitar o tempo – ou seja, saindo das três dimensões do espaço e vin-

do habitar a quarta dimensão, a do espaço/tempo – leva o homem ao desaparecimento e ao extermínio. O rapto assemelhava-se bem mais ao ritmo humano e, dizendo respeito ao homem/mulher e corpo territorial, podia ainda dizer-se, era o dominante simbólico das paradas que o homem infringia à amada, ao território. A ubi-
quidade tira-lhe a posse, o domínio dessa espécie de sobrevôo do território).

*

p.92

– **Educação das jovens.**

Reforçavam a mecânica do corpo-vetor da mulher/da sua falta de inteligência e gênio próprio.

Antigamente a educação, através das severas disciplinas, ao insistir que as meninas continuassem a ser criadoras de artefatos, faziam referência constante à *mecânica maravilhosa ao corpo-vetor da mulher, mas, ao mesmo tempo, à sua falta de inteligência e de gênio próprio.*

– **Diferença entre o liberal e o mecânico.**

O último sempre esteve ligado à motricidade, diz respeito ao mecânico e pode pois ser executado pelos ignorantes e pelos animais.

– **Educação das jovens.**

O adorno, a polidez e a dança serviam para essa camuflagens da identidade fisiológica da natureza e de suas debilidades.

As meninas educadas numa ignorância e numa indiferença sexual (ingenuidade e candura) eram aquelas que davam maior chance para que essa camuflagem fosse feita. Elas tornavam-se, assim, capazes de executar de uma maneira regular, e sem grandes engenhosidades, as manobras destinadas a subjugar seu meio, bem como seu companheiro. Essa a única proteção eficaz contra uma sociedade de homens que condenava as jovens com dote a um casamento precoce, e, as outras jovens a trabalhos secundários como o convento, a prostituição ou a algo similar.

p.93

– **Código civil do séc. XIX e XX.**

Foi elaborado por um homossexual.

O duque Jean Jacques de Cambacérès era fruto dessa sociedade que se militarizava e, efetivamente, tomou parte na elaboração do código civil. Era jurista e homem de Estado, nasceu em Montpellier (1753-1824). Foi segundo Cônsul e chanceler do Im-

pério. Nessa sociedade era ressaltado o valor do ornamento do par guerreiro, a parceria do duelo homossexual que vive ao ritmo das distâncias marcadas pelas conquistas.

– **Hetero-sexualidade do código napoleônico.**

A respeito desse código o Duque de Parma dizia que oferecia um aspecto da formalidade obrigatória mas sinistra: a de um dever conjugal que assegura a procriação necessária para a sobrevivência do novo estado/exército, ou seja, um remédio último e não a legitimação de uma preferência pelo outro sexo. Referindo-se ao latino Napoleão, dizia que ele praticava o culto à mãe, mas a uma mãe do tipo Jocasta, terrorífica, que havia inventado a discriminação, a superioridade do filho em relação às mulheres.

– **Desprezo pela hetero-sexualidade e dissimulação da corporeidade.**

Tanto esse desprezo quanto a dissimulação da corporeidade seriam, afinal, a expressão da *repulsa que o homem guerreiro sente por uma companheira logística desvalorizada*. Daí em diante, quanto menos pareça uma mulher, mais oportunidades ela terá chances de agradar porque, como diz o lema *os combatentes pertencem a um só e único sexo*.

– **Artifício homossexual como meio de sedução e liberação sexual.**

Tanto Marlene Dietrich quanto Georges Sand teriam sido ambas engendradas por sociedades e famílias guerreiras, e usaram desse artifício como meio de sedução. Ao adotar nomes, manias e costumes masculinos elas se revalorizam. G. Sand gostava de dizer que nenhum homem lhe dava tanto prazer quanto ela própria a si mesma. A mulher artista é uma viajante, uma errática e seu modelo era o da casta Consuelo, disfarçando-se em rapaz e abolindo a diferença dos sexos devido ao seu desprezo pelos amores mortais.

p.94

– **Romances água de rosa.**

Também esses romances param na núpcias, não por pudor mas sim porque *a façanha técnica da jovem termina aí: ela conduziu o esposo ao afastamento (se-ducere), e o rito de passagem do hymen não é mais assunto dele...* E ela, seguidamente, demonstrará no leito conjugal o ódio frio e definitivo por seu cônjuge desajeitado.

– **Performance motriz do cisne-branco e o transvestir.**

Essa performance da jovem ingênua e cândida assemelha-se muito à do travesti (Virilio acredita que antes falava-se com mais propriedade dessa palavra, o que traduz, aliás, muito bem a palavra de *travel* (inglês) ou *travêlo* (francês).

Essa performance traduz e anuncia bem a reivindicação de movimento das mulheres do Movimento de liberação feminina, ao dizer: nós não somos objetos sexuais!

- MLF: **mulheres em movimento**: não somos objetos sexuais.

A performance motriz da mulher cisne branco já anunciaria a reivindicação da mulher em movimento do MFL.

*

p.94

- Aragão diz: *a mulher é o futuro do homem*/ M.L.F.: *o homem é o passado da mulher*.

Ambas siglas procuram afastar os parceiros um do outro instalando-os num tempo diferido na navegação da espécies.

- Usos amorosos/Manifestações após e antes das guerras.

Os usos amorosos desse tipo, ou seja, de emancipação, acontecem depois das guerras, depois desse tipo de conflito que mata tantos homens. Ao contrário disso, o uso amorosos do romantismo e do sentimentalismo dão-se antes ou durante as revoluções e guerras.

p.95

- **Mobilização militar.**

Substitui o transporte amoroso.

[T] A primeira é, primordialmente, **um convite à viagem**. O objetivo é o ritmo das distâncias.e o universo guerreiro colocará imediatamente o homem no passado da mulher.

- **Seduzir.**

É uma necessidade trágica.

[T] Essa **sedução** funciona como uma **inflação exorbitante da lei do movimento e das capacidades vetoriais do corpo**. Ela aparece no contexto de uma aceleração do desaparecimento irresistível do companheiro (ou companheiros) no espaço e no tempo.

- **Movimento**: inflação da sua lei e das capacidades vetoriais do corpo.

A aceleração é o resultado contundente da inflação dessa lei do movimento propiciado pela sedução (levar para o lado, afastar, conduzir ao nada).

- **Atividade sedutora e fatalidade técnica**: interferência.

[T] A atividade sedutora *interfere na fatalidade técnica* e, mais especificamente, na técnica da guerra. Na guerra – como na lei geral do mundo – parar é morrer!

– **Arte da guerra.**

Deve estar sempre em transformação. A arte da guerra não escapa à lei geral do mundo: parar, estacionar é morrer.

p.96

– **Técnicas de guerra e técnicas de amor:** equiparações.

– Liszt: *muitas mulheres se amaram em mim.*

Existem duas noções embutidas nesta frase:

a) a redução da velocidade de conquista; b) a invisibilidade recíproca [talvez essa invisibilidade entre o homem e a mulher seja causada pela própria velocidade que não permite uma interação efetiva entre ambos. O texto parece corroborar esta idéia quando diz que a união do fazer amor, a troca imediata das pessoas não consegue abolir a inacessibilidade gerada pela separação da distância e do distanciamento].

– **Anulação do companheiro** sem abandoná-lo um segundo.

Para ilustrar essa *invisibilidade recíproca* entre os parceiros dá o exemplo de cônjuges idosos que se fazem invisíveis um ao outro através da *repetição de um número limitado de signos, cheiros, movimentos e manias comuns* que se efetivam, dia após dia, e que já são sabidas e esperadas por ambos (isso é, para Virilio, o que se chamaria, abusivamente, de intimidade).

– **Anamorfose cinemática:** atenuação da percepção.

Com o passar do tempo e com o envelhecimento muda o ângulo de visão temporal e o idoso é capaz de falar detalhadamente de um acontecimento acontecido há 40 anos como se tratasse do próprio dia mas esquece o que aconteceu no momento imediato. Efetiva-se uma espécie de **resumo do relato** justamente na medida em que o tempo do relato parece incompatível com a visão propriamente dita e que, para isso, seria necessário fazer intervir – paradoxalmente – um des/ajuste da visão, um processo de câmera lenta.

p.97

– **Resumo do relato/ desajuste da visão.**

Incompatibilidade entre o relato (discurso) e a visão (cinemática) real leva a um resumo que, numa espécie de câmera lenta, procura adequar discurso e ação.

– **Que tudo volte ao seu lugar/ ou/ não suportar o que se vai para sempre.**

Através do exemplo do desejo do velho e da criança de que tudo volte a ser como antes, o autor procura mostrar como nos parece *insuportável aquilo que desapareceu para sempre.*

– *Era uma Vez.*

Recoloca tudo no lugar de **antes**: espécie de anestesia pela repetição de atitudes banalizadas.

[Parece-nos achar aqui um bom exemplo da necessidade do relato dentro da cotidianidade da discursividade. J.F. Lyotard na sua obra, *La Condition PostModerne*, já há-via colocado a importância dessa narratividade que forma o laço social. A semelhança e a contigüidade do discurso narrativo têm aqui comprovadas, uma vez mais, sua importância].

p.98

– Anestesia provocada pela **repetição de atitudes banalizadas**: um tipo de espião.

Esta atitude poderá ser explicada pela existência de um tipo de espião chamado **dorminhoco** que, para não levantar suspeitas no meio em que vive, e, conseqüentemente, do inimigo, deve levar uma vida absolutamente banal. Ele deve ser como um afaníptero, ou seja, um inseto de metamorfose complexa e que serve ao nosso autor para insistir nas noções de fantasia e de ilusão.

*

p.99

– **Heterossexualidade**: zoofilia, variante da homossexualidade.

Antes da renovação da atração veicular da cópula que se efetiva pelo objeto técnico, tinha-se a zoofilia como uma variante da heterossexualidade. Exemplos: o cavalo, considerado como um deus pelo polemarca (chefe do exército de algumas cidades gregas. Do grego, *polemos*, guerra e *arkhos*, comandante); imagens híbridas de animais: os touros são alados, as esfinges têm corpo de leão e cabeça humana (aparecendo, mais tarde, aladas e feminilizadas).

– **Atração veicular da cópula.**

É renovada pelo objeto técnico.

– **Homem-passageiro da mulher.**

Diz Virílio, não somente quando do seu nascimento mas também quando das suas relações sexuais. Poder-se-ia dizer que a mulher é o meio que encontrou o homem para se reproduzir, ou seja, para vir ao mundo.

- Tebas: Esfinge propõe a Édipo pergunta sobre o veículo metabólico: **enigma do movimento**.

A esfinge possui um saber oculto e interroga os viajantes que passam pela cidade. Sua pergunta é a respeito do **estranho ser que se move através do tempo**. Mas, na verdade, diz Virilio, o que se questiona aí são as **diversas técnicas utilizadas pelo ser humano e que serviram para diferenciá-lo em relação aos demais animais**. As más respostas a este enigma do movimento são punidas pela esfinge.

p.100

- **Zoofilia** e seus híbridos.

Prefiguram a **tecnofilia** e suas misturas.

- **Ford**: sinergia entre técnicas de produção e corporeidade.

O projeto social de Ford anunciava essa **sinergia** entre o trabalhador/consumidor: todos unidos na e por uma velocidade indivisível.

- Liszt: designava uma rivalidade entre o **metabolismo e a técnica**.

Na frase de Liszt o *movimento das paixões românticas* – através do aumento da energia e da aceleração do transporte amoroso – mostra bem mais uma rivalidade do que uma oposição ou uma aliança *entre o metabólico e o técnico*. A frase mostra uma valorização absoluta dos ritos de passagem e sua frequência, em detrimento do corpo em si e de sua presença ao mundo.

- **Homem fatal** (guerreiro) versus **mulher fatal**.

Vindo após o homem guerreiro ou opondo-se a ele, a mulher fatal é raramente uma bela mulher, mas tem algo a mais: é um ser superior que dá medo. O corpo, ou seja, a *identidade fisiológica desaparece frente à magnificências dos adornos ou do vivo resplendor das armas de sedução*.

p.101

- **Aceleração do rito de passagem** (*se-ducere*).

Implica numa eco-sexualidade, ou seja, esse rito de passagem denota **uma vastidão territorial** visto que o *seducere* não podia mais ficar reduzido a um comércio sexual, assim como a atividade do polemarca, do conquistador, não podia reduzir-se a um comércio humano, como já havia sugerido Clausewitz.

- **O rito de passagem original**.

É produzido por assaltos perpétuos contra a distância.

Ou seja, esses assaltos procuram fazer **um resumo do universo** que se realiza através da *velocidade do assalto, do ataque*: aí se situa o *vencer é avançar*, de Alexandre.

p.102

- *Se se perde a Guerra que a Nação morra*: apogeu da **atividade sedutora** do movimento. Frases como esta mostram o apogeu delirante da **atividade sedutora movendo-se num mundo de fatalidade absoluta onde já nada tem sentido, nem o bem, nem o mal, nem o tempo, nem o espaço, e no qual aquilo que os outros homens chamam de êxito não pode servir como critério.**
- **MLF: curai-nos do amor.**
Procedem na direção deste *delírio da atividade sedutora das viúvas da guerra*. Elas matam o esposo, o pai, a criança: temas, aliás, que conseguiram a unanimidade no centro de muitas lutas reivindicatórias. *O aborto, por exemplo, teve uma grande força de superação simbólica já que se refere diretamente ao crime realizado como subproduto do amor.*

*

p.103

- **Megera domada.**
O guerreiro se reconhece como passado de sua mulher. Isso acontece na peça de Shakespeare quando o militar sugere que a esposa pode ficar com seu criado de armas para cuidar de seus vestidos. Com efeito, o início das **guerras tecnológicas** tornaram inúteis todos seus adornos destinados ao cortejo do duelo homossexual, não havendo mais utilidade para o *page of arms*.
- **Códigos de indumentárias** séc. XVII.
Obriga-se o guerreiro a **abandonar a beleza**. Na França surgem estritos códigos de indumentária que obrigam os homens a abandonar o direito à beleza, mas, ao mesmo tempo, mesmo com a resistência da aristocracia, o **uniforme faz-se obrigatório**.
- Evolução do **equipamento militar** vincula-se:
 - a) aos meios de destruição; b) ao desenvolvimento do armamento; c) ao novo estilo das manobras
- **Companhia militar.**
Deixará de ser a companhia de teatro da nobreza. Caem, por assim dizer, os papéis principais das figuras que dominavam a **cena**, mesmo se alguns desses oficiais usem uniformes de passeio. O combate, aos poucos, tirará essas figuras de cena e os enviará definitivamente embora.

p.104

- Do **uniforme** passa-se à invisibilidade.

Durante a guerra de 1914, renuncia-se às cores vistosas dos uniformes. A preocupação é bem menor na direção de uma identificação, através do uniforme, e bem mais de uma desintegração dessa identidade. Surge a cor *khâki* (que significa cor de pó, em indústão) para os uniformes.

- **Uniformidade da vestimenta militar.**

É paralela ao desaparecimento dos corpos na uni-direcionalidade da velocidade.

- Abandono do **direito à beleza**

Anuncia a entrada numa nova ordem de ilusão.

[T] **O domínio estratégico estende-se ao ritmo dos diferentes desaparecimentos:** nada mais escapa à **planificação da destruição:** veículos, tropas, cidades expostas aos bombardeios, continentes inteiros.

- **Ornamento desaparece** dos objetos cotidianos.

Adolf Loos escreve (*Ornement et crime*): à medida que a cultura se desenvolve, o ornamento desaparece dos objetos cotidianos. E ele fica contente que nossa época não seja mais capaz de inventar uma nova ornamentação, pois que, ao fabricar ornamentos, a sociedade poria dinheiro fora, etc.

p.105

- Mulher também abandona o **direito à beleza**.

No início do século XX ela, aos poucos, também, abandona o direito à beleza e abandona seu famoso espartilho [*corset*] quando a corrida ao armamento torna-se fenómeno de sociedade.

- **Liberção da beleza da mulher.**

Libera a sedução da Técnica.

[T] *Armar-se para a corrida e a corrida do armamento tornam-se [então] os fenômenos da sociedade.* A mulher estará presente no recorde esportivo e também para ela o **espartilho-armadura** passa a ser a cabine do avião ou o do automóvel.

- Quebra-se, rompe-se **o jugo e o artefato feminino.**

Este último será tão somente usado para a *valorização do veículo*, seja nos concursos de elegância, na metáfora publicitária ou na propaganda política ou militar.

p.106

– **Mulher.**

Transforma-se em ornamento das culturas antigas ou exóticas.

Ornamento que o homem moderno usa ou descarta, a seu bel prazer, mesmo porque ele não inventa outros novos ou, como diz *Loos*, *reserva e concentra sua faculdade de invenção para outros objetos*.

– **Mulher.**

Desaparece na 'fatalidade' do objeto técnico.

[T] Esse **desaparecimento** cria uma **nova linguagem de massa**. Linguagem que é o reflexo de uma nova linguagem fascista da velha elite futurista do início do século.

– **Marinetti/ Elite fascista.**

Virilio reporta, do seu manifesto de 1910, o seguinte: *o calor de um pedaço de ferro ou de madeira é, agora, mais apaixonante para nós que o sorriso ou lágrimas de uma mulher... nós transformaremos numa alegria intensa o nevermore (nunca mais) de E. Allan Poe... conosco começa o reino do homem com as raízes cortadas, o homem multiplicado que se mistura ao ferro, se alimenta de eletricidade... E isto para dizer-vos como nós desprezamos a propaganda que defende a estética da paisagem... os grandes simbolistas debruçados sobre o corpo nu da mulher, mulher-beleza, ideal e fatal*.

– **Donjuanismo tecnológico.**

Este donjuanismo é exemplificado na frase de um piloto que se queixa de não poder raptar um F15. Virilio diz que este rapto repete o rapto das esposas logísticas. A relação estabelece-se agora entre um unisexo, numa dissimulação definitiva das identidades fisiológicas, e um vetor técnico.

– **A trilogia homem-mulher-corpo territorial, modifica-se.**

[T] Esta trilogia inicial modifica-se por completo.

Numa dissimulação total das identidades fisiológicas os contatos com o corpo da bem-amada e o corpo territorial desaparecem, à medida em que aumenta a dinâmica da passagem. Esta dinâmica aumenta de velocidade e é polarizada pela relação entre o unisexo e o vetor técnico.

p.107

– **Apropriação do conjunto dos ritos de passagem** pela produção da massa.

[T] Eis um fenômeno muito importante para Virilio pois ele demonstra que a **civilização tecnológica dedicou-se a instalar no deslocamento a fixidez da vida**.

- **A tecnologia faz do rito de passagem um fenômeno contínuo.**

[T] A sigla do Nautilus que dizia *Mobilis in mobili*, ou seja, o móvel no móvel vem antes daquela que diz *vocês não têm velocidade, vocês são velocidade, mostrando na busca do progresso algo que não seria descontínuo, ou seja, uma abolição total das diferenças.*

- Distinção entre **natureza e cultura** e *entre utopia e realidade*, apaga-se na busca do progresso.

- **A tecnologia.**

Se ela faz do rito de passagem um fenômeno contínuo, a desregulagem do sentido é um estado permanente, a vida consciente torna-se uma viagem pendular que só tem como pólos absolutos o nascimento e a morte e será, diz Virilio, o fim das religiões e das filosofias. **A ciência terá fabricado uma nova sociedade.**

- **A ciência.**

Fabrica uma nova sociedade através dessa desregulagem do sentido.

- **Sociedade dos que dormem:** paz total e dissuasão nuclear em coabitação

- **Princípio de dissuasão nuclear.**

É um princípio da ação mínima

Esta dissuasão terá se desenvolvido, ela própria, de acordo com o princípio da ação mínima, ou seja, de acordo a uma curva de repartição ótima dos esforços das forças, curva que garante o equilíbrio e acredita evitar o **acidente.**

- **Rito de passagem.**

Faz-se numa última operação comparável ao do *gênesis* pela sua fatalidade definitiva.

p.108

- Spengler e a **predição para o início do século XX.**

Dizia da *volta da ciência na direção de sua pátria psíquica e as ruínas flamantes da civilização faustiana: seus restos espalhados aqui e ali, esquecidas as vias férreas, os grandes transatlânticos, tão fósseis quanto as vias romanas ou as muralhas da China...* Para Virilio ao dizer isto Spengler não pensou que todas essas ruínas passadas ou presentes eram **larvas de velocidade**, eram esboços abandonados de um único e irresistível **projeto ou projeção do Ocidente em direção de um além técnico.**

- **Além técnico:** mistério iguala-se ao da religião...

Este além técnico, é, na verdade, tão misterioso quanto o além das antigas religiões – que afrontavam, com a ajuda de seus efeitos especiais, as grandes instâncias naturais.

- *Quando funciona já está obsoleto: eis o paradoxo do Ocidente.*

Para Virilio, esta frase do Lord Mountbatten ilustra bem como se comportava a rivalidade da competência entre as diferentes máquinas de guerra na Segunda Guerra. Ao funcionar uma máquina já perdia sua eficácia, visto que deixara de ser surpresa para o adversário, ou seja, perderá *sua qualidade essencial de acidente: eis um dos paradoxos do Ocidente.*

p.109

- **Guerra.**

É o melhor modelo para a máquina. Ao ser posta no mundo a máquina ela anda e, no entanto, no instante em que ela anda ela não participa mais daquilo que vem, ela está ultrapassada: daí a necessidade do **recorde de velocidade.**

- **Recorde de velocidade.**

Aproximará a máquina técnica e imaginário sem fim.

Isso na medida em que ninguém conhece os limites das altas velocidades.

- **Redescobrir o mistério da máquina técnica.**

[T] Isso tenderá a acontecer, para Virilio, se a apreendermos não tanto como um objeto de consumo desejável ou indesejável, mas sim como **fazendo parte de uma estranha teoria de acompanhamento processual, fora da história, vagamente [à peine] geográfica, um jogo de representações do eu próximo ao falso dia onírico...** Ou, como dizia Marinetti *essa alegria delirante da velocidade que vai além do infinito dos sonhos...*

- **Relatos de experiências com carros/velocidade.**

p.110

- **Máquina substituí a bem-amada, a mãe-paisagem habitada pelo espírito da metamorfose.**

- **Fatalidade técnica.**

é mais cegante que seus esboços antropomórficos, (relativo ao # anterior), e isso graças à **velocidade que ela confere às nossas aspirações.**

p.111

- **Máquina veloz e surpresa do acidente/técnico = vítima do movimento produzido.**

O que se vende com a máquina veloz não são mais os azares da viagem mas sim a surpresa do acidente. Aí o técnico torna-se uma vítima do movimento. O físico Pignon diz: *os peritos sabem que eles são incapazes de seguir, com o computador, aquilo que*

realmente se passa quando um reator atômico se desregula... num caso de acidente eles ficam como cegos, dando voltas em círculos enquanto procuram tomar uma decisão.

p.112

- Capitão Hatteras (herói de Jules Verne): vítima de uma **triste paixão**.

Sofre de **loucura polar** pois que ele se faz um com o rito de passagem em direção ao *septentrion*.

*

IV Parte

p.113

– **Câmera lenta.**

Transforma o choque mais violento numa carícia.

p.114

– **Casal da tecnofilia e da velocidade.**

Quando se chocam são como duas carícias que produzem uma comoção mortal.

– **Mistério do movimento.**

O motor cinemático nos acostuma a ele.

Esse costume faz com que não nos interesse mais saber de que modo a **aceleração do gesto amoroso pode transformá-lo em assassino.**

– **Violência banalizada do movimento: inconsistência.**

[T] Revelada pela trucagem da visão, mostra sua **inconsistência: essa violência da velocidade domina o mundo da técnica mas continua sendo o principal enigma.**

– **Violência da velocidade.**

Causa estranheza sobrenatural.

Essa rapidez perverte ostensivamente a ordem ilusória da percepção ordinária, ou seja, a ordem de chegada da nossa informação.

p.115

– **Na velocidade.**

Efetiva-se a perversão da percepção ordinária.

Aquilo que podia parecer simultâneo se diversifica e se decompõe. Com a velocidade o mundo já não pára mais de chegar em detrimento do objeto, este próprio assimilado – a partir desse momento – com a partida da informação. Ou seja, embora o mundo chegue antes do próprio objeto ele perde essa primazia para o este último, que é identificado como aquele à partir do qual parte, emana a informação. Ainda em outras palavras, não parece ser mais o mundo a fonte da informação mas o próprio objeto.

– **O objeto chega primeiro e não o mundo.**

[Comentário: com esta banalização da velocidade, este fenômeno se efetiva tendo esta banalização como base de uma série de *parti-pris*. Não nos preparamos mais

para o mundo e sim para os objetos técnicos que nada mais são que uma sub-divisão escolhida por um modelo de mundo pré-fabricado pela mentalidade militarizada].

– **A violência do acidente.**

É produzida, sem cessar pela técnica.

As técnicas racionais nos afastam do que acreditamos ser o mundo objetivo.

– **Picnolepsia.**

[T] A velocidade reproduz e agrava os efeitos da picnolepsia na medida em que ela produz a retirada perpetuamente repetida do sujeito para fora de seu contexto espaço-temporal.

– **Divulgação da velocidade e não divulgação do próximo e do distante.**

Certos homens reconheceram, desde o início da revolução dos transportes, que o que se perseguia através desse desejo de movimento, de peregrinação ou de viagem, era a *divulgação da velocidade* e não a divulgação do próximo e do distante.

– **Alguns se opõe a essa idéia: Bierbaum.**

Bierbaum, em 1903 diz que a velocidade não era um fim. Ele procurava encontrar uma velocidade humanista pois que, na falta dela, entraríamos num barco de loucos. Para ele a velocidade deveria estar a serviço de uma cultura individual que se proporia ajudar a coletiva.

p.116

– **De que cultura se trata aqui?.**

Virilio se pergunta se essa cultura teria algo a ver com os prazeres buscados por d'Annunzio [Gabriele, escritor italiano, 1863-1938. Foi um dos mais ardentes defensores da intervenção italiana durante a Primeira Guerra Mundial], ou Georg Müller que diziam que a *velocidade veicular permitia não pensar em nada, não sentir nada, de alcançar a indiferença?* Para Virilio esta religiosidade da rapidez é, literalmente, o fim da cultura burguesa, a reação contra o exotismo e o lirismo da viagem, e, como diz Pichois: *esse além do barroco na moda desde o século XVIII e no início do século XIX, com as primeiras vias férreas.*

– **Religiosidade da celeridade.**

Surge no fim da cultura burguesa.

– **Busca de velocidade.**

Mescla-se a jogos destruidores da guerra, da caça, ambos fomentadores de elites, desde o princípio. Graças à velocidade, as guerras de duros trabalhos nas quais as elites se encontravam ao serviço do sistema de armas vão se transformar num ins-

trumento mais cômodo, e mesmo num ócio (Vauban), e os engenheiros influenciaram decididamente nessa direção.

– Exploração de **altas velocidades**.

Associa risco e conforto.

Os ricos iniciam a ter no deslocamento uma nova maneira de vida. O viajante, habitante dos meios de transporte velozes termina por negar as dimensões terrestres.

p.117

– **Deslocamento/viagem**: nova maneira de vida para os ricos.

– **Endosmose do ser vivo**.

É buscada pela aceleração técnica.

Endosmose (do grego *endon* = *dedans*, e *osmos* = *poussée*). [A endosmose é uma corrente de fora para dentro. É um fenômeno de difusão entre dois líquidos que se misturam em diferentes níveis de concentração, separados por membranas permeáveis ou semi-permeáveis. Com as membranas permeáveis instaura-se uma difusão dupla: endosmose e exosmose. A primeira efetiva a difusão do corpo dissolvido da solução mais concentrada na direção da solução mais diluída. *Encyclopédie des Sciences*, Paris, Librairie Générale Française, 1988, p.991].

– Se **tudo é movimento**, tudo é, ao mesmo tempo, acidente.

Se assim é, nossa existência de veículo metabólico poderia resumir-se numa série de colisões, traumatismos, que podem tomar os aspectos, segundo o impulso que se lhes dê, de carícias lentas e perceptíveis ou de choques mortais. Importante é destacar que tanto num ou no outro aspecto, trata-se de imprimir nesse veículo metabólico: a maneira diferente de ser.

– **Velocidade**.

É causa de morte e fonte de invenção.

Nesse contexto o homem teria a responsabilidade desse aspecto mortal, como também estaria enquadrado no aspecto em que a velocidade faz dele um criador e inventor.

– **A estética dos engenhos de guerra** e seu enigma: o caminho.

[T] Desde jovem Virilio pergunta-se, tanto pela **estética dos engenhos de guerra** quanto, pelo enigma colocado por eles. Seu questionamento bifurca-se em duas orientações centrais. 1) na primeira ele questiona qual seria a origem dessa espécie de invisibilidade plástica de um refúgio militar, por exemplo, de um *Bunker* ou da silhueta de um submarino parado ao largo da costa. Nessa fase o autor fazia referência ao zoo-

morfismo e ao *metamorfismo* através dos quais estabelecia um processo comparativo e imitativo das diferentes formas a serem analisadas, 2) através da segunda, ele dá-se conta que esse processo comparativo e imitativo não é suficiente, e estende o questionamento a respeito dessas formas, relacionando-as aos diversos impactos sofridos pelas diferentes velocidades e, conseqüentemente, pelas diferentes representações do Universo daí advindas, destinadas a povoar tempos diferentes.

p.118

– **Velocidades distintas**, diferentes representações do universo, povoamentos em tempos diferentes.

– **A produção abusiva de movimento** implicada pela guerra muda a aparência.

– **O Motor.**

Liga-se ao estado de vigília paradoxal e, como tal, vai substituir a idéia causal, efetivando uma **revolução**: o motor vem agora da alma.

– **O Paradoxo da velocidade.**

Já instigava o século XIX.

Tolstoi, Morand comentam sua perplexidade a esse respeito.

– **O nosso futuro técnico.**

Já era imitado por Hughes.

[T] E fê-lo na medida em que 1) abandonou a velocidade veicular dos corpos em favor dessa velocidade impressionante que provém dos vetores de luz, 2) confinou os corpos, não mais na célula cinética da viagem, mas numa célula fora do tempo, ou seja, num terminal eletrônico. A esse terminal delegaríamos a organização do nosso ritmo vital o mais íntimo, sem que fosse necessário nos deslocar.

p.119

– **A visão da luz em movimento na tela.**

Substitui a busca de todo movimento pessoal, fazendo com que desapareça a consciência enquanto percepção direta dos fenômenos que dizem respeito à nossa própria existência.

– **O instante.**

A realidade do tempo modifica-se.

Se a tecnologia afirma, na sua meditação sobre o tempo, que só existe nele a realidade do instante, o desejo de que existam possíveis conteúdos nas diversas aplica-

ções das ciências exata, acaba por levar a uma nova atrofia do instante, na medida em que o mesmo comporta, essencialmente, um antes e um depois...

– **Introdução do sujeito na hierarquia das velocidades.**

Essa entrada do sujeito numa hierarquia de velocidades superiores e inferiores, desestabiliza o instante, faz desaparecer os pontos de apoio, e como fenômeno contingente, a diversificação das velocidades, vai abolir igualmente a sensação da duração geral do movimento contínuo.

p.120

– **O cinema.**

Não é a sétima arte mas aquela que utiliza todas as outras.

Nesse sentido o cinema é o resultado de um amálgama das filosofias e das artes dominantes, numa espécie de confusão primeira entre a alma humana e as linguagens da alma-motor.

– **A alma humana e a alma-motor.**

Virilio procura estabelecer, através do desenvolvimento das artes na história, a decomposição das linguagens que se estabelece entre essas duas almas. Num concerto, por exemplo, o desenvolvimento extraordinário da atenção auditiva, aniquila todo outro tipo de movimento corporal.

– **Relação entre o instrumento musical e a velocidade própria do ouvinte.**

Essa é a relação fundamental que se estabelece entre o instrumento de música (o motor) e aquilo que Virilio chama *a velocidade própria ao maná (o dom) de cada ouvinte*. Com efeito, sem os elementos motores, a percepção não se realiza.

– **Os elementos motores do sujeito.**

São indispensáveis à realização da percepção.

p.121

– **Fim de concertos.**

A violência liberadora dos aplausos, movimentos, expressões físicas dos auditores demonstram a retomada de um corpo que havia, por assim dizer, ficado congelado durante a audição.

– **A cultura técnica aperfeiçoa a apropriação dos elementos motores.**

E isso na medida em que ela aumenta, sem cessar, nossa dependência em relação aos sistemas que regulam o sentido da apropriação (contadores de velocidade, painéis de controle, tele-orientação...).

– **Cultura técnica.**

É criadora de itinerários: vazios e desertos.

Com efeito, esses itinerários criados por ela são o vazio e o deserto na medida em que só o nada é contínuo e, portanto, condutor.

p.122

– **A terra** (o efeito do solo).

É o parceiro do recordista absoluto.

O recorde de velocidade é proveniente, tanto da busca de novas misturas técnicas, quanto das superfícies planas, decapadas.

– **O elemento ar.**

Só é solicitado na medida em que ele recoloca em causa a experiência do descontínuo. É como se o tempo e o espaço só nos parecessem infinitos quando não existem.

– **A imediatez do transporte terrestre** e sua exaltação dinâmica.

Ao modificar a relação ao espaço essa imediatez anula a relação ao tempo vivido e é exatamente nesta urgência que reside a exaltação dinâmica.

p.123

– **A inércia do instante.**

É criada pelo extremo móvel: paradoxo. O instante seria, de certa forma, a percepção ilusória de uma estabilidade, estabilidade que é claramente revelada através da prótese técnica. No exemplo de Einstein do trem que passam um pelo outro, a sensação do instante é dada justamente pela coincidência (*epiteikos*), ou seja, pelo momento onde os dois trens parecem imóveis para os viajantes quando, na verdade, eles se encontram numa velocidade desenfreada, um ao lado do outro.

– **Bachelard: a noção de tempo.**

Ancora-se à realidade do instante.

A noção de um tempo que, para ele, teria tão somente a realidade do instante, não poderia estabelecer-se a não ser baseada na inconsciência, e na qual permaneceríamos graças à nossa própria velocidade, num mundo dedicado inteiramente à lei do movimento e, nessa medida, criador da ilusão da inércia.

p.123

– **Intuições do tempo.**

Suas diferenças são criadas pela posição no espaço do conhecimento arrazoado.

– **Mobilidade da trajetória sinótica:** modificação do ponto de vista.

No conto de Poe é ela que, ao modificar o ponto de vista do sujeito vai permitir a descoberta daquilo que, de uma certa forma, estava ao alcance do seu olhar.

A fascinação pelo escaravelho brilhante, iniciático, é que ela serve como ponto de perspectiva do horizonte da velocidade e *reduz a nada o resto do mundo* (abandona-se o trajeto e dedicamo-nos ao final do percurso).

p.124

– **Técnica:** abandono do projeto e a dedicação ao final do percurso.

Eis o que efetiva a técnica ao procurar *converter essa modificação do ponto de vista num objetivo supremo que se esforça por conseguir*. E será essa, na verdade, a façanha conseguida pelo motor.

– **O motor**

Leva-nos a um movimento inédito: em direção àquilo que se esconde.

a) tanto da vista b) quanto do entendimento

Levaria a essa espécie de *tesouro* para cada um de nós, como uma espécie de relato das coisas não vistas que remete ao espaço e ao tempo, a essas entidades metafísicas desprovidas de toda realidade e das quais falava Gastineau no século XIX.

– **Amálgama entre conquista da velocidade e busca ao tesouro.**

Repete-se na história.

Esta mescla se efetiva no desejo, por exemplo de um Campbell (recordista atual), mas se repete nas grandes épocas dos relatos utópicos que são, ao mesmo tempo, aquelas das grandes expedições a terras distantes – desde a conquista do Carneiro de Ouro no Renascimento até o Romantismo guerreiro do século XIX.

– **Anulação do tempo e do espaço:** finalidade suprema da técnica.

Resulta daí a busca da **reconciliação entre o nada e a realidade**, evidenciada no desenvolvimento das grandes velocidades.

– **Grandes velocidades.**

Seu desenvolvimento substitui-se ao anterior exotismo das viagens que é agora praticado na vastidão do vazio.

– **Aerodinamismo e velocidade.**

Mais tarde também apontarão para essa aliança os adeptos da aerodinâmica e aqueles dos recordes de velocidade terrestre, ao considerar como primordial *a reação do meio à forma do objeto em movimento e vice-versa*.

– **Objetivo: criar um tempo de cabo a rabo.**

Criá-lo assim para que ele possa ser algo mais de um tempo onde alguém simplesmente exista, mas *um tempo que estivesse na terra e, no entanto, em parte alguma*, escreve Breedlove.

*

p.125

– **Geografia e Corografia:** a pulsão dromológica é desconsiderada.

Se, desde a Antigüidade Egípcia existem as duas, a segunda, que é o estudo, a descrição geográfica de um país, de uma cidade, etc., é negligenciada pelos historiadores.

Raymond Chevalier reclama que esperava-se, ao menos encontrar entre os historiadores informações precisas sobre a construção das estradas, bases da potência romanas, o que se encontra é, fundamentalmente, uma história política e psicológica de Roma...

– **Concepção comum do espaço e do tempo.**

discurso histórico prende-se a ela, sem dar-se conta que, ao mesmo tempo, *elabora-se um novo modo de vida, ou seja, uma inovação cultural que consiste numa nova leitura da duração*.

p.126

– **Nova leitura da duração:** inovação cultural do modo de vida.

O simples exemplo da via férrea com seus horários e suas complexas correspondências aponta para uma **corografia inédita** que se devia colocar à disposição dos viajantes.

– **Cissão entre tempo uno da história e o movimento da viagem.**

Na prática rompe-se relação entre viver um tempo histórico uno, e encontra-se em movimento numa estrada, em movimento num compartimento de trem que, para o usuário, é um compartimento do espaço e do tempo.

- Bachelard: **relatividade de Einstein.**

Com a relatividade einsteiniana, o metafísico teve que limitar-se ao tempo local, porque os experimentos que levavam em conta as provas externas de uma duração única enquanto um princípio claro de ordenamento, tornaram-se inválidos.

- A relatividade de Einstein.

Ocupa o antigo lugar da teoria faraônica dos signos e dos corpos imóveis.

- Einstein e os **totalitarismos europeus.**

É natural que os últimos se oponham ao primeiro na medida em que o tempo aparecia aí muito menos como algo dado e mais como algo criado localmente.

Entende-se como Einstein acabou sendo levado, contra a sua vontade, para a confrontação trágica com a Guerra Total, convertida em 1939 numa guerra do tempo.

- **Guerra Total:** que tempo é esse?

Mas, na verdade, nesse novo tipo de conflito, já não se tratava mais de tempos locais. A história das batalhas descobria a deslocalização como precipitação na direção de um último recorde metafísico, o último esquecimento da matéria e de nossa presença no mundo, para além da barreira do som, e, muito prontamente, para além da barreira da luz.

*

Nota

Estética do desaparecimento

¹ *L'Esthétique de la Disparition* teve sua primeira edição em 1980, em Paris, pela Ed. Balland. Ainda não existe tradução no Brasil, mas temos uma tradução em espanhol, *Estética de la desaparición*. Barcelona, Editorial Anagrama, 1988, trad. de Noni Benegas.

Acompanhamos aqui a paginação referente à segunda edição francesa, de 1989, Paris, Galilée, 127 p. A *Esthétique de la Disparition* divide-se em 4 Partes que não possuem títulos ou subtítulos. Entre essas 4 partes centrais existem espaços menores entre o final de um texto e o início de outro que vamos respeitar pelo assinalamento de um * [asterisco]. Essas paradas, como costuma dizer Paul Virilio, obedecem a ritmos e/ou orientações diferentes dentro da mesma temática, como podem também sugerir novas articulações com temáticas diferentes.

² Optamos por uma explicitação significativamente longa dos temas e conceitos desta obra por uma razão metodológica.

Quis nos parecer que a *Estética do Desaparecimento* representa aquele degrau epistemológico fundamental no cerne de uma espécie de **pedagogia da visão** que Paul Virilio busca instituir no transcurso de seu trabalho crítico. Com efeito, na passagem de uma estética da aparição para aquela que ele denomina estética do desaparecimento, Virilio procura levar-nos, através de um caminho perceptivo e metafórico bastante original, na direção da explicitação de uma **metamorfose da visão** que se anunciaria no decorrer do século XX.

Na verdade quando aprendemos a ver "de outra maneira", além de sermos capazes de atingir novos patamares em uma visão da realidade concreta (não esquecendo, evidentemente, a contribuição da ótico-eletrônica contemporânea), passamos igualmente a estar aptos a ver "outras coisas" que surgem nas configurações imaginárias que se inscrevem no nosso pensamento. Eis o que julgamos crucial para ver e imaginar novos cânones de uma filosofia da cultura.

3 - L'ESPACE CRITIQUE¹

O ESPAÇO CRÍTICO

Argumentos²

Constatamos a emergência de uma nova organização dos espaços. As fronteiras passam, agora, pelo interior dos estados (em 1961, a conclusão do Muro de Berlim reforçava esta hipótese), e a feição da economia multinacional imprime um fenômeno de introversão forçada, tanto na cidade quanto nas empresas industriais. A construção dos aeroportos, com efeito, as últimas portas do estado, oferece-nos um ótimo exemplo da proeminência dos imperativos de defesa na regulação das trocas que aí se estabelecem. Para, supostamente, fazer face aos seguidos ataques dos **piratas do ar**, o aeroporto, esse espaço de experimentação de controle, transforma-se num espaço de vigilância máxima. Os dispositivos de segurança: câmaras, radares, etc., fazem com que esta interceptação do trajeto esteja apta a substituir, por assim dizer, aquelas do encarceramento. Agora os circuitos fechados de T.V. imitam as antigas portas urbanas. Com efeito as vias de acesso não são mais as portas, mas um **sistema de audiência eletrônica**, e os ritos de **passagem** não se fazem mais intermitentemente mas são **imanentes**, na medida em que os usuários não são tanto os residentes ou os habitantes da cidade, mas interlocutores em trânsito permanente. Compreendemos então porque essa ruptura de continuidade não se dá mais tanto no espaço de um limite de um determinado setor urbano, mas na própria duração. Sabemos, esta duração, ponto central na hipótese de Virilio, é permanentemente modificada através das interrupções e ocultações sucessivas ocasionadas pelas diferentes tecnologias a que estão afetas cada cultura. Essas interrupções e ocultações organizam e, paralelamente, desorganizam o meio urbano.

Das paliçadas às muralhas das fortalezas, modernamente à tela e, por último, na interface, interrompemo-nos e somos interrompidos diferentemente através dessas tecnologias. No cerne das transformações operadas por essas interrupções, percebemos que a **noção de limite** sofre importantes mutações, e isso, tanto em relação à fachada da aglomeração urbana quanto ao aspecto de confrontação de ruas e avenidas

à qual nos acostumáramos. Mas, mais precisamente, perguntemo-nos: em que momento a cidade nos faz face?

No século XIX ia-se à cidade ou em direção da cidade, agora está-se na cidade: parece que não estamos jamais diante dela mas sempre já dentro dela. Se podemos dizer que ainda há uma localização, uma posição geográfica, ela não se confunde mais com a ruptura campo e cidade, com a oposição centro e periferia. Ruptura e oposição dissipam-se e percebemos as **transformações da superfície-limite**. Perdeu-se a evidência da localização e da axialidade, na medida em que o subúrbio efetiva a dissolução e a oposição intra/extra-muros e, por outro lado, constata-se a contribuição, tanto da revolução dos transportes, quanto do vertiginoso desenvolvimento dos meios de comunicação.

Dois elementos surgem com grande relevo na análise de Virilio para corroborar essa dissolução da localização e axialidade da cidade. O primeiro diz respeito aos **materiais de construção** que empregam cada vez mais, nas suas estruturas de sustentação, a transparência e a leveza de elementos (vidros, plastificações diversas) que, por sua vez, reduzem a opacidade do material concreto, tanto metafórica quanto efetivamente, ao *nada*. O segundo é atinente à **superfície de inscrição que surge com a interface da tela**. A superfície de inscrição que, até então havia sido, privada de espessura, com a tela passa a existir enquanto distância: **eis como surge a profundidade de campo de uma nova representação, de uma visibilidade sem o face a face**. Acostumados antes à antiga confrontação das ruas e das avenidas, agora eis-nos lançados numa outra posição de fusão/confusão. Essa temporalidade única de uma **difusão instantânea** que flutua através do éter eletrônico faz com que o elemento arquitetônico fique à deriva e, como tal, privado de limites objetivos. Os limites desaparecem assim, tanto como (a) obstáculos físicos, quanto como (b) distâncias de tempo. A interfachada dos monitores e a tela mostram-nos que o algures começa aqui e vice-versa. O que era da ordem da microscopia entra agora, através da emissão luminosa dos aparelhos, no espaço comum e, ao oferecer uma falsa perspectiva, **é como se o pleno não mais existisse**. **Através da topologia eletrônica**, ou seja, do enquadramento do ponto de vista e da trama da imagem digital, **renova-se a noção de setor urbano**.

Se antes podíamos falar de uma ocultação entre o público e o privado, entre moradia e circulação, agora efetiva-se uma **superexposição** que termina com a separação entre próximo e distante e, acreditamos também, na medida em que desaparece na varredura eletrônica dos microscópios, a separação entre micro e macro. Dentro de tal

contexto, que representação temos da sociedade contemporânea? Que arquitetura? Ao não mais ser determinada pelo cerimonial da abertura das portas; do ritual das procissões, do desfile, da sucessão de ruas e avenidas, a **arquitetura deverá agora relacionar-se com a abertura de um espaço-tempo tecnológico**. Se a abertura das portas da cidade murada ligava-se à alternância do dia e da noite, ao dia solar da astronomia, agora temos acesso ao portão através do protocolo de acesso à telemática num falso dia-eletrônico, cujo calendário compõe-se de comutações **sem relação com o tempo real**. Aos tambores das portas sucedem-se agora aqueles dos bancos de dados.

Temos ritos de **passagem de uma cultura técnica** que está mascarada pela imaterialidade dos componentes das suas redes, no espaço de um tecido construído na seqüência de uma planificação imperceptível do tempo e, na qual, a **interface homem-máquina** toma o lugar das fachadas dos imóveis, das superfícies dos loteamentos. As dimensões do espaço tornam-se **inseparáveis da sua velocidade de transmissão**. A duração transforma-se, portanto, em suporte-superfície de inscrição (e, se pensarmos cinematicamente, veremos que **o tempo constitui superfície**): **eis uma unidade de lugar sem unidade de tempo!** É mesmo por isso que Virilio pode dizer que a cidade desaparece na heterogeneidade do regime de temporalidade das tecnologias avançadas. A forma urbana não se expressa mais por uma demarcação, por uma linha divisória. Ela tornou-se programação de um horário: **o tempo de transmissão suplanta o povoamento do espaço** e, em tal contexto, a inércia tende a renovar a antiga sedentariedade, ou seja, a persistência das áreas urbanas. Esse tipo de transmissão eletrônica feita no contexto da instantaneidade faz com que a chegada suplante a partida. O tempo da duração técnica não se compara a nenhum calendário de atividade ou de memória coletiva e por isso a concentração atual da metrópole opõe seus moradores apenas no tempo. Essa **duração instantânea** contribui para uma espécie de presente permanente. No contexto urbano desaparece o monumento, a construção suntuosa, e desponta a ociosidade. Temos agora, ironicamente, a espera monumental da prestação de serviços.

Se a porta é aquilo que transporta veículos, os vetores cujas rupturas de continuidade compõem, não tanto um espaço mas uma contagem regressiva (o *centro* sendo o tempo do trabalho, e o *subúrbio* sendo o tempo livre das férias, do desemprego), efetiva-se um aplainamento das atividades dentro do qual cada um de nós é uma espécie de exilado em uma vida privada, em todos os sentidos do termo. Se a cidade agora encontra-se privada de portas é porque os limites urbanos deram origem uma infinidade de aberturas com fechamentos e rupturas bem menos aparentes do que os da

Antigüidade mas, seguramente, igualmente constrangedores e segregativos. A revolução industrial deu-nos uma ilusão quanto ao caráter ilimitado do progresso. A organização industrial do tempo compensou, sem sensibilidade, o esvaziamento dos territórios rurais de sua substância cultural e social. No final do século XX o espaço urbano perde sua *realidade geopolítica através do suposto benefício de sistemas instantâneos de deportação cuja intensidade tecnológica perturba as estruturas sociais* (grifo nosso) (p.12).

A desurbanização industrial, previsível há 40 anos, faz emergir um novo tipo de concentração: a pós-urbana, onde os centros das cidades transformam-se em guetos e onde as próprias cidades deterioram-se como centros de regiões, despovoando-se. Persiste, entretanto, a ilusão econômica e política de que o espaço urbano não sofre grandes mutações através, sobretudo, de dois fatores: a) a persistência das áreas construídas na era da organização (auto-móvel) do tempo, e b) a época do desenvolvimento das técnicas (audiovisuais) da persistência retiniana. Em outros termos, de um lado as grandes áreas construídas – países, centros de fabricação, etc. – continuam em pé e, do outro, continuamos a ver continuamente um suposto desenvolvimento, inclusive na área das técnicas audiovisuais. **A própria noção de superfície**, ao receber nova formulação (ou seja, a de uma interface entre dois meios com uma atividade constante sob a forma de troca entre as duas substâncias postas em contato), **muda a abrangência da limitação do espaço**. A superfície-limite aparece como uma espécie de *membrana osmótica* e, como tal transforma-se num mata-borrão. Dito de outro modo, quando a limitação do espaço torna-se uma comutação, a separação radical se transforma em passagem obrigatória, ou seja, em trânsito de uma atividade constante de trocas incessantes, de transferências permanentes entre dois meios, duas substâncias. A fronteira ou terminal de uma matéria é agora *via de acesso*, via esta dissimulada na entidade mais imperceptível. Diz Virilio *a partir de agora a aparência das superfícies esconde uma transparência secreta, uma espessura sem espessura, um volume sem volume, uma quantidade imperceptível* (p.13).

A realidade dos fatos, infinitamente pequenos, da Física, aplica-se ao infinitamente grande. O nada torna-se alguma coisa e a extensão geofísica mais vasta se contrai e, o que mais surpreende: tudo se encontra na interface da tela, na imediatez de uma transmissão instantânea. Essa **janela catódica** do terminal eletrônico **traz a presença permanente dos antípodas**. Mas se, com efeito *o espaço é aquilo que impede que tudo esteja no mesmo lugar* o confinamento brusco ao qual nos submete essa janela é a de uma

localização sem localização, e, da mesma maneira que os acontecimentos retransmitidos ao vivo, também os locais, tornaram-se intercambiáveis à vontade.

Instantaneidade e ubiqüidade resultam na atopia da interface única. Após as distâncias de espaço e de tempo, a **distância-velocidade** abole a noção de dimensão física. Essa velocidade, ao tornar-se uma espécie de grandeza primitiva, aquém de toda medida de tempo e de lugar, dá ensejo a um processo de desertificação que é equivalente a um momento de inércia do meio, que, por sua vez, gera de **um novo tipo de concentração**. A antiga aglomeração desaparece na **aceleração das telecomunicações**. Os limites, ou cercas divisórias das propriedades são agora bem menos obstáculos físicos permanentes e, bem mais, interrupções da emissão ou uma zona de sombra eletrônica. Essa fragmentação da **duração técnica** resulta na **organização de um tempo *sui generis***, onde cortes e interrupções substituem a ocultação durável. É dentro de tal contexto que precisamos colocar a noção de **superexposição** que encabeça o título do artigo de Virilio. A noção define um mundo sem antípodas, sem faces ocultas e onde a opacidade não é nada além de um interlúdio passageiro. Através dela somos capazes de vislumbrar uma multiplicidade de fenômenos: desde a fratura, e através da qual a cidade se deixa ver como um todo, até a difração, onde a imagem da cidade repercute para além da atmosfera. Mas, atenção: essa superexposição nos confronta a uma ilusão proxêmica: para além da *polis* temos *uma tela catódica onde se agitam os espectros de uma comunidade em vias de desaparecimento, onde o cinematismo propaga a última aparência do urbanismo* (p.14). Tato e contato dão lugar ao impacto televisual e é preciso estar atento para isso.

Onde começa a cidade sem portas? No espírito, através da presença de uma ansiedade passageira que nos faz imaginar, ao voltar de uma viagem, a violação da nossa propriedade (sensação de perda). Ou, ao contrário, no desejo de fugir (sensação de abandono), de se afastar do ambiente técnico opressor para se recuperar. Tanto uma quanto outras sensações são possíveis ainda no espaço mas, não mais no tempo (a não ser, dirá Virilio, que se considere a aposentadoria como uma porta de saída...). Ao comentar as soluções buscadas pela sociedade pós-industrial, Virilio fala do regime de salário em *time-sharing*: o uso do tempo compartilhado, com efeito, poderia indicar a busca de uma nova divisão do uso do espaço.

Onde se estabelece a porta sem cidade? o limite do além-cidade? Talvez na tecnologia americana da implosão (essa destruição instantânea de imóveis de grandes dimensões). Talvez ela substitua, em períodos de graves crises, a política tradicional

das grandes obras públicas: ela cria milhares de empregos e supera em muito a verba pública investida. Se a resposta estivesse certa, o problema seria o de perguntar-se: como estabelecer a diferença de natureza entre a **recessão** (econômica, industrial) e a **guerra**?

Estamos frente a uma arquitetura ou a uma pós-arquitetura? Ao colocar esta questão Virilio mostra a incidência direta que ela estabelece com a própria questão da Modernidade e, concomitantemente, com a da Pós-Modernidade. A hipótese central que permeia seu questionamento é de que a arquitetura, ao estabelecer-se como uma *faculdade geodésica de organizar o espaço e o tempo das sociedades para suas atividades* (p.16), entraria agora, justamente através dessa faculdade, em conflito com as capacidades estruturais dos meios de comunicação de massa. O debate vai organizar-se em torno da questão da Modernidade e cujos impasses, para Virilio, parecem participar de **um fenômeno de desrealização**. Fenômeno aliás que atinge, ao mesmo tempo, as disciplinas de expressão, de representação e de informação. Existe, sem dúvida, para o autor, um conluio necessário entre **as técnicas de construção e a construção das técnicas**. Ao lado da estrutura construída, ou seja, da permanência de elementos e de marcas arquiteturais e urbanísticas, efetiva-se uma proliferação daquilo que ele chama, parafraseando a técnica cinematográfica, de *efeitos especiais* que afetam a consciência do tempo e das distâncias, assim como a percepção do meio. Na verdade ele procurará estabelecer uma análise entre a arquitetura e o arquitetônico para poder veicular a ingerência das estruturas materiais e imateriais que permeiam ambas noções e, ao fazê-lo, prescrutar o conflito surgido entre ambos procedimentos gerenciados pela cultura Moderna e Pós-Moderna. Damo-nos bem conta que a construção das técnicas *reorganizam incessantemente, com o campo do cotidiano, as representações estéticas do território contemporâneo*. Por um lado, o material arquitetônico e urbanístico, constituído de elementos físicos: paredes, limiares e níveis, constrói duravelmente o espaço geográfico e delimita a organização cadastral da cidade através da construção de monumentos. Por outro, a configuração imaterial da arquitetura, e no qual, *as representações, imagens e mensagens não possuem qualquer localização ou estabilidade* (p.17), efetivam a organização e/ou desorganização do espaço-tempo das sociedades.

Tal contexto reafirma a **arquitetura como uma medida e como um saber** e aponta para a efetivação de uma espécie de regressão face ao arquitetônico e ao seu potente concerto com as tecnologias avançadas. Nessa espécie de potência tecnológica, a arquitetura teria, de certa forma, acompanhado a decadência das grandes aglomerações

e ter-se-ia transformado numa **galeria de máquinas**, ou seja, numa sala de exposições das ciências e das técnicas de ponta. Mais concretamente ainda, é como se a arquitetura fosse agora uma engenharia tecno-espacial, enviando-nos, paradoxalmente, para além do solo, para a atmosfera, para o além-cidade. Teríamos, sem dúvida, de questionar a natureza dessas performances arquiteturais sobrepostas às da revolução dos transportes e ao maquinismo industrial. Qual seria, por exemplo, a função telúrica dos domínios construídos? Qual a relação de uma determinada cultura técnica com o solo? Estas, entre outras, apontariam, talvez, para os meandros daquilo que Virilio denomina a conurbação, a união perigosa da arquitetura urbana com o arquitetônico. Na medida em que o arquitetônico torna-se uma espécie de *performance* de engenharia baseada em tecnologias de ponta, absorvendo a medida e o saber da arquitetura, ele pode transformar-se numa mera **técnica de dominação e exploração política**. Como opor-se a essa dominação se a endossamos pelo próprio saber da arquitetura, e através da prática arquitetônica?

Ao diagnosticar o declínio industrial, é mister questionar-se sobre o regime da temporalidade transhistórica nascido dos ecossistemas técnicos e para o qual aponta a Pós-modernidade. Dentro do próprio enfoque da análise da questão do tempo, Virilio traz então a noção de **crise** para dizer que, efetivamente, só podemos falar nela na medida em que ela é

antes de mais nada, a crise das referências (éticas, estéticas), a incapacidade de avaliar os acontecimentos em um meio em que as aparências estão contra nós. O desequilíbrio entre informação direta e informação indireta tende a privilegiar indiscriminadamente toda a informação mediatizada, em detrimento da informação dos sentidos (grifo nosso) (p.18).

Faz então uma alusão direta ao argumento desenvolvido por J.F. Lyotard (A Condição Pós-Moderna, 1975), dizendo respeito à crise das grandes narrativas, e reafirma que essa crise denunciaria o efeito das novas tecnologias que enfatizam mais os meios que os fins. Para Virilio o que efetivamente sucede nessa crise das grandes narrativas não seria *a crise da modernidade como declínio progressivo dos ideais comuns, ou seja, o declínio de uma protofundação do sentido da História em benefício das narrativas mais ou menos restritas ligadas ao desenvolvimento autônomo dos indivíduos* (p.18). A crise seria a **questão**

da narrativa em si, ou seja, de um discurso ou modo de representação oficial, herdeiro do Renascimento e até o momento ligado à capacidade universalmente reconhecida de dizer, de descrever e de inscrever o real. O que nos parece que ele pretende fazer é uma espécie de *deslocamento* da crise da narrativa como processo de legitimação num molde epistêmico centrado no saber científico, como sugere Lyotard, para um discurso mais amplo que diz, que descreve e inscreve o real. Ele faz esse deslocamento porque quer levantar a hipótese de que **a crise da narrativa é a crise da noção de dimensão, ou seja, do espaço, e, como tal, a crise do inteiro**. E ele explicita: *a noção de dimensão aparece como uma narrativa geometral, um discurso de mensuração do real visivelmente oferecido a todos* (p.19). Com efeito uma crise nessa noção significaria a *crise de um espaço substancial, homogêneo, herdado da geometria grega arcaica, em benefício de um espaço acidental, heterogêneo, em que as partes, as frações tornam-se novamente essenciais*: eis o sentido do deslocamento que, para Virilio, foi minimizado. Claro fica, então, que a topografia urbana sofre com estas transmigrações e transformações da súbita fratura das formas inteiras, entretanto, *a destruição das propriedades do único pela industrialização não é tão perceptível no espaço da cidade, quanto no tempo, ou seja, na percepção seqüencial das aparências urbanas* (p.19). Ele procura assim salientar que, desde o início do século XX, **a profundidade do campo**, logo, do espaço das perspectivas clássicas, **foi renovado pela profundidade do tempo das técnicas avançadas**. E, que, assistimos desse modo, a uma **transmutação das representações** onde, da aparição da imagem estável – presente pela sua própria estática – numa estética do visível, ou numa estética da aparição, passamos para uma estética do desaparecimento: a de uma imagem instável, presente por sua fuga cinematográfica ou cinematográfica. O que parece interessante ressaltar nesta transmutação das representações é que *à emergência e persistência das formas na duração do seu suporte material, sucedem-se imagens cuja única persistência é a retiniana* (grifo nosso) (p.19). Por esta razão, o efeito do real suplanta a realidade imediata e, a tal ponto que, *à arquitetura do papel dos utopistas dos anos 60, acrescenta-se hoje esta arquitetura vídeo-eletrônica dos efeitos especiais* (grifo nosso) (p.20). Com efeito, as tecnologias avançadas convergiram para moldar um espaço-tempo sintético e, sob esse ponto de vista, Hollywood merecia uma tese de urbanismo.

O vídeo não é um *eu vejo* mas um *eu vôo* e Virilio denomina essa tecnologia do **sobrevôo** como aquela, não de uma altitude teórica – a da escalada de planos –, mas a de um sobrevôo de uma interface ótico-eletrônica, funcionando em tempo real, **implicando um reajuste de suas representações**. Ele termina esta parte lembrando

mais uma vez que, se antes o arquitetônico podia ser comparado à geologia, ou seja, a uma espécie de tectônica dos relevos naturais, agora, ele pode apenas ser comparado às técnicas de ponta, cujas proezas, não nos esqueçamos, nos afastam do horizonte terrestre. E, como sempre, trazendo a reflexão para estabelecer uma analogia com a presença paradoxal da metrópole fantasmática contemporânea, ele nos sugere que isso acontece na exata medida em que as técnicas não se encontram mais, como antes, estreitamente ligadas à transformação visível dos materiais.

*

Diz Lionel S. Johns que, **na Política**, à diferença da Física, **as percepções são fatos**. Virilio, ao recuperar a etimologia da política como *polis*, como cidade, evidencia que a mesma asserção aplica-se a ambas. O domínio dos fatos da percepção tanto num registro quanto no outro nos demonstrariam, de maneira cabal, o desaparecimento de ambas.

No que diz respeito à cidade, preocupação inicial de Virilio, vários são os motivos desencadeadores desse desaparecimento: 1) a estratégia nuclear anti-cidade; 2) a reorganização pós-industrial – incidindo este último num êxodo e num exílio configurados através de um desemprego estrutural propiciado pela robotização –; 3) a mutação dos meios de comunicação de massa, isso para citar os mais importantes. Dentre esses motivos ele procura observar mais especificamente os diversos meios de comunicação e telecomunicação através da **abolição das distâncias de tempo** aí operadas. Aquilo que Virilio chama a grandeza primitiva, e que se configurava através do espaço (km) e do tempo (km/h) foi decididamente afetada. Essa grandeza dentro da qual se situava a cidade e, por meio da qual, por exemplo, se pensava o que o autor chamou, a *unidade de vizinhança*, sofreu grandes mudanças. O que se passou entre um momento e o outro dessa grandeza primitiva e, por meio de que desaparece a *polis*? Devemos compreender, as razões dessa afetação entre fato e percepção, detectar os móveis dessa coabitação entre espaço-tempo e percepções, entre, por assim dizer, categorias de pensamento (na representação) e modos de ação (no espaço).

A abolição criada pela diferença de afetação entre fatos e percepções no âmago dos diversos meios de comunicação e telecomunicação parece resultar de uma confusão que se estabelece ao nível de *efeitos de torção e distorção iconológicas cujas referências mais fundamentais desaparecem uma após as outras* (p.22). Que referências fundamentais seriam essas? Em primeiro lugar as referências simbólicas e históricas, afetadas

fundamentalmente com o declínio da centralidade, da axialidade urbanas; em segundo, as referências arquitetônicas, afetadas principalmente através da perda do significado dos equipamentos industriais; e, em terceiro lugar, as referências geométricas, através da **desvalorização do antigo recorte, da antiga repartição das dimensões físicas**. Virilio mostra que seu interesse central reside na análise destas referências geométricas e vai demonstrá-lo ao longo do texto.

A estruturação tradicional das aparências, a percepção comum do espaço sensível fundava-se, desde a Antigüidade, nos méritos mnemotécnicos da geometria de Euclides. Esta geometria era chamada geometria das superfícies regradas, na medida em que elas eram reguladas, ou regradas pelo sistema de dimensões, e pela decupagem, ou recorte de um Cosmos em que a medida das superfícies dominava, tanto em termos de extensão geográfica e do cadastro (urbano e rural), quanto na repartição arquitetônica dos elementos construídos. Hoje, esta visão de mundo, dominada que está pela ortodoxia ortogonal, a dos ângulos retos, esvai-se numa apercepção (*inner awareness*) na qual *a noção de dimensão física perde seu sentido analítico enquanto desmontagem da realidade perceptiva (outer awareness) em benefício de fontes de avaliação eletrônica do espaço e do tempo* (grifo nosso) (p.23). Ora, através da desvalorização da dimensão física, aquela observação direta por meio da qual o observador tinha contato imediato com a realidade, transforma-se, agora em **teleobservação**. O distanciamento propiciado pela teleobservação permite abranger extensões mais amplas – geográfica e mesmo planetariamente falando, – mas **engendra um desequilíbrio perigoso entre o sensível e o inteligível**. Assistimos a uma espécie de co-produção da realidade sensível na qual as percepções diretas e mediatizadas se confundem para construir uma representação instantânea do espaço, do meio ambiente.

Não se trata tanto agora na orientação do ponto de vista de uma angulação das superfícies da geometria não euclidiana, mas da incidência, tanto topológica como iconológica. Temos aqui uma ausência de um intervalo de tempo nas transmissões e retransmissões das imagens televisadas: *aqui a grandeza primitiva do vetor velocidade reassume sua função na redefinição do espaço sensível: a profundidade de tempo (da teleologia ótico-eletrônica) suplanta a antiga profundidade de campo da topologia* (p.23).

Tínhamos antes uma separação entre: a realidade das distâncias (realidade do tempo e realidade do espaço) e, as diversas representações (videográficas infográficas) dessas realidades. A separação entre a primeira e as segundas esvai-se. A observação direta transforma-se em teleobservação e o observador não tem mais contato ime-

diato com a realidade observada. **A máquina de observação** agora não é tanto uma espécie de veículo (como era a luneta de Galileu) mas é **bem mais uma imagem televisionada tornando-se um vetor único, em detrimento da engenharia de transportes**. O que se deve aqui salientar é que os próprios veículos são ultrapassados pela videoperformance, ou seja, pela representação instantânea de dados. Uma mudança importante acontece: tínhamos um corte dimensional ou seja, na geometria arcaica afirma-se que o ponto corta a linha, a linha corta a superfície, e a superfície recorta os volumes. Com a teleobservação e a videoperformance, desaparecem as distinções entre essas dimensões da decupagem, dos cortes da geometria arcaica. **A transparência torna-se evidente e é ela que vai reorganizar a aparência, por um lado e, por outro, a medida do mundo sensível**, medida esta que será em breve sua figura, sua figura-imagem (p.24). Eis como a aparência passará a ser a medida: a medida não será mais aquilo que tem uma extensão no tempo, extensão, por sua vez ligada a um tempo que passa, mas será imagem, será figura-imagem e que, por não depender intrinsecamente desse tempo que passa, poderá e deverá mesmo ser instantânea, local. Dentro dessa perspectiva, a decupagem através da qual o homem interpreta a realidade, **não será mais tanto o resultado das dimensões físicas, mas o da seleção das velocidades: velocidade de percepção e de representação (reduzida, acelerada) que cortam agora a profundidade do tempo e, reafirma Virilio, a única dimensão temporal**, pois que as outras seriam dimensões espaciais. A transmutação que se efetiva nos dados da imagem, dessa imagem globalizante, que procura suplantando as **percepções imediatas, implica em riscos de perturbação iconológica**. E mais, essa imagem globalizante resulta de uma **geometria do ponto de vista**, o que lhe confere uma homogeneidade sinóptica, ou seja, de síntese, e lhe outorga um aspecto multitemporal dos dados registrados, abolindo a abordagem descritiva que até então prevalecia no enfoque científico, dando lugar a uma apreensão quantitativa (que tem o caráter redutor da análise estatística). Vemos que o **ponto** readquire uma importância na imagem eletrônica, e isso em detrimento da linha, da superfície e do volume (dimensões analógicas ultrapassadas, diz ironicamente Virilio). O **pixel** é agora o pequeno elemento da imagem que, de certa forma, corresponde ao grão fotográfico. A profusão de dados oferecida pelo agenciamento desses novos elementos *aumenta cada vez mais a separação entre o sensível e o inteligível* (p.25). Essa flexibilidade da imagem permite naquilo que se conhece como *memória da trama*, deformações contínuas ou descontínuas, deslocamentos parciais ou totais dessa imagem. É então que compreendemos que a fusão/confusão entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno parece ter

tido aqui sua origem, ou seja: 1) no declínio das dimensões físicas; 2) no declínio das representações analógicas do espaço (em benefício das figuras de representação digital); e 3) na profusão de dados da representação instantânea.

O que importa agora é a *costura* das imagens digitalizadas e a instantaneidade da sua retransmissão ponto por ponto. A memória aqui não é tanto uma trama mas, bem mais, trajeto. Agora a projetividade (videográfica ou infográfica) vai renovar a projeção (gráfica, fotográfica, cinematográfica) em um *continuum* em que o movimento uniforme e a-dimensional (o ponto zero dimensão) desempenha o papel da reta no espaço do postulado de Euclides.

À homografia dos pontos que são alinhados no espaço (bi ou tridimensional), vai suceder a projetividade de pontos alinhados no espaço-tempo (quadrimensional) de um desfile de imagens instantâneo em que a persistência retiniana sucede a do suporte material (p.26).

Assistimos então à crise da **noção de dimensão**, que, por sua vez surge com a crise do inteiro, ou seja a **crise de um espaço substancial** – espaço contínuo e homogêneo –, que era herdeiro da geometria arcaica. Surge agora um **espaço acidental** – descontínuo e heterogêneo – em que as partes, as frações (pontos e fragmentos diversos), assim como o instante, tornam-se novamente essenciais.

Mas toda esta importância dada ao espaço acidental não impede que seja colocada em pauta a questão da imagem do mundo; a questão da cidade; a questão da aparência dos objetos meio a uma inércia que se tornou manifesta, na medida em que *a duração é feita de instantes sem duração (perceptível) como a reta é feita de pontos sem dimensão (sensível)*, já havia dito Bachelard (p.27). *À estética da emergência progressiva das formas está prestes a substituir-se uma estética do desaparecimento acelerado.* Da primeira estética emergiam as formas, as figuras em seu suporte material, com sua superfície de inscrição (gravura, desenho, pintura, escultura, mas também a fotogravura impressa ou a arquitetura monolítica ou construída). Nessa estética tínhamos a aparição de uma *imagem estável* (analógica) presente por sua estática, pela persistência de seu suporte físico (pedra, madeira, terracota, tela, papéis...). Temos agora a **estética do desaparecimento**, ou seja, a estética de uma *imagem instável*, que é presente por sua fuga e cuja *persistência é somente retiniana*, ou seja, aquela persistência do tempo de sensibilização ótica que escapa à nossa consciência imediata.

*

A incursão que Virilio faz na física não pretendeu desprezar o efeito de **modelização**, ou seja, *o efeito de real dos modelos teóricos sobre a geometria prática, o espaço e o tempo dos diferentes nas diferentes representações espaciais, arquitetônicas ou urbanísticas* (p.38). Entendendo a importância das figuras/do movimento/e da extensão, na organização e ordenação do espaço, compreendemos mais facilmente: o efeito de sua relativização (estatística) e de sua súbita desrealização, esta última ocasionada pelas **tecnologias da representação** auxiliada pelo computador. Se, por um lado, 1) a representação teórica na escala microscópica, é o resultado da mecânica quântica, por outro, 2) a representação prática na escala macroscópica (humana) torna-se o efeito de uma espécie de "mecânica púntica" (alfa-numérica).

Essa "mecânica púntica" parece, por um lado: a) sacrificar as coordenadas cartesianas clássicas às capacidades da memória de trama; e, por outro, b) repousa, de forma essencial, nas videoperformances de um *punctum* de ação: o pixel (ponto luminoso da ótica eletrônica). Assim sendo, a **forma-imagem sintética** resulta, não somente das propriedades codificadas no programa, mas também do vetor-velocidade de realização, ou seja, o vetor velocidade de partículas elementares. Isto nos leva, diretamente, à análise da **telemática** quando percebemos que ela não resulta somente da associação da informática com a transmissão instantânea à distância, mas antes,

do efeito de instantaneidade de emissão local de uma figura, de um movimento ou de uma extensão aparente na interface de uma tela. Esta interface é uma figura, que pode ser analógica ou digital o que, por sua vez, resulta da "ausência de campo", de "profundidade de campo", já que esta "profundidade" é apenas aquela das videoperformances temporais do 'pixel' (p.39).

Devemos pois atentar aqui para a diferença entre a **profundidade analógica de campo** – onde tínhamos o valor físico contínuo, a extensão, os ângulos e, através dos quais, estabelecíamos uma *limitação* –, e a **profundidade temporal das videoperformances** – onde assistimos a uma comutação de profundidade temporal digital, por meio da qual temos uma numeração descontínua. Passamos assim da figura analógica para a figura digital, e é disso que se trata aqui. A interface é pois uma nova superfície que anula a separação clássica de posição de instante ou de objeto, em

benefício de uma configuração instantânea, ou quase instantânea, na qual observador e observado são bruscamente acoplados, fundidos e ligados por uma linguagem codificada. Isso criaria, para Virilio, uma **ambigüidade da interpretação das formas-imagens representadas**. Essa ambigüidade não é da ordem da *inteligibilidade dos fatores*, ou seja, de como se compreende, de como se lê esses fatores (que são os dados memorizados, as figuras digitalizadas, etc.), mas da ordem da *maior ou menor sensibilidade dos vetores de representação*, que aí estariam presentes. Eis, dessa forma, a ordem da velocidade, tanto fática quanto simbólica desses vetores, através e na qual se efetiva, para nós, essa nova superfície. Seria o desequilíbrio entre a informação direta dos nossos sentidos e a informação mediatizada das tecnologias avançadas o causador das várias transferências, a saber: a de nossos julgamentos de valor, a das nossa medida das coisas, a do objeto para a sua figura, a da forma para a sua imagem, a dos episódios de nossa história para sua tendência estatística, incidindo no *risco tecnológico de um delírio generalizado de interpretação* (p.40). Esse desequilíbrio faz com que a **transparência (instantânea) substitua as aparências (sucessivas) dos objetos, das figuras**. Mas, isto não quer dizer que tenhamos reencontrado um espaço de tempo, um *continuum* morfológico. O que encontramos na interface é

menos o espaço e mais o tempo, já que aprofundidade é somente a da grandeza primitiva da velocidade (o vazio do veloz), a profundidade oriunda deste vetor de transmissão instantânea de dados que afeta não só a consciência dos usuários, como também as figuras, os movimentos e a extensão representada (p.40).

Para entender esta noção de transparência ligada à interface, Virilio faz apelo à noção de **dimensão**. Finalmente, o que é uma dimensão física? Ao contrário dessa noção intuitiva ligar-se às relações entre figura e objetos (a figura sendo reservada para as idealizações matemáticas, os objetos para os dados do real),

a dimensão física possui inevitavelmente uma base pragmática, e portanto, subjetiva, e está ligada a um determinado grau de resolução, sendo que o resultado numérico depende das relações entre o objeto e o observador, ou seja, depende da natureza da separação entre o observado e o observante (grifo nosso) (p.41).

Isso se dá na medida em que um objeto complexo – o exemplo dado por Mandelbrot é o de um novelo de lã – possui dimensões físicas distintas, o que nos proporciona diferentes visões desse objeto: ora adimensional, ora tridimensional, ora unidimensional. Essa interpretação mostra que se, num momento, temos uma observação analógica, no outro, a resolução digital das figuras representadas, serve também para ilustrar a transparência e os meios técnicos desta transparência, acrescida das aparências do objeto representado. Importante é entender que esses meios técnicos efetuam um deslocamento, um movimento que não é neutro, ou seja,

um movimento que implica uma velocidade específica (...), e que, por sua vez, esta velocidade influi sobre a representação em questão e engendra uma decupagem (...) que vai influir sobre o resultado da observação científica (p.42).

Fica atestada aí a variação do valor dimensional, ou seja, uma variação cinemática e, nesse contexto

as dimensões físicas nada mais são que mensagens fragmentárias que a geometria arcáica não deixa de interpretar ou, antes, de interpretar equivocadamente, de onde a ilusão de óticas das dimensões inteiras, ilusão esta originada na insuficiência dos meios de observação dos antigos (p.42).

É assim que, como diz Mandelbrot, a verdadeira dimensão (*dimensus* = medida) tem a ver 1) com o grau de resolução da forma-imagem considerada (geométrica, matemática, etc.); mas também 2) com a celeridade desta forma-imagem, com o valor da medição dimensional, não deixando por isso de se transformar (ou seja, de saltar dromoscopicamente) de acordo com o progresso da velocidade da configuração. O antropocentrismo intervém no conceito, aparentemente inofensivo da extensão geográfica, e por isso, **medir é deslocar**, não só para poder tomar as medidas, como **deslocar o território em sua representação, sua redução geométrica ou cartográfica**. Por isso, *dimensionar é, de certa forma, defasar em relação ao observador que produz a medida no instante em que provoca seu próprio deslocamento* (p.43). Interessante é verificar que este movimento produtor de grandeza, de extensão aproximada, pode ser acelerado pela utilização de um meio de deslocamento (de transporte ou de transmissão) – fator que é

omitido em grande parte dos dimensionamentos de medida. E, o que Virilio procura ressaltar através desta reflexão, é que o homem, a mosca ou o camundongo que serviriam para efetivar qualquer tipo de medida de um litoral (o exemplo é o de medição das costas da Bretanha às quais Mandelbrot se refere) nada mais seriam que aspectos antropomórficos ou zoomórficos de uma velocidade de deslocamento específica. Ao seguir ainda o exemplo da costa da Bretanha e da sua medição, ele postula que existem **dois tipos de acidente: 1) o acidente de terreno**, que se dá em conseqüência do relevo (macroscópico e microscópico), e **2) o acidente de transferência** (transporte físico, transmissão eletrônica). E, se desde o início do século, temos assistido ao desaparecimento progressivo da distância-espaco (metro, quilômetro), estamos agora assistindo ao desaparecimento pretensamente progressista da distância-tempo com o avanço das tecnologias de ponta (telemétrica, telemática e supersônica).

Assim, a **medida de extensão e do movimento é, a partir de agora, quase que exclusivamente a medida de um vetor técnico** (que termina por tirar da sincronia o tempo do espaco do tempo do trajeto). E, isso se percebe mais claramente, quando se reconhece que *os instrumentos de medida são menos cronométricos e mais cinemométricos*; não é tanto o tempo de passagem, mas o espaco percorrido que serve como padrão. *A distância-velocidade tornou-se a medida privilegiada tanto do espaco quanto do tempo* (p.44). Vê-se, uma vez mais, que o último padrão de referência, ou seja, a unidade de medida, é a **velocidade absoluta, ou seja, a velocidade da luz**. Dentro desse contexto, o brilho do sol tornou-se uma espécie de padrão de relatividade, ou seja, **o padrão de transferência de toda a realidade**. Eis porque Virilio diz que

a luz da velocidade ilumina o mundo, a matéria, no momento em que lhes dá uma representação, mas uma representação na qual a violência de sua fusão, a potência de sua emissão, substituíram a trajetória do sol da aurora ao acaso (p.45).

A luz é agora como uma matéria-prima na *profundidade cinemométrica*. Espaco e tempo dão lugar a uma **transparência** que cria o **dia falso**. Nele, não existe mais uma diferença sensível entre: a) o espaco oculto das representações microscópicas, e b) o espaco visível das percepções macroscópicas: eis no que se reduz o que Virilio chama de **fratura morfológica**. Essa fratura morfológica é pois a **origem de uma confusão** que, seria, para ele, cuidadosamente sustentada, **entre o espaco e sua forma-imagem, e entre o tempo e sua desrealização técnica**. Por outro lado, é necessário procurar definir

essa **transparência** pois que ela não é uma dimensão física. Virilio lembra que *atualmente, nos confins da teleologia e da topologia (das redes e dos fluxos) existe de forma latente, de forma virtual, uma tele-topologia das formas-imagens*. Essa tele-topologia das formas-imagens é a expressão de uma *distorção do vetor-velocidade (seja ele de transporte ou de transmissão)*. Nessa apercepção tele-topológica a) o punctum reencontra sua importância primeira, b) a luz torna-se subitamente a matéria prima e, c) a transparência em si torna-se uma substância, ou seja, um material novo, que não é mais exatamente o espaço-tempo e que, como tal, deve ser inventariado e analisado até atingir um grau de pureza que corresponda *ao grau de resolução da forma-imagem considerada (seja ela infinitamente grande ou infinitamente pequena)*.

Aprende-se daí, *a necessidade teórica e prática do analisador vetorial, ou seja, este vetor velocidade de representação que se tornou a última "dimensão" de nossa percepção* (grifo nosso) (p.46). O surgimento de materiais novos (plexiglas, resinas transparentes, etc.) explicitam essa dimensão da nossa percepção, ao procurar reproduzir *a terceira dimensão aparente do infinitamente pequeno, da mesma forma que possibilita planos-seqüência sob diferentes ângulos de tomadas de imagens (holografia)* (p.47). Eis aqui, portanto, através da noção de densidade global da matéria, um dos aspectos da **crise das dimensões inteiras** da qual Virilio nos fala ao longo deste capítulo, e que se prolongaria na crise da extensão aproximada, onde Mandelbrot mostra que a densidade média da matéria decresce continuamente quando se leva em conta volumes cada vez maiores, e onde nada nos diz que essa tendência não prossiga em relação a distâncias muito maiores e densidades muito menores.

Todos estes dados parecem evidenciar porque **a fratura morfológica não poupa nem a extensão nem a espessura da matéria, nem tampouco as supostas dimensões inteiras**. Por outro lado, não é demais salientar que, dado que,

as massas mais ou menos densas e os comprimentos maiores ou menores "são funções de velocidade (Einstein), esta aparente ruptura do continuum tem menos a ver com o espaço mensurado e analisado, do que com o efeito de celeridade, celeridade que, a partir de então, mostra ser menos uma 'aceleração' do que uma "iluminação", menos uma velocidade e mais uma luz subliminar, ou seja uma luz da velocidade (da luz) que ilumina o mundo no momento em que dá a este uma representação (grifo nosso) (p.47).

As fontes de velocidade são fontes de luz e imagens, são formas-imagens do mundo quando se trata das dimensões deste último. Com efeito, ao desenvolver grandes velocidades, a revolução científica e industrial desenvolveu também fórmulas e clichês relacionados à **nova representação das diferentes grandezas físicas**. Efetiva-se uma industrialização da empresa artesanal das aparências geométricas, picturais, arquiteturas, onde a fabricação de um mundo de imagens artificiais, onde a ótica da ilusão motora renova a ilusão de ótica e,

através da constante renovação das relações entre a aparência e o que se move, a geometria ocidental operou a regulação: a) das diversas forças de penetração (motricidade energética); e, b) das diversas formas de representação (a ótica cinematográfica) (p.48).

A empreitada geométrica dissipa e fragmenta a matéria, ao revelar esta última como perspectiva, ou seja, como dimensão objetiva. Essa fragmentação se dá ao ritmo das extirpação das distâncias e das dimensões, *a velocidade permitindo, enfim, romper sem dificuldade, a distância entre a física e a metafísica (p.48).*

*

Estamos frente a uma **redefinição do espaço**, ao percebermos que: a) a profundidade do tempo dá lugar às profundidades de campo do espaço sensível; b) a comutação da interface suplanta as delimitações da superfície; c) a transparência renova as aparências. O espaço parece definir-se mais como luz, uma luz sub-liminar na qual o brilho do sol seria tão somente uma fase e cuja duração, ou ainda, cujo padrão seria bem menos o de um tempo que passa (o tempo da história e da cronologia), e mais o de um tempo que se expõe instantaneamente.

Na verdade, as técnicas fotográficas e cinematográficas prefiguram esse tempo de exposição, seja ele de sub ou super-exposição. Esse tempo de exposição, ou ainda, essa velocidade da luz (como instrumento de medida) seria o tempo de um *continuum* privado de dimensões físicas, no qual: o *quantum* da ação (energética), e o *punctum* de observação (cinematográfica) teriam se tornado as últimas referências de uma realidade morfológica desaparecida, uma realidade transferida para o eterno presente de uma relatividade que é, a um só tempo, sua grandeza e sua dimensão e que se propaga com a mesma velocidade em todos os azimutes... (p.49). Por sua vez, o con-

ceito recente de **superfície-suporte** concede um volume ao que não o possui e tende a substituir os diversos termos que antes designavam as *propriedades físicas do espaço* (delimitação, dimensão, etc.) e, quem sabe, chegue mesmo a substituir o próprio conceito de espaço-tempo? Na medida em que aceitarmos que o espaço é simplesmente uma noção estatística, vamos nos afastar das percepções sensíveis em benefício de percepções tecnológicas no limite da inteligibilidade.

Dentro de tal contexto, a função dos meios de comunicação seria bem menos a de deslocar os usuários e, bem mais, defasá-los em relação ao seu ambiente imediato. Percebemos aqui o quanto a velocidade passa ter a esse papel de desconectar o sujeito da sua própria percepção. A *superfície* nada mais é agora que *um efeito* de superfície momentâneo. Ela é um traço, um efeito de trajeto instantâneo e, por sua vez, o volume nada mais é que *uma perspectiva acelerada, ou melhor, uma anamorfose*, essa distorção da visão que se dá pelo movimento do objeto focado. Aquilo que resistiria a esta espécie de suspensão das dimensões físicas e que, ao contrário do átomo, não se desintegra jamais, repete Virilio seria *o ponto*. Ele seria *a realidade última, a referência figurativa de todas as desintegrações e fraturas (matemáticas, morfológicas...), mas também de todas as interrupções, já que a matéria que é extensão no espaço o é também, simultaneamente, no tempo* (p.52).

Ao terminar o artigo, Virilio volta a questão da origem do Universo e lembra que, de acordo com as últimas teorias sobre a origem das origens, o princípio de causalidade do Universo seria menos uma substância, ou uma matéria-prima e, mais um

acidente absoluto e necessário que, à partir de um determinado momento, tornou a substância relativa e contingente. Esse acidente original representaria para a razão aquilo que o pecado original representou para a natureza humana,

ou seja, um novo começo, uma nova origem. Ele aborda, ainda que muito rapidamente, como esta espécie de inversão da substância em acidente, afetou e afetará a *representação dos diversos estados da matéria*.

As possibilidades do imaginário ancoram-se à possibilidade de esquecimento e a **interrupção picnoléptica**, como já havíamos visto na *Estética do Desaparecimento*, é condição de existência de um tempo próprio. Virilio está interessado em definir o espaço-velocidade que ele pensa vigir agora. Este espaço seria um espaço **dromosférico** que não se define mais como **substancial e extensivo** (características do espaço definido dentro de uma grandeza física clássica e que segue uma decupagem de um *continuum* morfológico euclidiano ou não euclidiano). O espaço-velocidade é agora accidental e intensivo. Ele **não se mede mais em relação a uma porção**, proporção ou decupagem de um *continuum*, **mas ele se mede em mudanças de velocidade**. Essa mudança seria, instantaneamente **uma mudança de luz e de representação**. Esse dia seria diferente do dia da iluminação (solar ou outra), e seria um dia subliminar e paratótico que não estaria em relação com a observação direta. Aqui, as representações e configurações vem: menos da separação dos pontos, das linhas, dos planos de experiência visual (tudo isto resumindo-se à qualidade do que chamamos resolução da imagem), e mais de uma interrupção das seqüências de projeção. Nessas projeções, a luz da velocidade (uma luz paradoxal) dimensionaria, ao mesmo tempo, nossos campos de ação e nossos campos de percepção. Nesses campos a ação não estaria mais separada da sua representação. Com isto terminaria a separação entre tempo mundano e tempo humano. Terminaria também, as noções relativistas de **grandeza da velocidade e profundidade de tempo**, o que, para Virilio, permitiria a apreensão do paradoxo da não-separabilidade dos acontecimentos.

A propósito de uma afirmação de Paul Ricoeur (*Temps et Récit*), onde ele diz que não somos capazes de produzir um conceito de tempo que seja, ao mesmo tempo, cosmológico, biológico, histórico e individual, Virilio responde que isso seria menosprezar as conquistas da ciência e da tecnologia e, logo, a importância do *fator velocidade nas novas concepções do tempo*. Quer lhe parecer que a atividade da narrativa alegada por Ricoeur, ao construir conjuntos temporais coerentes, ou seja, ao configurar o tempo, deve sua conquista não só às ciências humanas mas mais ainda às ciências exatas e isso na medida do surgimento de **regimes de temporalidades produzidas pelas tecnologias** (tanto primárias quanto avançadas), capazes de configurar o espaço, o tempo próprio dos indivíduos, tempo social das histórias das mentalidades, e o tempo científico e político da física, geofísica e astrofísica. A questão a ser colocada no debate sobre a aliança das ciências, técnicas e artes seria aquele de enfrentar o impasse face ao **representar a construção ou construir a representação?**

Segundo Virilio agora o que existe são representações momentâneas cujas seqüências se aceleram ininterruptamente, a ponto de nos fazerem perder toda referência sólida, todo parâmetro, com exceção do *quantum* de ação da física teórica e do *punctum* da representação prática. Se pensarmos na frase de J.L. Borges que diz que o esquecimento é indispensável à projetividade da imaginação e à propagação do conhecimento, veremos que agora, o ponto só será um ponto de referência da projetividade geométrica, na medida em que for uma falta, uma ausência de dimensão. Essa obscuridade é, para Virilio, no entanto, necessária à revelação das aparências físicas: os exemplos nos são dados pela câmera escura em relação às aparências objetivas da fotografia e do fotograma cinematográfico e, onde os pigmentos dos filmes do pixel nas imagens telemáticas, são sua confirmação. É nesse sentido que ele dirá que *o ponto é esta dimensão perdida que permite que nós nos reencontremos, esta espécie de microprocessador de nossas representações (matemáticas, estéticas) e de nossas configurações temporais e espaciais (grifo nosso)* (p.83).

Teríamos perdido a **mecânica dimensional** oriunda da geometria arcaica grega mas, ao perder as dimensões inteiras não seria uma grande perda pois, como diz Mandelbrot, com elas perdemos somente uma certa relação de conformidade (entidade, unidade, simetria) com um universo distante. A interface homem-máquina é o produto da interatividade eletrônica e da não-separabilidade relativista e se a informática surge como uma energética, como um novo modo de formação, é agora mister analisar a configuração da produção e o design dos produtos. Isso pode ser verificado nos projetos auxiliados por computador (CAD) e na própria fabricação auxiliada por computador (CAM). Através dessas máquinas de transferência efetivam-se importantes mudanças na arquitetura industrial. Virilio passa então a relatar exemplos de conjuntos de sistemas eletrônicos interativos.

*

De Visu (matemático) diz: *rapidamente me acostumei a ilustrar minhas idéias, antes mesmo que elas houvessem amadurecido, pois a ilustração facilitava o amadurecimento.* Virilio usa deste exemplo para corroborar o papel desempenhado pelos computadores e pelas mesas gráficas na elaboração da geometria fractal, e o que permitiu a Mandelbrot ver além dos gráficos pois que... *Compreende-se melhor agora a natureza da interface, sua função de revelador informático (ótico-eletrônico) substituindo as fastidiosas veri-*

ficações matemáticas do passado (p.87). Constatamos que as dimensões fracionárias seriam, nesse escopo, as herdeiras desta

dimensão perdida, deste punctum informático, este pixel que permite a projeção instantânea dos dados, a representação de uma forma-imagem digitalizada (sintética), mas também, a apresentação, em tamanho natural (como no caso da aeronave), de uma forma-objeto, de uma célula de aeronave interativa (...) (p.87).

Isso sugere uma **nova apercepção do espaço, apercepção relativista** que equivale a não mais sublimar as equivalências das extensões e das velocidades, tanto na representação das figuras quanto na configuração dos objetos.

Virilio procura assim, mostrar como a confluência desses fatores explicitam, além da **crise das dimensões inteiras**; a perda das noções habituais de **superfície, limitação e separação**, dando lugar a noções como **interface/ comutação/ intermitência/ interrupção**, mudanças que, sem dúvida, deverão igualmente repercutir na concepção e na construção, ou seja, nas técnicas de edificação. Aliás, nesse sentido, a **infografia**, ao materializar figuras impossíveis de se ver de outra forma, *extermina as 3 dimensões*, assim como a **holografia** *extermina o relevo*, e a televisão ao vivo, *extermina com a profundidade de campo do espaço real*. As tecnologias, cada uma à sua maneira (e os exemplos dados são o telescópio em Galileu e o cinemacroscopia em Jean Painlevé), operam, em seu próprio tempo, um deslocamento das aparências. Ora, essa transferência evidencia, não somente entidades, substâncias ou elementos distintos mas a transparência absoluta, ou seja, esta transitividade em que o padrão primário das dimensões inteiras pode ser abandonado para dar lugar ao padrão de transferência das dimensões fracionárias. Isso propicia uma **comutação de visão** que impossibilita qualquer distinção normativa entre o real e o simulado.

Kandinsky já havia dito que as leis da harmonia, que eram antes interiores, no futuro tornar-se-iam exteriores. Virilio concorda com isso ao assinalar que *a representação se estende para além do real, ou seja, para além das aparências perceptivas e dos quadros conceituais tradicionais* (p.89). Isso se dá a tal ponto que não se consegue mais fazer uma distinção válida de diferença de natureza entre: os objetos e as figuras. É como se as tecnologias avançadas (audiovisuais, automóveis) tivessem

desnaturado a observação direta, o senso comum; é como se as técnicas cinematográficas e videográficas tivessem sido mais do que signos precursores, os sintomas de uma desrealização das aparências sensíveis com a invenção artesanal da fusão (dissolving view); do feed back; da câmera lenta e da acelerada; do zoom; da transmissão ao vivo; da retransmissão (grifo nosso) (p.89).

Assim a crise das dimensões é também um sintoma, e que ela é uma crise da decupagem, do recorte, e não da montagem, ou melhor, ela é uma crise da representação e não, crise da construção. É-nos dado o exemplo da rejeição da distinção entre objeto e figura, ao citar J.P. Changeux quando afirma que *a materialidade das imagens não pode ser colocada em dúvida através do que chama objetos mentais...* E, acredita Virilio, Changeux faria isso como se as imagens virtuais da informática e as imagens televisuais nada mais tivessem sido que a síndrome de uma transparência próxima, *transparência que desta vez afetaria a consciência (p.89).*

*

Para retomar a análise da compreensão do modo de formação do espaço mental, deve-se levar em consideração as contribuições da fotografia, cinematografia, holografia. A problemática da forma-imagem não diria tanto respeito, na verdade, àquela da sua formação geométrica, mas bem mais aos modos de aparição e de desaparecimento que dizem respeito à luz. Explicitando, aos modos de aparição dizem respeito à substância de uma luz solar, química, elétrica ou de outro tipo. Afinal, em que luz aparecem essas imagens mentais? Trata-se de que dia? Aliás, com referência a essa substância da luz, podemos dizer que a física contemporânea nos ensinou a considerá-la como material e, as técnicas da foto-sensibilidade (ótica, energética) nos acostumaram a utilizá-la como tal. O autor adentra-se, então, em análises sobre as conquistas das técnicas da foto-sensibilidade na utilização, por meio de um computador ótico, das *variações de intensidade de feixes luminosos em vez de corrente elétrica (a exemplo das fibras óticas) e capaz de processar bilhões de operações por segundo (grifo nosso) (p.92).* Eis aquilo que, a partir de agora deverá ajudar-nos na elaboração das bases de raciocínio necessárias ao exame das propriedades figurativas do imaginário, mas também à redefinição filosófica e científica das noções de espaço, tempo e dimensões (p.92).

Desde o *Quattrocento* estávamos persuadidos da **unidade do real e de sua representação**. Agora somos obrigados a realizar uma dilacerante revisão de nossos **conceitos figurativos**. Esta revisão efetiva-se, na verdade, através da consideração de uma espécie de história da imagem, onde ele assinala que, desde as imagens mentais (*imago*, etc...), passando pelas imagens ocular/binocular e ótica; pelas imagens gráficas/fotográficas/cinematográficas e videográficas, e passando pelas imagens da holografia, da infografia e até esta última imagem da ideografia (ou seja, da imagem mental reencontrada no espelho das tecnologias avançadas), e, culminando ainda, com uma reversão efetuada pelas radioscopia e endoscopia (pretendendo ver, não somente nossos órgãos internos mas nossos próprios pensamentos), *encontramo-nos na presença de um verdadeiro caleidoscópio, depósito de imagens, de figuras, cuja coerência jamais é questionada* (p.93). Efetivamente, o que nos parece dever ser questionado, seria a coerência da sua presença com aquela outorgada a um tempo de exposição (exposição tanto num tempo real quanto imaginário), logo de retenção, para mostrar que, **incorrer na mudança de um (a mudança do tempo real, por exemplo), afeta a do outro (a mudança do tempo imaginário), não necessariamente nesta ordem**. O que nos parece pertinente é tentar acompanhar a mudança desse *framing* de um tempo de exposição, através do qual nossa percepção/apercepção gira numa velocidade diferente e, como tal, proporcionando um diferimento *sui generis* do tempo.

Para Virilio, aquilo que se produz hoje na interface homem/máquina, a superexposição de telas, produz-se também no face a face homem/ambiente, na exposição da visão imediata. E isso porque, se na física do infinitamente pequeno, a aparência das superfícies esconde uma transparência secreta (uma espessura sem espessura, um volume sem volume), inversamente, na física do infinitamente grande, as maiores distâncias de tempo e as mais vastas extensões *não mais ocultam a visão direta, e isso, a ponto de a percepção dos fatos dar lugar a fatos da percepção sem precedentes* (p.93) que reajustam os dados da consciência, mas cuja **realidade sensível não pode mais ser apreendida**. Fala no inventor do iconoscópio em 1933 Vladimir Zworykin para que se entenda melhor a equivalência da ótica (telescópio ou televisual) e da energética. Equivalência que resultaria hoje em uma **fusão entre os vetores da representação acelerada** (eletrônica ou fônica), e **os vetores da comunicação hipersônica** (avião, foguete, satélite). Equivalência que, na verdade, desemboca numa **fusão/confusão do real e de sua representação** em que a analogia da ilusão de ótica e da ilusão motriz se confirma, e onde a célebre con-

quista do espaço é apenas a aquisição de uma imagem entre outras possíveis, uma forma-imagem, definitivamente privada de objetividade.

Para o autor é dentro destas condições que a **equivalência relativista das extensões e das velocidades torna-se um fato de percepção**, ou seja, um dado imediato da consciência. Não somente *a velocidade não é mais sublimada mas também é ela que dá forma às imagens: imagens da consciência (imagens mentais e oculares) e consciência das imagens (ópticas ou ótico-eletrônicas)* (p.94). Vemos aqui, uma vez mais, porque a mudança se estabelece, concomitantemente ao nível do real e do imaginário. Ou seja, a velocidade é agora como se fosse o conceito e a ação através do qual se efetiva a mudança das imagens da consciência e da consciência das imagens. A velocidade aparece como o caminho mais curto entre um ponto e outro, ou seja, como uma característica redutora de toda representação (sensível e científica) que, por sua vez, nada mais é que *um efeito real da aceleração*, ou seja, *um efeito de ótica da velocidade de propagação*. Por sua vez, esta velocidade de propagação é, ao mesmo tempo: a) velocidade metabólica, no exemplo das imagens mentais e oculares, e b) velocidade tecnológica, como dada no exemplo das formas-imagens da representação fotográfica e cinematográfica, nas imagens virtuais da infografia e na representação dos lasers óticos.

Segundo nosso autor, destaca-se a

importância da noção de interação a partir do conceito de interface, tanto no que diz respeito às concepções da física teórica, quanto na abordagem das questões de comunicação e de telecomunicação, ou seja, dos fenômenos teletopológicos evocados anteriormente (grifo nosso) (p.94).

Por outro lado, se todo sistema interativo supõe um confinamento, uma inércia e graus de liberdade, a organização do espaço e do tempo será, necessariamente influenciada.

*

O acima exposto levando à postulação de uma **imagem interativa**, levaria igualmente àquela de uma **cidade interativa**. E, se, como diz, Virilio, toda imagem é destinada à ampliação, na era da não-separabilidade, isto se efetiva graças ao desenvol-

vimento conjunto do ambiente eletrônico urbano e da arquitetura do sistema, *arquitetura improvável*, dirá o autor, mas da qual não se pode negar a eficiência.

O povoamento do tempo – com a ubiqüidade, a instantaneidade – suplantando o povoamento do espaço e, à organização durável dos continentes sucede a incontinência generalizada das transferências e das transmissões: daí o declínio dos grandes conjuntos políticos e jurídicos. Em tal enquadramento os itens de descolonização/descentralização/desurbanização pós-industrial/fenômenos de hiperconcentração não podem deixar de ser analisados. A hiperconcentração não pode mais ser interpretada como uma sobrevivência ou como o desenvolvimento de uma forma urbana, mas sim como um indicativo de uma massa-crítica, índice cataclísmico de uma **desintegração** próxima da cidade histórica, da urbanização tradicional e, da forma-Estado. O radioconcentrismo das trocas e das comunicações horizontais perdem seu valor, bem como a extrema densificação vertical, para dar lugar a uma **configuração morfológica inaparente em que o nodal** (nó de telecomunicações e pólo de teledistribuição) **sucedo o central**.

Assistimos ao declínio da sedentaridade urbana em benefício de um **confinamento interativo**, uma espécie de inércia do povoamento humano, para o qual Virilio propõe a denominação de **teleconcentrismo**. Nesse escopo, o *apartheid* Sul-Africano e o separatismo desenvolvido sistematicamente na Ásia são *práticas discriminatórias* que marcam o advento de um *endocolonialismo* pós-industrial que sucede ao exocolonialismo dos impérios centrais da era industrial. Essa introversão é explicada a um só tempo:

pela desindustrialização das aglomerações metropolitanas; pelo progresso da automação; pelo declínio da força de trabalho; pelas capacidades interativas instantâneas das tecnologias, que privilegiam a intensividade monopolística multinacional em detrimento da extensividade do capitalismo nacional (grifof nosso) (p.96).

O estado nacional termina por desaparecer em sua própria multiplicação, assim como o estado-cidade proliferou antes de se extinguir e dar lugar à capital única, pólo político da forma do estado nacional. Já que o interativo é intercambiável, o urbano não possui forma, a não ser esta *forma-imagem* sem dimensão, este *punctum* que se encontra em toda parte enquanto que a extensão mensurável não está em lugar nenhum. É um centro que exclui toda circunferência. Ao contrário da *polis* que permitia

um estado de direito para seus cidadãos moradores, autóctones e assimilados, **o estado de direito civil degrada-se assim como se degrada a forma metropolitana e a noção de direitos do homem**. Acopla-se a isto um nível de crise que afeta simultaneamente os locais, os homens, a justiça, o direito, e isso é politicamente comparável à *crise da noção de dimensão*. Esta crise da dimensão é curiosamente análoga ao caráter fracionário de nossas recentes concepções em matéria de física teórica, no advento de uma *desinformação transpolítica* só comparável ao excesso de informação. E, os Estados-de-emergência abarrotados por medidas provisórias, por tribunais de exceção, aparecem aí como *indícios de uma intensividade transpolítica, destrutora da permanência das leis, da longa duração do direito, da persistência de um Estado civil e (...) da decrepitude de uma paz civil* (p.98).

Eis como, com o abandono de populações tornadas supranumerárias e improdutivas pelo desenvolvimento da automação, o progresso da tele-informática, o declínio corpuscular do Estado-Providência vai fazer frente a uma geografia voluntária que será proporcional ao enfraquecimento da assistência, ou seja, a uma geopolítica da urgência/do desemprego, e do rebaixamento que ilustram o *surgimento do Estado-como-destino pós-industrial e transpolítico fundado sobre a ameaça, o risco apocalíptico e não mais sobre o inimigo político, o concorrente econômico, o adversário ou parceiro social. É o fim da união territorial e do direito de cidade em que os lugares, os homens e as coisas se tornariam intercambiáveis à vontade* (grifo nosso) (p.99).

A unidade de lugar é assim substituída pela unidade de tempo ou, como prefere dizer Paul Virilio por uma **cronopolítica da intensividade e da interatividade**, uma tecnicidade que sucede à longa duração da cidade, e onde *a arquitetura dos sistemas substitui definitivamente os sistemas da arquitetura e do urbanismos contemporâneos* (p.99).

*

Para nosso autor estamos, hoje, confrontados a três óticas. A primeira é a pequena ótica, aquela geométrica, a ótica passiva do espaço da matéria (do vidro, da água ou do ar) e que diz respeito à proximidade imediata do homem. A segunda, a grande ótica, é aquela ondulatória, ativa, do tempo da velocidade da luz e que não considera a noção clássica de horizonte. Esta é a eletro-ótica das ondas que o sinal de vídeo veicula e que torna possível a realização das tele-conferências entre os continentes. Ela diz respeito ao tempo real da transmissão instantânea e trata das conquistas da ótica adaptativa e utiliza os espaços da realidade virtual. Hoje **não falamos única-**

mente na extensão e duração do espaço da matéria, mas falamos também na sua espessura ótica do tempo da luz e da sua amplificação ótico-eletrônica. Tanto uma quanto outra exigiram a superação da perspectiva geométrica da Renascença italiana por uma perspectiva eletrônica, aquela de um tempo real da emissão e da recepção instantânea dos sinais de áudio e de vídeo. Por isso mesmo, devido a essas mudanças, assistimos a um último tipo de transparência que vem completar aquela natural da atmosfera terrestre e que ocasiona uma duplicação estereoscópica das aparências sensíveis, da representação do mundo e, portanto, indiretamente, da própria estética. Devido ainda a essa mudança, Virilio fala dessa estética do aparecimento dos objetos ou das pessoas que se destacam num horizonte aparente das unidades de tempo e de lugar que se deixa duplicar por uma estética do desaparecimento daqueles personagens que estão distantes, pois que surgem da ausência de horizonte da tela catódica, onde a unidade de tempo predomina sobre aquela do lugar de encontro.

Aquela **transparência direta do espaço** que nos possibilitava perceber nossa vizinhança imediata é agora acrescida de uma **transparência indireta do tempo da velocidade das ondas eletro-magnéticas**. Estas últimas transmitem agora nossa voz, nossa imagem e, porque não, nossa ação por meio do *Data Suit*? Uma das grandes questões é como viver essa fusão/confusão instantânea de uma realidade ubiqüitária: a do aqui e agora e aquela de uma telepresença à distância, que vai além do horizonte das aparências sensíveis? Como administrar o desdobramento desse horizonte aparente que baliza o limite de minha percepção cotidiana e desse horizonte trans-aparente de uma tela atemporal? Como não questionar a respeito dessa espécie de **relevo temporal que surgiu pelo desdobramento entre as proximidades espacial e temporal**, ou seja, o desdobramento do relevo de um mundo a partir de agora superexposto à amplificação eletro-ótica de sua profundidade de campo?

Hoje não podemos mais pensar a distância como sendo a profundidade da presença, mas tão somente a sua *intermitência*. Efetivamente *o tempo real do terceiro intervalo do tipo luz das ondas eletromagnéticas predomina sobre o espaço real da matéria, sobre a extensão, a duração das substâncias que compõem o estrito meio humano* (p.104). E, com isso enfrentamos **um novo tipo de dramaturgia** que procura se adaptar às novas tecnologias: a do **duplo eletro-ergonômico de presença espectral**. E a pergunta deve ser colocada: a que tipo de acidente corresponderia esse tipo de acidente de inovação técnica? Que tipo de traumatismo do nascimento, tanto do sujeito quanto do objeto devemos esperar daí? A poluição ecológica causou a degeneração das substâncias atmosféricas, hidrosféricas,

mas agora, a poluição *dromosférica das distâncias de tempo* reduz ao nada ou ao quase nada a *extensão de um planeta estrito suspenso no vazio sideral...* (p.105).

*

A poluição dromosférica atinge o espaço-tempo do nosso planeta. Existe uma dimensão oculta na revolução das comunicações que afeta a duração, o tempo vivido das nossas sociedades. O meio geofísico sofre uma desqualificação, assim como o horizonte aparente do nosso cotidiano, e o horizonte profundo do imaginário coletivo, em favor de um horizonte trans-aparente da amplificação ótica (eletro-ótica e acústica) do meio natural do homem. Na análise dessa desqualificação, Virilio acredita que a atual preocupação ecológica encontra sua fragilidade teórica, quando deixa de abordar

os regimes de temporalidade associados aos diversos ecossistemas, em particular àqueles que tem origem na tecnosfera industrial e pós-industrial (...), bem como não questiona verdadeiramente o diálogo homem-máquina, a estreita correlação entre diferentes regimes de percepção e as práticas coletivas de comunicação e de telecomunicação (p.106).

A poluição dromosférica tem origem no esquecimento do ser do trajeto. Na verdade, se a subjetividade e a objetividade são enfocados sistematicamente, a trajetividade, fora do escopo da mecânica, da balística ou da astronomia, é ignorada. Neste **trajetivo**, neste **ser do movimento** do aqui até o além, damo-nos conta dos regimes de percepção, dos regimes de visibilidade das aparências ligados às histórias das técnicas e das modalidades de deslocamento. Atualmente, a revolução tecnológica incidindo numa transmutação da profundidade de campo, trazendo a conseqüente espessura ótica do meio ambiente humano, põe em causa a amplitude residual da extensão do mundo. É como se nos encontrássemos em uma divisão do conhecimento do ser no mundo. De um lado temos aquele para quem predomina o trajeto, por exemplo, o nômade das origens, e, do outro, o sedentário, para quem prevalece o sujeito e o objeto, um movimento em direção ao imóvel. Esse movimento sedentário vê-se atualmente aumentado pelas tecnologias da telepresença e como conseqüência prática da chegada

desse terceiro horizonte da visibilidade indireta, podemos pensar numa **sedentarização terminal**, onde se perde a narrativa do trajeto.

Quando o tamanho natural não é mais o parâmetro do real, *a realidade parece se desculpar por possuir um relevo, uma espessura qualquer* (p.109), o intervalo, ao transformar-se, em interface, perde, igualmente o peso e a densidade. **A lei da proximidade eletromagnética**, ao adquirir a preferência sobre as coisas ao alcance de mão, termina por **transformar a realidade em algo de seqüencial** e o desfilarmático se sobrepõe à estática e à resistência dos materiais. Virilio pergunta-se até se não poderíamos considerar que a vertigem seria causada por uma visão das verticais em fuga? Ao considerá-la como tal, então a perspectiva do espaço real do Renascimento italiano teria sido *primeira forma de vertigem originada no horizonte aparente, uma vertigem horizontal provocada pela parada do tempo na intersecção das linhas de fuga?* (p.109). E mais, se o princípio da intersecção foi aplicado ao tempo antes de o ser ao espaço, não teria sido esta concepção renascentista do espaço uma simples consequência da parada brusca do tempo? Se assim foi, o relevo perspectivista renascentista não teria sido uma **vertigem** provocada pela parada do tempo no instante (real) do ponto de fuga? Para corroborar essa a inquietação, podemos fazer alusão ao tempo de exposição da placa fotográfica que, finalmente, é tão somente uma exposição do tempo à luz da velocidade, ou seja, à frequência da onda carregada de fótons...

Explicita-se então porque, se o tempo da cronologia, o tempo linear cotidiano não pára, a definição de um tempo fotográfico não seria mais aquela de um tempo que passa, mas sim de um **tempo que se expõe** e que vem após o tempo da sucessão clássica, pois que o tempo da rápida tomada de imagens é, na sua origem, o tempo-luz. Nessa linha de reflexão Virilio sugere que pensemos na tela de transmissões televisivas como um filtro, agora, não mais como o filtro monocromático da fotografia, mas como um filme monocromático *que só deixa ver o presente* (p. 110), e onde (...) *parece que o relevo do mundo (a sua alta definição) seja apenas o efeito de uma imperceptível fixação do presente (...) uma ausência infinitesimal da duração, sem a qual o espetáculo do visível simplesmente não existiria* (p.111).

Com efeito, o que se trata de explicitar ao longo desta complexa intrusão numa ótica cinematográfica e suas injunções luminosas e gravitacionais, seria **esta súbita ampliação da visão, consecutiva ao aumento da velocidade**. A vertigem causada pela perspectiva, sua gravidade aparente ilustram sua origem, esta sim, verdadeiramente gravitacional. Através do exemplo do paraquedismo de uma queda-à-vista, compreen-

demos então que *a geometria perspectiva (...) aparece como uma precipitação da percepção em que a própria rapidez da queda livre deixa ver a característica fractal da visão resultante da acomodação ocular a grande velocidade* (p.111). Aqui, a perspectiva não é tanto aquela do espaço, mas aquela do tempo que resta, ou seja, aquele tempo da queda que depende intrinsecamente da gravidade. Prioritariamente, quer perguntar se, na atual reorganização das aparências, *a imperceptível parada no tempo na intersecção das linhas de fuga da perspectiva cede agora lugar a uma interrupção de mundo, ou seja, a uma imperceptível retenção de sua extensão e de sua diversidade regional*.

Com efeito, **a velocidade oferecida pelos meios eletro-ótico acústicos torna-se uma espécie de último vácuo**, ou seja, **o vácuo do veloz**, que, ao não depender mais dos intervalos entre as coisas, mas sim de uma interface, cuja retransmissão instantânea, ao reter o geográfico e o geométrico, fará desaparecer o volume e o relevo. Eis o que Virilio diz ser *a crise, ou mais exatamente, o acidente da espessura ótica do espetáculo visível e das paisagens* (p.114). É como se, ao perdermos de vista aquilo que está próximo a nós, perdêssemos, aí mesmo, a terra. E, ao lembrar-nos da arte do trajeto praticada pelo nômade, *essa forma singular de vertigem causada pela profundidade de campo do horizonte aparente do espetáculo do mundo* (p.114), devemos estar cômnicos que a poluição dromosférica das distâncias *atinge o sujeito, a mobilidade do objeto, atrofiando o trajeto ao ponto de torná-lo inútil* (p.115).

Impossível não nos reportarmos aqui ao *Architecture Principe* e a todos aqueles projetos de trajetividade através da preocupação gravitacional na articulação do metabolismo humano à função arquetônica da pendente. A intuição da mudança que deveria advir através da velocidade era aí, constatamos uma vez mais, pungente, e, sentimos que, por deficiência da nosso conhecimento científico apropriado à questão, não possamos desenvolver, à altura, a complexidade da real mudança epistemológica que se encontra, aí, implícita. Fica para nós um desafio a ser enfrentado daqui por diante, no deciframento da dramaturgia viriliana.

*

No âmago dessa poluição das distâncias, do tamanho natural que reduz a nada as dimensões terrestres, sabemos que vige, em consonância íntima, a conseqüente degradação da natureza e da qualidade da proximidade entre os grupos humanos. A **unidade de vizinhança** tão trabalhada pelo urbanista Virilio pede, com efeito, uma reavaliação em profundidade, no enfrentamento desse novo tipo de *proximidade eletro-*

magnética das telecomunicações instantâneas. E se, *o acidente ajuda a conhecer a substância, o acidente da queda dos corpos revela a qualidade de nosso meio de vida, sua gravidade específica* (p.118). A separação midiática omite, com extrema facilidade, o fato de habitarmos as mesmas dimensões físicas na escala do espaço e nos períodos de tempo das dimensões naturais. Se assim não fosse, ela levaria mais atentamente em consideração o artifício das técnicas de transporte e de transmissão neste cenário onde o contexto de um espaço-tempo encontra-se totalmente desgovernado pelas tecnologias da ação à distância. Articular uma **ecologia urbana** que procuraria fazer face ao aparecimento desta **cidade-mundo**, totalmente dependente das telecomunicações, torna-se uma diretiva para uma *nova inteligência do artifício e não somente [para] uma outra política da natureza* (p.116).

Quando a espessura ótica da atmosfera é reduplicada pela espessura eletro-ótica e acústica no âmbito das telecomunicações em tempo real, como não praticar o domínio da relatividade, instaurando uma relação nova com os lugares e as distâncias de tempo criados pela velocidade absoluta das ondas? O espaço, esta extensão em tamanho natural, abandonado até mesmo por uma geografia que foi transformada numa ciência do espaço abstrato, esse espaço deve ser usado fora dessa redução efetivada pelas tecnologias, deve ser percorrido e habitado pelo homem. Talvez, que *num mundo de uma proximidade sem futuro, onde as tecnologias do tempo real irão em breve sobrepor-se àquelas do passado que organizavam o espaço real do planeta* (p.118), seja o momento oportuno para nos questionarmos até que ponto estamos realmente cômicos dessas mudanças, e para onde nos pode levar a reflexão e a ação, imprimindo à problemática, em curso acelerado, vetorizações alternativas.

Nota

O espaço crítico

- ¹ A primeira publicação deste texto teve como título *La Crise des dimensions: La représentation de l'espace et la notion de dimension* (*A Crise das dimensões: A representação do espaço e a noção de dimensão*). Foi publicado em 1983, pela UDRA-ESA, *Unité de Recherche Appliquée-École Spéciale d'Architecture*, Paris, 119 p. Em 1984 teve sua publicação revisada e aumentada pela editora Christian Burgois, Paris, 187 p. A sua tradução para a língua portuguesa recebeu o título de *O Espaço Crítico e as perspectivas do Tempo Real*, pela Editora 34 (Coleção Trans), Rio de Janeiro em 1993, com tradução de Paulo Roberto Pires.
- Seguiremos aqui a paginação da edição brasileira do *Espaço Crítico*, R.J., Editora 34, 1993. A obra divide-se em cinco partes, cujos títulos estão assim dispostos: **Primeira Parte:** "A Cidade Superexposta"; **Segunda Parte:** "A Fratura Morfológica"; **Terceira Parte:** "A Arquitetura Improvável"; **Quarta Parte:** "A Dimensão Perdida"; **Quinta Parte:** "As Perspectivas do Tempo Real".
- ² Manteremos, neste texto, tão somente os **Argumentos** que nos pareceram se adaptar mais adequadamente à continuação do desenvolvimento de conceitos e temas trabalhados nas obras anteriores. Não abordaremos, em detalhe, os tópicos que enfocam as discussões cujo escopo de explicitação com as teorias trabalhadas pelo autor (principalmente no domínio da física, matemática e astronomia) está fora da nossa esfera de competência epistemológica.